

Junho 2005 a Setembro 2005

A Revista "O Vencedor" pode ser enviada para qualquer lugar do mundo, a toda pessoa interessada, livre de quaisquer ônus.

Se você tem algum amigo que gostou da revista pedimos que nos informe seu nome e endereço para que possamos enviar-lhe gratuitamente um exemplar.

O financiamento deste ministério depende das doações dos leitores, e muito nos alegamos em saber que alguns dos nossos irmãos estão prontos para ajudar com alguma contribuição.

As ofertas de amor devem ser enviadas para o endereço da

Editores Restauração, assim como as demais correspondências. Operamos pela fé na provisão do nosso Senhor Jesus Cristo.

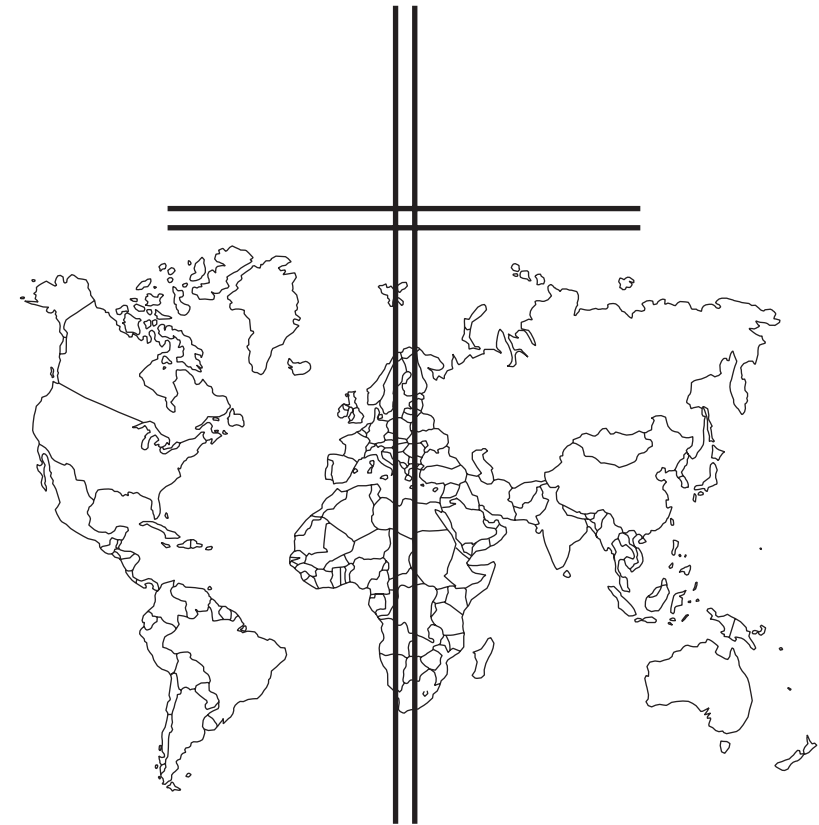
Esta obra é uma tradução fiel da "The Overcomer Magazine" com a devida autorização dos irmãos responsáveis por sua edição na Inglaterra há quase cem anos.

Dependemos da sua intercessão para que o trabalho de tradução, revisão, edição e publicação de "O Vencedor" seja dirigido e sustentado exclusivamente pelo Senhor.

A graça e a paz seja com todos.

Amém

O Vencedor



"FILHOS DO REI"

ENSINAMENTO BÍBLICO
PARA PROMOVER O
CRESCIMENTO ESPIRITUAL

O Vencedor

Versão em Português: Volume II Número 1 Junho 2005.

Traduzida e revisada por Tathyane M.L.Faoth,
Ana L.G.V.Muniz, Francisco Nunes e João A.F.Barros.
Publicada pela Editora Restauração.
Editada por João Alfredo F. Barros.

Original em Inglês: Volume LXXXVI Número 1 Março 2005.

Fundada pela Sra. Jessie Penn-Lewis em 1909.
Publicada por The Overcomer Literature Trust.
Editada por Michael Metcalfe.

Conteúdo:

“FILHOS DO REI”

	Página
ELE OU ELA	
A Mensagem do Rei	1
CARTAS DOS EDITORES	2
CRISTO E SUA IGREJA	
De uma antiga edição	3
VIDA QUE PROCEDE DA MORTE	
Por J.C.Metcalfe	5
A MUDANÇA DE CENTRO ATRAVÉS DA CRUZ	
Pela Sra Jessie Penn-Lewis	10
A NOVA CRIAÇÃO	
Por Ruth Paxson	15
TORNANDO-SE UM DISCÍPULO	
Por Campbell Morgan	17
O DIVINO LEGADO DA PAZ	
Por Horatius Bonar	20

Toda correspondência concernente a esta revista,
doações para custear a sua publicação, mudanças de
endereço, etc., deve ser enviada para:

Editora Restauração - Revista "O Vencedor"
Caixa Postal: 1945
Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80.011-970
e-mail: ovencedor@editorarestauracao.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA RESTAURAÇÃO

Revista Quadrimestral - “O VENCEDOR”

Boletim Mensal - “O MENSAGEIRO DAS BOAS NOVAS”

Livretos - “RESTAURANDO A EXPRESSÃO DA UNIDADE DA
IGREJA” Volume I - “A CEIA DO SENHOR” - Partes 1 a 4

Livreto - “A SALVAÇÃO DA ALMA” - Watchman Nee

Livreto - “A VERDADE ACERCA DO NATAL”

Livreto - “NÃO DEIXE A CONGREGAÇÃO” - J.Preston Eby

Pregações em CD - “PREGAÇÃO DO EVANGELHO DO REINO”

Todas as publicações se encontram disponíveis na página da
internet www.editorarestauracao.com.br ou poderão ser
solicitadas pelo endereço da Editora.



*"O qual (Jesus Cristo) convém que o céu contenha até aos
tempos da **restauração** de tudo, dos quais Deus falou pela
boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio."
(Atos 3:21).*

ELE OU ELA*

Esta parece ser a questão. **Ela**, é uma coisa. **Ele**, é uma pessoa. Se entrarmos na posse **dela** quase que invariavelmente a perdemos. Noventa entre cem que a possuem a perdem; **ela** os mantém continuamente possuindo e perdendo, e isto faz a vida muito insatisfatória para ganhadores e perdedores e quase todas as demais pessoas. A COISA não é capaz de fazer a obra DAPESSOA.

Tudo que se perde muito facilmente não é a coisa adequada para estes tempos e para Seus propósitos. Na verdade, **ela** é tão perdível que não sabemos exatamente quando a temos e quando não a temos; então achamos necessário busca-la novamente com fortes clamores e lágrimas; isto deve ser feito para retê-la.

Nossa santificação é algo tão valioso que precisamos vigia-la, protege-la e guarda-la, assim não temos tempo ou lugar para qualquer outra obra e nos tornamos religiosamente egoístas em nossa diligência para mantê-la. Para isso devemos falar, pregar, e escrever sobre **ela**. Precisamos declarar corretamente nosso Lema e nos associar somente com os que o professam, denunciando os que colocam algum outro em seu lugar. Falo em amor. Não tenho controvérsia, não guardo rancor. Tentei a SUA vida por muitos duros, fatigantes e insatisfatórios anos. Eu **a** recebi, plena, clara e satisfatoriamente **a** recebi.

Ela era o que eu buscava, e de acordo com a minha fé foi feito. Como

recebi, assim andei. Como fui ensinado, assim fiz. Orei, ninguém poderia ter sido mais metucioso em fazer sua obrigação do que eu. Em jejuns era fiel, pois isto era necessário para mantê-la; e os anos de Sextas-feiras de jejuns eram meus. Orar, professar e jejuar não era suficiente para mantê-la, pois **ela** era escorregadia e escorregaria, e pensei que morreria. Obras, boas obras, eram conduzidas como passatempo; preguei para nada, construí igrejas e alimentei o pobre, estabeleci e mantive missões. Nunca li um romance, nunca pesquei um peixe ou cacei um animal, ou assisti a uma peça, ou fui a um baile, ou a uma corrida, ou a um jogo.

Dei meu dinheiro, tempo e talentos gratuitamente para segura-la. Não zombei. Separei a mim mesmo, bani e condenei os outros. Usei roupas modestas e vivi uma vida modesta. Fui às reuniões ao ar livre e ganhei centenas, pagando suas despesas, para que eles pudessem recebe-la. Mantive reuniões por anos nesta linha, dia e noite, nas igrejas em que era pastor. Vi milhares recebe-la, cria verdadeiramente que estava fazendo a vontade de Deus e que, guardando a benção da santificação, eu tinha tudo o que havia para mim. Pensar em algo mais ou melhor era uma desilusão e um laço, achava melhor apenas guardar o que eu tinha ou **a** perderia totalmente. Devo ter cuidado com o fanatismo, pois era a ruína e o veneno **dela**.

Eu e eles nos tornamos



Free Editora e Gráfica Ltda.

Rua Carlos de Laet, 4791 - Boqueirão
81.730-030 - Curitiba - PR
(41) 287-3857 / 286-8876
freegraf@brturbo.com

inteiramente ligados e só íamos à reuniões santas ouvir pregações santas. Nos tornamos mais e mais restritos, até que nos coroaos uns aos outros e dissemos coisas significativas uns aos outros. Isto era condição indispensável, assim pensava, para mantê-la. Gastei minha voz, acabei com minha saúde e com a força em minha diligência para mantê-la e expandi-la; minha vida era um fracasso e meus esforços infrutíferos.

No tempo desse dilema, quando meu coração e carne me desapontavam e estava a ponto de abandonar-la por dúvida e insatisfação, uma PESSOA veio me resgatar. Eu estava só, não havia ninguém por perto, ninguém estava interessado. Ele me tranqüilizou, silenciou minhas murmurações e queixas, sussurrou a mim em amor, que ELA não era capaz, mas ELE era. Ele comungou comigo e

CARTAS DOS EDITORES

Meus queridos amigos,

Nestes tempos turbulentos é bom nos lembrarmos de quem somos "Filhos do Rei". Nosso Deus reina e sempre nos chama para entrarmos em um relacionamento mais próximo, real e vital com Ele, o grande Deus e Pai de nosso Senhor, Jesus Cristo. Jesus disse para cada um: "Siga-Me; lembre-se de que estarei sempre contigo", e nos deu do Seu Espírito para nos capacitar a andar em Seu caminho.

Capacitados pelo Seu poder, guarnecidos por Sua paz e fortalecidos por Sua graça, prossigamos em conhecer o Senhor e viver para Sua glória e bênção de outros.

Seu no amor de Jesus.

Michael Metcalfe

gentilmente sugeriu que eu O tomasse como Tudo em Todos. Eu disse "Sim" a Ele, isto é tudo.

Nenhuma nova benção, o Abençoador chegou. Ele, Ele Mesmo, uma Pessoa, e minha vida mudou. Ele sustenta, Ele satisfaz. Meu afazer agora está feito, eu descanso e regozijo; a dureza da minha vida se foi toda. Sua doçura veio. Sua mansidão me fez generoso. Ele e o que é dEle, são meus e eu sou dEle. Ele nunca me deixa. Ele me ama. A vida DELE é mil vezes melhor do que a vida DELA. Eu sei, eu provei a ambas. Amado, receba a ELE.

(A Mensagem do Rei de uma antiga edição de *The Overcomer*.)

*A palavra usada no original em Inglês é o pronome pessoal neutro "it", o qual não possui equivalente em Português. Na tradução foi usado o pronome pessoal feminino "ela", indicando uma "coisa".

especialmente o da paz. Essa é facilmente perturbada, facilmente quebrada, mudando constantemente.

5. A paz de Cristo é santa, a do mundo profana. A paz de Cristo é eterna, a do mundo cedo finda. Por mais longa, a paz do mundo é apenas para uma existência, mas raramente dura a metade, quando muito, mais geralmente um dia ou uma hora. Paz eterna é dom de Cristo!

Quanto ao dar:

1. O dar de Cristo é gratuito, nenhum dos dons do mundo é assim. Ele dá como se deu a si mesmo. O mundo barganha e vende.

2. O dar de Cristo é genuíno, o do mundo é fingido. O mundo nos deseja paz, essa é sua saudação diária, mas tudo é insincero. Cristo tenciona o que Ele diz quando nos deseja paz!

3. O dar de Cristo é voluntarioso. O mundo não tem prazer em dar; não é generoso e amoroso. Cristo dá como um Rei em total amor. Ele não censura.

4. O dar de Cristo é imediato; o do mundo é tardio. O mundo nos deixa esperando, Cristo não. Sua palavra é agora!

5. O dar de Cristo é irrevogável, o mundo freqüentemente toma de volta o que deu. Sua paz é certa, Ele não a revoga, nem a revogará para sempre.

Que vívido contraste! Pode alguém hesitar em escolher? Rejeitar a falsa paz do mundo e tomar a verdadeira paz de Cristo é uma das coisas mais razoáveis que pode ser proposta ao homem! Considere bem o contraste e aja adequadamente.

c) A consolação. "Não se turbe o vosso coração". Existirão muitas coisas para perturbar e amedrontar neste mundo; um mundo onde tudo é ódio, inimizade e perseguição; mas contra tudo isso uma provisão foi feita e ela é a paz de Cristo. Sem dúvida Ele dá também outras coisas para os dias de provação força, fé, esperança mas é a Sua paz que é o antídoto especial, o preeminente sustentador e confortador nas horas difíceis.

É paz, e que paz! Ela conserva a alma firme quando a tempestade é furiosa. Ela nos faz sentir como se ocultos na concha da mão de Cristo, protegidos por Seu escudo, acolhidos em Seus braços. É luz nas trevas, é uma torre forte em meio ao assalto das hostes. Deixemos o mundo repreender ou perseguir, temos uma paz interior que satisfaz mais do que todas suas reprovações e perseguições. Deixemos o Anticristo e Satanás se enfurecerem, a paz interior divina nos mantém inalteráveis. Deixemos as dores físicas nos assaltarem, somos sustentados pela paz de Cristo. Nosso coração não está perturbado com ansiedade ou acusação, nem temerosos em meio à perseguição e injúria.

Com a paz de Cristo em nós e o próprio Cristo como companheiro ao nosso lado, vamos em frente em nossa peregrinação na possessão de uma paz celestial que nos preserva em perseverança e tranqüilidade, que nos faz invencíveis, mais do que vencedores, através dAquele que nos ama.

(Do livro "*Estudos do Evangelho de João*" [Studies in the Gospel of John])

santos, “Aminha paz vos dou”.

4. Foi a paz de alguém cujo relacionamento com o Pai o fez possuidor da paz peculiar. Há algo na paz filial, a paz de um filho resultante da conexão entre seu pai e ele mesmo e de sua própria posição peculiar na casa, a qual não pode ser muito bem descrita. Quanto mais é esta verdade da paz dEle que é o Filho Unigênito de Deus? Sua deve ter sido a paz tão especial quanto infinita, a paz depositada no seio do Filho amado pelo próprio Pai. Essa não é a paz de um servo ou de um amigo, mas a paz de um Filho, e que Filho! Essa paz divina e filial, a paz do Unigênito do Pai, Ele a transfere a nós como Seu dom gratuito: “A minha paz vos dou”. E isso tudo se torna mais verdadeiro e abençoado quando aqueles a quem Ele dá a paz são os próprios filhos de Deus! O Pai deposita uma paz especial de Seu seio paternal no seio de Seu Filho amado; e esse Filho deposita essa paz especial no seio daqueles que são participante de Sua filiação, os verdadeiros filhos de Deus!

5. Foi uma paz que jamais poderia ser destruída. A paz é como Ele mesmo, e como Aquele de quem Ele a recebe, eterna e imutável. Esta paz é participante de Seu caráter como alguém eterno, o mesmo ontem, hoje e para sempre. É a paz iniciada agora, dada aqui mesmo, é a paz a ser perpetuada no reino eterno, paz sem fim, interrupção ou mudança para sempre.

Assim é o dom de Cristo para os seus! É precioso, perfeito e divino. É como Ele mesmo. É uma paz que ultrapassa todo entendimento. Que tesouro para a terra! Que penhor de abundante riqueza armazenada para nós

quando Ele vier novamente. Por maior que seja a paz que Ele dá agora ela é nada para a paz reservada para nós no futuro. Ele a dá aos Seus, e propõe a todos os homens que se acheguem para se tornarem dEle! “Vinde a mim e lhes darei descanso”, é Sua primeira mensagem; e a segunda é como esta, “A minha paz vos dou”.

c) O contraste. “Eu não vo-l dou como o mundo a dá”. Em todos os aspectos há um contraste entre Cristo e o mundo, com nenhuma semelhança ou simpatia. Mas não é dEle mesmo que Ele fala aqui, mas de Seus dons e maneira de dar. A paz de Cristo e a do mundo são opostas; assim são o Seu dar e o do mundo.

Quanto à paz:

1. A paz de Cristo é perfeita, a do mundo é parcial e imperfeita, superficial e fraca. É e tem sido uma coisa pobre e escassa na melhor das hipóteses.

2. A paz de Cristo enriquece a consciência, a do mundo não. Ela alivia a consciência adormecida, mas isso é tudo. Ela intoxica, mas não dá descanso para o homem interior. Ela não é o resultado de uma consciência purificada ou pacificada.

3. A paz de Cristo é satisfatória, a do mundo é insatisfatória. A paz que vem de qualquer forma e de qualquer região deste mundo maligno não pode satisfazer. Não encontra nenhuma ânsia e desejo de nosso espírito, não alimenta nossa fome ou extingue nossa sede. Ela nos deixa tão vazios quanto antes. Ela fala de paz quando não há nenhuma.

4. A paz de Cristo é firme, a do mundo é oscilante. O mundo em si mesmo é instável e assim os são seus dons,

Amados irmãos,

O fato de sermos feitos “filhos do Rei” é um grande privilégio que, sem dúvida, não merecemos. Nenhum homem pode fazer nada para alcançar tal lugar; apenas o sacrifício único e suficiente do primogênito Filho de Deus, Jesus Cristo, foi capaz de nos conduzir a essa posição. Entretanto, precisamos saber que esse privilégio requer de cada um de nós uma grande responsabilidade.

A princípio, quando Deus opera em nós o milagre do novo nascimento, somos apenas crianças que não sabem nada sobre Seu grande propósito. Precisamos, depois disso, ser alimentados todos os dias pela graça e conhecimento do Senhor para que Sua pessoa seja formada em nós, até que cheguemos à maturidade e varonilidade do Filho de Deus.

Muitos são os chamados para fazer parte da grande família que Deus está constituindo, mas são poucos os escolhidos para governar com Ele sobre toda a Sua criação. O propósito de Deus é o de ter muitos filhos por adoção em Cristo, mas, entre estes filhos, alguns serão separados para reinar com Ele eternamente.

Portanto, há uma diferença muito grande entre ser apenas salvo pela graça e misericórdia de Deus e ser, além de salvo, aperfeiçoado por Ele e preparado para a grande comissão. Sempre é muito proveitoso meditar nisso. Somos apenas chamados para sermos “filhos do Rei” ou, muito mais do que isso, somos escolhidos para reinar com Ele?

Que o Espírito Santo nos guie no caminho da maturidade, pois já fomos feitos “filhos do Rei” e agora anelamos ser preparados para reinar eternamente com Ele.

Amém.

João Alfredo

CRISTO E A IGREJA

Existem poucos assuntos mais maravilhosos para meditação do que a relação que o Senhor estabeleceu entre Si mesmo e Sua Igreja, e em nenhum lugar isso é mais revelado do que na posição responsável em que Ele a colocou durante Sua ausência.

Vamos considerar isso

somente em um de seus aspectos. Os homens que deveriam ser as testemunhas daquela ressurreição estavam todos presentes, menos um. O pronunciamento da bênção, “Paz seja convosco”, foi dado. Seguiu-se o contentamento de coração que sempre a acompanha. A bênção foi repetida e, com

ela, a comissão: “Assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (Jo 20:21). Alguém, que é eminente tanto por sua erudição quanto por seu amor à verdade, comenta que a Igreja é mais endividada com as pequenas palavras da Bíblia do que pensa. De fato, muito da mente do Espírito é comunicado a nós em pequenas palavras. É assim aqui: **“Assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio a vós!”**

Nosso Senhor assemelhou a comissão dada agora aos Seus discípulos com a comissão dada por Seu Pai a Ele. Vamos traçar algumas de suas analogias.

Cristo era o representante do caráter de Seu Pai. No mais elevado sentido, certamente o caráter da Divindade nunca poderia ter sido plenamente compreendido pela criatura a menos que Cristo aparecesse como homem. Mas, adicionalmente à apresentação dos atributos divinos que Cristo manifestou, o nome, o caráter e a honra de Seu Pai estavam sempre presentes em Sua mente e pensamento, e Ele os preservou e exibiu em toda a pureza e atratividade deles.

“Eu honro o meu Pai” era Sua palavra aos Judeus (Jo 8:49). Isso fora predito sobre Ele eras antes: “Eu o dei como testemunha” (Is 55:4).

Ele era, então, o representante, a testemunha e o guardião do caráter de Seu Pai no mundo. Como Ele mostrou isso? Principalmente por Sua vida. Suas palavras eram cheias de poder, mas Sua vida era ainda mais poderosa. E assim

deveria ser conosco.

É dito do profeta Samuel: “E nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra” (1Sm 3:19). Se desejamos o mesmo testemunho, nossas ações devem estar em harmonia com nossas palavras.

Em ambas, vida e palavras, devemos ser testemunhas de Cristo. Quer queiramos ou não, nossa influência deve ser sentida, e essa influência é tanto consciente como inconsciente: consciente em nossos esforços vigilantes para falar e agir para a glória de Cristo e inconsciente em relação ao nosso real caráter. **Como somos** assim será nossa influência.

Ser testemunha de um Salvador invisível é a alta honra posta sobre todos os Seus seguidores. Estamos buscando isso? Se sim, somos bem-aventurados. Isso implica muitas coisas: a renúncia do ego no mundo, na Igreja, na família, nas transações da vida, nos negócios, tanto quanto no lugar secreto.

Esta foi uma declaração de repreensão de um homem de grande notoriedade como escritor público: “Conheço homens e mulheres que se vangloriam de sua separação do mundo porque nunca foram vistos num teatro ou numa sala de concerto, dos quais a cobiça, a insinceridade e o discurso de censura aos outros os declaram imersos no mundanismo de seus próprios lábios”.

Tiago, o severo denunciador do uso licencioso daquele membro obstinado, a língua, é raramente citado pela maioria dos cristãos. As palavras

qualquer outra paz. O que foi então a paz de Cristo?

1. Foi a paz de uma consciência na qual jamais repousou a sombra de um sentimento de culpa. Foi pre eminentemente “uma boa consciência”, uma consciência isenta de ofensa. De onde vem nossa falta de paz? De um sentimento de culpa na consciência. É uma má consciência que nos perturba. A mínima partícula ou sombra de culpa quebra nossa paz. Já em Jesus havia a perfeição de uma boa consciência. Nenhuma sombra sequer jamais repousou ali. É um pensamento abençoado que existiu uma vez aqui, um homem como nós, cuja consciência nunca foi tocada com a mais leve mancha de culpa; que nunca teve de se arrepender de um pensamento, ou revogar uma palavra, ou desejar não ter feito uma ação. A paz que Ele possuía era profunda, mesmo em meio a um mundo tempestuoso. É nesta profunda paz de consciência que Ele nos guiaria. Daquela verdadeira paz Ele nos faria participantes. O resultado de nosso “receber” a Ele, ou “crer em Seu Nome”, é de conduzir-nos ao mesmo estado de consciência e àquele mesmo tipo de paz que Aquele que não conheceu pecado possuía. Nossos vasos, são de fato pequenos e podem conter pouco, o dEle era grande e podia conter muito, mas o tipo ou qualidade daquela paz que os enche é a mesma. Ele fez a paz pelo Seu sangue na cruz, Ele é de fato a nossa paz e, logo que somos levados a saber disso e a toma-Lo como nossa paz, somos feitos participantes não meramente da paz, mas daquilo que Ele chama de “a minha paz”.

2. Foi a paz de alguém

inteiramente obediente à vontade do Pai. Foi para fazer essa vontade que Ele veio. Sua vida era faze-la: “Me deleite em fazer a tua vontade, meu Deus”, “Seja feita a tua vontade e não a minha”. Como em toda obediência há paz, assim na obediência a tal vontade, da parte de um ser como o Filho, deve ter havido uma paz que ultrapassa todo entendimento, uma paz completamente infinita, uma paz proporcionada para a totalidade e perfeição da obediência. Tal obediência jamais fora prestada antes e tal paz jamais foi possuída, nem na terra nem no céu, por homem ou anjo. É a esta paz que Ele nos guia: a paz perfeita e profunda, a paz que não provém nem é proporcionada à nossa obediência, mas à dEle; a paz da qual a Sua obediência ao Pai é, ao mesmo tempo, o fundamento e a medida.

3. Foi a paz de alguém cuja peculiar constituição da personalidade o fez participante de uma paz peculiar. Ele era “a Palavra que se fez carne”; Filho de Deus e Filho do homem. Como tal, Ele era um vaso de dimensões infinitas, capaz de conter uma paz tal que ninguém jamais poderia conter. Neste vaso de infinita capacidade toda a plenitude da paz foi depositada pelo Pai, e fora deste vaso esta paz é depositada em nós, não com a mesma amplitude, mas no obstante proporcionalmente à nossa capacidade. É da paz divina do Deus-homem que somos feitos participantes. Que paz há como esta? Como as uvas de Escol eram de delicadeza peculiar, os cedros do Líbano de beleza peculiar, os jardins de Salomão de fertilidade e fragrância peculiares, assim era esta paz que enchia o Cristo de Deus peculiarmente excelente, e dessa paz peculiar Ele dá a promessa aos

O DIVINO LEGADO DA PAZ

Por Horatius Bonar

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou como o mundo a dá”. (Jo 14:27).

Certamente “ninguém jamais falou como este homem!” Os homens bem podiam se maravilhar das “palavras graciosas que vinham de seus lábios”. A graça brotava de Seus lábios, e de Seus lábios a graça fluía para os filhos dos homens. Ele tinha a língua de erudito, para que pudesse falar palavras a seu tempo ao cansado (Is 50:4); e abençoadas eram as palavras que falou aos tais.

Nunca ninguém entrou tão profunda e ternamente em nossos sentimentos, prevendo, com Suas palavras de compaixão e consolação, cada tristeza e necessidade! Que amor há aqui! Que cuidado e simpatia! Que majestade também! Pois somente aquele que sabia ter vindo de Deus e estar voltando para Deus, e que Ele mesmo era a infinita fonte da paz, poderia dizer: “Deixo-vos a paz”. As palavras proferidas aqui são certamente a segurança para nós do amor e poder do promitente. Ele também é capaz para cumprir. As palavras ainda são frescas e novas. Elas jamais poderão envelhecer; pois Aquele que as proferiu é o mesmo “ontem, hoje, e sempre”. Elas foram ditas a nós nestes últimos dias tão verdadeiramente como foram nas eras passadas. Cristo se referia a nós quando as proferiu. Notemos aqui: (a) a herança; (b) o dom; (c) o contraste; (d) a consolação.

a) A herança. “Deixo-vos a paz”. Esta é a divisão de bens de alguém que estava para partir. Ele mesmo estava se despedindo, mas não levaria Sua paz embora Consigo. Ele a trouxe quando veio (“paz na terra”), e a deixa para trás como uma relíquia celestial. Sua presença havia sido a fonte de paz para eles e Sua ausência não devia seca-la. Aquela fonte permaneceria a mesma. Presente ou ausente, distante ou perto, na terra ou no céu, Ele ainda seria o fundamento de paz para eles. O mundo seria um vazio sem Ele, mas Ele deixava para trás uma paz que animaria e alegraria. Não era tudo o que tinham quando Ele estava com eles, nem era tudo o que deveriam ter quando Ele retornou, mas ainda era muito, o suficiente para confortar, abençoar e derramar luz sobre a escuridão de seus caminhos. No mundo haveria tribulação, nEle paz. A paz de Deus devia prevalecer em seus corações. Deviam permanecer em paz e ter paz dentro de si.

b) O dom. “A minha paz vos dou”. Evidentemente isso é algo adicional à condição anterior. A paz não é algo meramente deixado, mas positivamente dado: “Dou”. Não é emprestado ou vendido, mas dado; é o dom do próprio Cristo, gratuito e incondicional. Sua paz é como Ele mesmo, um presente para nós; espontâneo, que não se pode comprar, imerecido. Contudo a expressão notável aqui é, “a minha paz”, a paz do próprio Cristo, totalmente peculiar, que transcende em natureza e em plenitude

que deveriam ser um testemunho de Cristo são, muito freqüentemente, empregadas no julgamento de outros, o que Tiago declara ser um falar mal e um julgamento da lei (4:11).

Levante-nos, então, para nosso elevado chamamento em Cristo Jesus, nem desencorajado pelas derrotas passadas nem pelas dificuldades presentes. Cristo é todopoderoso e Seu prazer é dar poder ao Seu povo. “Esforça-te, e tem bom ânimo” foi o mandamento no Velho Testamento (Js 1:6).

“Estejais pois firmes na liberdade com que Cristo nos libertou” (Gl 5:1) e “havendo feito tudo, ficar firmes”

VIDA QUE PROCEDE DA MORTE

Por J.C. Metcalfe

“Estou crucificado com Cristo”
(Gálatas 2:20).

De acordo com Sua prática usual de ensinar com a ajuda de várias histórias ou parábolas, o Senhor Jesus Cristo apresentou uma notável figura da impossibilidade de misturar a velha e a nova vida. “Ninguém”, Ele disse, “tira um pedaço de um vestido novo para o coser em vestido velho; do contrário, não somente rasgará o novo, mas também o pedaço do novo não condirá com o velho. E ninguém deita vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho novo romperá os odres e se derramará, e os odres se perderão; mas o vinho novo deve ser deitado em odres novos. E ninguém, tendo bebido o velho, quer o novo, porque diz: 'O velho é bom'” (Lc 5:36-39). Na Palestina,

(Ef 6:13,14) são os mandamentos do Novo Testamento.

Estamos definitivamente em Cristo, e o que mais precisamos é crer nisso. Então nosso testemunho será positivo, restritivo e puro. A presença de Cristo não é uma teoria nem somente uma promessa, mas um fato. “Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mt 28:20). Onde Ele está há paz, luz, liberdade, alegria, poder e êxito. “Assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio a vós”.

(De uma antiga edição de *The Overcomer*.)

era familiar a figura do odre se rompendo por causa da fermentação do vinho novo colocado nele, e o resultado poderia ser desastroso. Da mesma forma a nova vida em Cristo não pode ser usada para remendar a velha má natureza em você e em mim, nem pode o novo vinho daquela vida ser contido em nossa velha natureza recebida de Adão. Deus criou uma nova natureza dentro do cristão para conter o rico vinho da vida divina. Muitas vezes não estamos dispostos a aceitar o veredicto de Deus de que a velha natureza não pode ter valor. Bebemos muito do vinho da velha vida com seus desejos, ambições e alegrias e, portanto, não “queremos o novo”. Todos nós precisamos ter a inutilidade do velho provada para nós, e freqüentemente essa é uma dura experiência. Paulo conheceu o fracasso da

velha natureza e deixou um registro de sua luta com ela, o qual concorda exatamente com nossos próprios conflitos: “Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço” (Rm 7:15). E ainda, “Acho então esta lei em mim; que quando quero fazer o bem, o mal está comigo (...) Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (vv. 21,24). Ele vê todas as possibilidades da nova vida e se alegra nelas em sua mente, mas de uma maneira ou de outra percebe que a velha natureza nele é forte, e a liberdade e a alegria pelas quais esperava não são suas de fato. Muitos de nós nos encontramos na mesma situação insatisfatória. Qual é a solução para esse problema? O velho leopardo interior não pode mudar suas manchas nem alterar seu caráter, mas, já que fomos colocados na morte com Cristo, podemos agora ser reconhecidos ou contados como mortos, a fim de que seja criado um caminho para o crescimento da nova natureza criada pelo próprio Deus.

Existem dois lados do evangelho que precisamos ver, os quais podem ser resumidos nas palavras de 2Coríntios 5:14: “Julgando nós assim: que, se um morreu por todos, logo todos morreram”. Quando o Senhor Jesus Cristo deu Sua vida por nós na cruz Ele morreu em nosso lugar para que morrêssemos Nele. Paulo, falando de si mesmo, declarou: “Estou crucificado com Cristo” (Gl 2:20), e, descrevendo a condição dos cristãos colossenses, disse: “Porque morrestes e vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3:3). Antes que a nova vida possa crescer e ser livre para desenvolver-se naturalmente, a velha precisa ser contada e reconhecida como

morta (Rm 6:11). Você acha este “reconhecimento” difícil de entender? Você não é o primeiro a achar que é. Você está tentando fazer o que Deus já fez por você? Você tem feito o seu melhor para morrer porque sente que a Palavra de Deus ensina que este é o caminho da libertação do pecado? O fato é que a Bíblia nunca nos diz que temos de morrer, mas que quando Cristo morreu morremos com Ele. Tudo o que temos a fazer é contar, ou reconhecer, que o que Deus diz sobre nós é verdade. Quando viu quão grandemente precisava de perdão, você se voltou com um clamor ao único lugar onde Deus prometeu perdão: olhou para Jesus morrendo por você, e o Espírito Santo, para sua grande alegria, mostrou que Ele de fato morreu para que você pudesse ser perdoado. Por que não voltar ao pé da cruz, pela razão de que você tão grandemente precisa de libertação do poder da velha vida, para pedir ao Espírito Santo que revele exatamente da mesma maneira o fato de que você morreu com Ele?

Isso é algo que poucos vêem como uma base para o viver diário. Se você e eu escorregarmos ou tropeçarmos enquanto prosseguimos em nossa vida diária, qual é a solução? Ela está resumida em dois fatos gloriosos, os quais nós, que entramos num relacionamento de filhos de Deus pela redenção feita para nós pelo Senhor Jesus Cristo na cruz, devemos aceitar e reconhecer:

1. “Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (1Jo 2:1,2). Em outras palavras, o Salvador que morreu por nós vive constantemente para

humanidade constitui o direito essencial. E ainda, devido à importância das verdades a serem reveladas e da necessidade da aplicação de todo o poder do ser para o entendimento e compreensão dessas verdades, Jesus se coloca na entrada, proibindo qualquer um de entrar, salvo sob certas condições. Vamos ouvir Sua tríplice palavra:

1. “Se alguém vier a mim, e não aborrecer a pai e mãe, a mulher e filhos, a irmãos e irmãs, e ainda também à própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14:26).

2. “Quem não leva a sua cruz e não me segue, não pode ser meu discípulo” (Lc 14:27).

3. “Assim, pois, todo aquele dentre vós que não renuncia a tudo quanto possui, não pode ser meu discípulo” (Lc 14:33).

A nova relação deve ser superior, na necessidade dos seus direitos, ao direito de qualquer relação terrena; ela deve ser considerada e atendida antes de qualquer direito da vida natural. O mestre exige que tomemos a cruz e sigamos adiante, ainda que a caminhada seja através da dor. E mais, devemos fazer o profundo voto espiritual de pobreza, renunciando todas as posses, considerando toda palavra que Ele fala e toda verdade que Ele revela, através de qualquer método, como nossa principal e única riqueza. Em resumo, não devemos ser retidos, nem por sermos possuídos pelos outros, nem por possuir algo. Deve haver um claro rompimento com todo enredo, e um completo abandono descompromissado de nós a Ele. A menos que seja assim não podemos ser Seus discípulos. Se essa for a nossa atitude,

então Ele nos concede perdão, purificação e luz. Assim nos tornamos pelo relacionamento, Seus discípulos e entramos em Sua escola, estamos prontos para entrar no processo de instrução.

Se essas condições parecem duras e severas, permita ser lembrado o que depende delas. O caráter e o destino dependem dessa questão do discipulado. Jesus não é mestre para compartilhar informação nem para satisfazer a curiosidade. É porque a verdade que Ele revela santifica e liberta, e porque, a parte da revelação que Ele tem para fazer, não há forma possível de compreender os grandes propósitos de Deus para nós. Compare a Ele e Seu ensinamento com o mais sagrado e belo dos amores e posses terrenos e estes são indignos de um pensamento momentâneo. Todos eles devem vir de entre Ele e nós, para que possamos saber e fazer Sua vontade. Tal atitude não nos rouba o gozo de todas essas coisas, já que em si mesmas são certas. Antes aumenta o nosso gozo.

O ego impossibilita conhecer a Cristo quando outros amores e interesses intervêm e produzem insatisfação com todo o resto e torna aquele verdadeiro ego triste e fraco. Somente Cristo ilumina todo o ser com Seu amor, alegria e beleza, brilhando sobre outros amores para santifica-los, e assim a abnegação do ego é o seu mais elevado crescimento.

Deste modo vamos entrar para a escola de Jesus, e, recebendo os Seus dons, esperemos Seus ensinamentos.

(Do livro “Discipulado” [Discipleship])

maioria. Não é nenhum destes.

É o relacionamento de um mestre. Possuindo pleno conhecimento, Ele se volta a um aluno, para um propósito estabelecido, com um fim em vista, compartilha conhecimento passo a passo, ponto a ponto, sempre trabalhando em direção de um determinado fim. É o relacionamento que inclui também o ideal da nossa posição. Não somos ouvintes casuais, nem ouvintes meramente desejosos de informação, somos discípulos, olhando para e desejando o mesmo objetivo do mestre, e portanto ouvindo cada palavra, prestando atenção em cada inflexão de voz que traz significado, aplicando toda nossa energia para compreender o propósito do mestre para nós. Dessa maneira é o ideal.

Agora vamos considerar os privilégios que o mestre confere àqueles que se tornam Seus discípulos.

O primeiro é o estabelecimento de relações que tornem possível Ele ensinar e sermos ensinados. A questão do pecado deve ser tratada e com o que resulta do pecado, nossa incapacidade de entender o ensinamento. Cristo nunca se torna um mestre para aqueles que estão vivendo em pecado. O pecado, como transgressão efetiva no passado, precisa ser perdoado, o pecado como um princípio de revolta interior deve ser purificado. Assim antes dEle revelar uma palavra da lei divina da vida, ou revelar em algum particular a direção do progresso, Ele trata com esse duplo aspecto do pecado. Para que a alma julgue o pecado passado, pela confissão e dissuasão dele, dispensa perdão, pronunciando Sua absolvição sacerdotal pela virtude de Sua própria expiação na cruz. Para a alma rendida a

Ele absoluta e francamente, que consente com a morte do ego, concede a bênção da purificação do pecado. É certo que não pode haver real discipulado a parte da compreensão da dupla bênção. Além disso, existe o embotamento de nossa compreensão, nossa incapacidade de compreender as verdades que Ele declara. Isso Ele vence pelo dom do Espírito Santo, que torna claro para nós os ensinamentos do mestre. Que inestimável dom é esse. O mais embotado intelecto natural pode ser e é, restituído aguçado e receptivo para Deus, pela chegada do Espírito Santo.

Deste modo Ele mesmo sustenta e cria a relação de comunhão pela pureza e inteligência através da habitação do Espírito, o qual constitui nossa condição para receber o que Ele tem para ensinar.

O outro grande privilégio a ser lembrado é que a escola de Jesus é uma escola técnica. Ele nos provê oportunidades para provar na vida prática as verdades que Ele tem para revelar. Esse é o grande elemento indispensável no Seu método. Outra evidência da Sua abundante graça, é que a prova em detalhes técnicos da lição que Ele ensina é tanto sob Sua orientação e direção pessoal quanto na teoria a verdade é recebida diretamente dEle.

Agora, sob que condições pessoais posso me tornar um discípulo? De bom grado eu teria esse dote do perdão, purificação e iluminação, mas como pode ser isso? Nenhuma escola de homem jamais foi tão estritamente guardada, tão seleta, como essa, ainda assim nenhuma jamais foi de tão fácil acesso. Nenhuma barreira de raça, ou cor, ou casta, ou idade impede a entrada. A

defender o mérito do Seu sacrifício diante de Deus e para perdoar o penitente.

2. “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1:9). Por irmos aberta e honestamente a Ele em arrependimento e confissão, o perdão é recebido. Isso é abençoadamente verdadeiro na experiência do povo cristão e é possível porque Ele morreu por todos.

Quando você e eu chegamos face a face com a tentação e estamos profundamente conscientes de nossa incapacidade para enfrentá-la, podemos contar com mais dois fatos revelados a nós na Palavra de Deus.

1. “Sabendo isto, que o nosso homem velho foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado fosse desfeito, a fim de não servirmos mais ao pecado” (Rm 6:6). Em outras palavras podemos enfrentar o poder da tentação pelo reconhecimento do fato de que nossa morte com Cristo nos libertou de uma vez por todas da necessidade de servir ao pecado.

2. “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para obedecerdes às suas concupiscências (...) pois o pecado não terá domínio sobre vós” (Rm 6:12-14). Devemos aceitar o veredicto de Deus acerca da incapacidade de nossa velha natureza enfrentar a tentação e de viver a vida cristã. Assim, por um ato de nossa vontade, devemos tomar posição contra a tirania do pecado, clamando para que Ele lute por nós como Sua Palavra promete. Então, o Espírito Santo tornará real nosso reconhecimento e nos livrará de modo prático da velha natureza para que a nova entre em ação. Esse reconhecimento

é uma ocupação do dia a dia tanto quanto foi o colher maná pelo povo de Israel.

Em Efésios 4, Paulo descreve, nos versos 17 a 19, a maneira na qual o incrédulo vive. Note algumas das palavras usadas nesta descrição: “entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus”, ignorantes, duros de coração, entregues à dissolução. Então, falando aos cristãos, ele continua: “Mas vós não aprendestes assim a Cristo, se é que o ouvistes, e nele fostes instruídos (...) a despojar-vos, quanto ao procedimento anterior, do velho homem (...) e vos revestir do novo homem, que segundo Deus foi criado em verdadeira justiça e santidade” (vv. 20-24). Isso não resume em poucas palavras tudo aquilo que temos dito? A verdade em Jesus fala de Sua morte por nós sobre a cruz e de nossa morte com Ele, para que em nossa vida cotidiana possamos pouco a pouco nos despojar do velho homem e nos revestir do novo, que é a natureza do próprio Deus.

Os mesmos pensamentos estão expressos no terceiro capítulo de Colossenses. Os quatro primeiros versos falam de nossa morte com Cristo e nossa ressurreição Nele. Os versos 5 a 9 indicam que, à luz desses fatos, é nossa obrigação óbvia romper com o pecado e a razão dada é: “Que já vos despistes do homem velho com os seus feitos, e vos vestistes do novo, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (vv. 9,10). O restante do capítulo é então composto de uma série de instruções muito práticas de como isso é realizado na vida diária. A vida cristã não é feita de doutrinas difíceis de entender e que precisam de educação e treinamento especiais para serem alcançadas. Ela é

simples e muito prática. Se realmente desejamos fazer assim podemos aprender diretamente de Deus como a grande salvação conquistada para nós pelo Senhor Jesus Cristo na cruz pode tornar a vida nova e radiante para nós.

Olhemos agora para aquelas coisas que são nossas “em Cristo”, expressão usada várias vezes nas epístolas. Tenho a Epístola aos Efésios aberta diante de mim e penso que não podemos fazer melhor do que elaborar uma lista destas bênçãos e graças que podemos contar como nossas porque estamos “em Cristo”, unidos em novidade de vida ao nosso ressurreto Senhor.

A epístola está escrita para “os santos que estão em Éfeso, e fiéis [significando aqueles que estão cheios de fé] em Cristo Jesus” (1:1).

É-nos dito que Deus “nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo” (v. 3).

É-nos dito que fomos escolhidos Nele (v. 4), o que significa que os eleitos são aqueles que, mediante o novo nascimento, não estão mais em Adão, mas em Cristo, o Escolhido de Deus. Somos adotados como filhos de Deus por Cristo Jesus, por estarmos Nele e unidos a Ele (v. 5).

Somos agradáveis a Ele (v. 6).

Temos redenção pelo Seu sangue Nele (v. 7).

Virá um dia quando “todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” serão congregadas Nele (v. 10).

Somos feito herdeiros Nele (v. 11).

Nele temos o selo do “Espírito

Santo da promessa” (v. 13).

Fomos “vivificados juntamente com Cristo” (2:5).

Fomos “ressuscitados” e assentados nos lugares celestiais em Cristo Jesus (v. 6), o que significa que Nele somos possuidores de uma vida soberana, muito maior e mais poderosa do que a de qualquer governante terreno.

Somos “criados” em Cristo Jesus “para as boas obras” (v. 10), o que significa que existe alguma coisa para você e eu fazermos aqui neste mundo, a qual não pode ser feita por ninguém mais, e somente pode ser feita em união com Ele.

Somos aproximados de Deus em Cristo Jesus (v. 13).

Nele somos edificados junto com nossos companheiros cristãos num edifício, no qual Deus é visto neste mundo por meio do Espírito (vv. 20-22).

Todos os propósitos eternos de Deus para abençoar e enriquecer os homens estão em Cristo Jesus (3:8-11).

Nele podemos ter ousadia para ir direto à presença do próprio Deus (v. 12).

Em Cristo Jesus a glória é dada a nosso Deus na Igreja (v. 21).

Nele somos fortalecidos para enfrentar e conquistar todos os inimigos (6:10).

Quantas riquezas já descobrimos! Se você necessitar de alguma coisa em sua vida cristã há um lugar onde pode encontrá-la, um somente; apenas ali você pode ter certeza de que a encontrará: em Cristo Jesus. Nele você poderá contar com todas essas coisas que o farão verdadeiramente como Ele. “Pois, tantas quantas forem as promessas de Deus, nele [em Cristo] está o sim” (2Co

TORNANDO-SE UM DISCÍPULO

Por G.Campbell Morgan

'Discípulo' é um termo sempre usado nos quatro evangelhos para indicar a relação existente entre Cristo e Seus seguidores. Jesus o usou quando conversava com eles, e quando eles conversavam uns com os outros. Tampouco caiu em desuso nos dias do poder Pentecostal e estende através dos Atos dos Apóstolos.

Também é interessante lembrar que foi desta forma que os anjos consideravam e falavam destes homens; o uso desta palavra nos dias da encarnação está ligado ao uso da palavra na era apostólica pela mensagem angélica dada às mulheres, “Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro” (Mc 16:7).

É um tanto notável que a palavra não pode ser encontrada nas epístolas. Isso deve se explicar pelo fato de que as epístolas foram endereçadas aos cristãos em sua qualidade corporativa, como igrejas, e assim falavam deles como membros das tais, e como os “santos” ou os separados para Deus. O termo discípulo indica uma relação individual e, embora tenha grandemente caído em desuso, ainda é de grande valor em indicar aquela relação existente entre Cristo e cada alma singular, e sugerir nossa conseqüente posição em todas as várias circunstâncias da vida diária.

A palavra em si significa uma pessoa ensinada ou treinada e nos dá o ideal do relacionamento. Jesus é o professor. Ele tem o conhecimento do supremo propósito de Deus para o homem, da vontade de Deus concernente ao homem, das leis de Deus que indicam ao homem o caminho de seu progresso e

coroação final.

Discípulos são aqueles que se reúnem em torno desse professor e são treinados por Ele. Os procuradores da verdade, não meramente no abstrato, mas como uma força da vida, vêm a Ele e se juntam ao círculo daqueles a quem Ele revela estes grandes segredos de toda vida verdadeira. Sentados aos Seus pés, eles aprendem do desdobramento das Suas lições a vontade e os caminhos de Deus para eles; e ao obedecer cada sucessiva palavra percebem dentro de si mesmos a força renovadora e o poder sustentador dela. A verdadeira e perpétua condição do discipulado e seu resultado final foram claramente declarados pelo próprio Senhor: “Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos” (Jo 8:31).

Antes de considerarmos o glorioso dote que o mestre confere a cada discípulo e os duros requerimentos que guardam a entrada para o discipulado, é muito importante que tenhamos claramente delineado em nossa mente o verdadeiro significado desta fase de relacionamento que Jesus tem com Seu povo.

Não é o relacionamento de um conferencista, de cujas mensagens os homens podem ou não deduzir aplicações para si mesmos. Não é o relacionamento de um profeta meramente fazendo um pronunciamento divino e deixando os resultados do mesmo. Não é certamente o relacionamento de um especialista em um dado assunto declarando seu conhecimento para o interesse de uns poucos, o espanto de muitos e confusão da

com Seus discípulos. Ele disse-lhes que partiria para longe deles e eles queriam saber como poderiam viver sem Ele. Porém Ele assegurou-lhes que estaria com eles em uma presença espiritual muito mais vital e real do que o relacionamento que formalmente tiveram com Ele. A vida da videira se tornaria a vida das varas.

“Eu sou a videira; vós sois as varas. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5).

Depois que ensinou, orou sobre isso. Foi o encargo da Sua oração de Sumo Sacerdote.

“E eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer ainda; para que haja neles aquele amor com que me amaste, e também eu neles esteja” (Jo 17:26).

Você já refletiu sobre essas duas palavras desta oração? “Eu neles”, estas simples, mas significativas palavras exalam o mais profundo desejo do coração de Cristo em relação aos Seus. É Seu ardente desejo de ser um com o cristão.

Paulo se prendeu a essa gloriosa verdade e ela se prendeu a ele. Ela está entretecida na urdidura e trama da sua experiência, pregação e serviço missionário.

“Cristo vive em mim” e “para mim o viver é Cristo” foi o ponto alto da Sua experiência pessoal. Não havia nada além disso para Paulo. Para ele isso era vida no plano mais alto.

“Cristo em vós” era o centro de sua mensagem às igrejas. Ela ressoava com toda clareza em todo ensino e pregação de Paulo.

“A quem Deus quis fazer

conhecer quais são as riquezas da glória desse mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1:27).

“Cristo em nós” era o sentimento de todo o serviço missionário de Paulo. Ele tinha um único alvo e meta em toda forma de trabalho executado, que Cristo pudesse ser formado em cada convertido. “Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4:19).

Cristo é o centro do cristão; Cristo é a periferia do cristão; Cristo é tudo no meio. Como Paulo colocou “Cristo é tudo em todos”. Cristo é a vida da nossa vida.

“Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória” (Cl 3:4).

Ele é isto para você?

A história espiritual de cada cristão poderia ser escrita em duas frases: “Tu em mim” e “Eu em Ti”. Na consideração de Deus, Cristo e o cristão se tornam um de tal maneira que Cristo está tanto no céu como na terra e o cristão está tanto na terra como no céu. O Cristo no céu é a parte invisível do cristão. O cristão na terra é a parte visível de Cristo. Esse é um pensamento chocante. Sua plena significação é que você e eu devemos trazer Cristo do céu para a terra para que os homens possam ver quem Ele é e o que Ele pode fazer em uma vida humana. É ter a vida de Cristo vivida em nós em tal plenitude que O vendo em nós os homens sejam atraídos a Ele em fé e amor.

(Do livro “*Rios de Águas Vivas*” [Rivers of Living Water])

1:20).

Não é difícil ler as epístolas procurando por estas palavras “em Cristo” ou “por Cristo” e, então, pegar uma folha de papel e escrever, como fiz com a Epístola aos Efésios, aquelas coisas que são nossas em Cristo. Algumas vezes penso que um dos maiores triunfos que Satanás está tendo nestes dias é o de impedir os cristãos de olharem para a Bíblia desta forma. Deus opera em graça como faz na natureza. Ele colocou no mundo a semente necessária para o trigo, que pode ser transformado em pão, mas se os homens não plantarem, colherem, moerem e assarem, ficarão com fome. Deus colocou em Sua Palavra tudo o que o cristão pode possivelmente precisar para manter sua nova vida, mas o cristão precisa ler e aplicar à sua própria vida a verdade que encontra. A pregação é necessária, a comunhão uns com os outros tem seu lugar, mas não há nada que possa ser edificado sobre a nova vida em Cristo sem um conhecimento pessoal da Palavra de Deus e um espírito humilde de aplicação pessoal à vida de tudo o que ali se encontra.

Olhemos para Gálatas 2:20:

1. “Estou crucificado com Cristo”. Sobre isso já falamos.

2. “Não vivo mais eu, mas Cristo vive me mim”. A nova vida dada a nós quando nascemos de novo está em Cristo e se torna nossa por Sua habitação em nós por Seu Espírito.

Agora vamos ao trabalhar prático desses maravilhosos fatos, e não estamos falando de alguma coisa estranha e misteriosa, mas de algo que torna nossa vida neste mundo rica e alegre para nós mesmos, e também enriquece aqueles

que estão em nosso lar, aqueles com quem trabalhamos e nos encontramos diariamente e aqueles da igreja à qual pertencemos.

3. “A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”. Em outras palavras a nossa vida, que vivemos entre nossos companheiros, é agora uma vida de fé. Alguns mestres da Bíblia dizem que a fé pela qual vivemos é a fé “do” Filho de Deus, que está vivendo em nós por Seu Espírito. Outros entendem estas palavras como “Vivo pela fé no Filho de Deus”. Mas, em ambos os casos, o princípio é o mesmo: nossa vida neste mundo, quando somos filhos de Deus, não é vivida por nossos próprios esforços e diligências, mas pela extração para toda necessidade dos recursos que Deus nos deu em Cristo Jesus. O que isso significa? Deixe-me tentar ilustrar usando um verso da Escritura. É-nos dito em 1Coríntios 1:30: “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”. Suponhamos que eu esteja enfrentando uma situação na qual não sei o que fazer ou que direção tomar. O que faço? Primeiro de tudo rejeito meu próprio entendimento (Pv 3:5). Confesso a Deus que diante de mim está um problema que é muito difícil para mim e relembro-Lhe que estou crucificado com Cristo e que agora creio que Ele é a minha sabedoria e que posso enfrentar meu problema sem temor, pois, como preciso dela, Ele dará a direção tanto para o que dizer como para o que fazer. Em tempos de tentação posso exatamente da mesma forma rejeitar meu próprio poder para resistir e tomar a Cristo como minha justiça. Quando estou

consciente de que posso ser levado para longe de Deus e para fora de Seu plano e vontade para mim, posso também me lançar sobre Ele como minha santificação e me achar sendo atraído para amar e desejar a vontade de Deus acima de todas as coisas. No dia em que eu não puder fazer nada por mim mesmo e for chamado para passar do tempo à eternidade, seja pelo túmulo ou por Sua vinda, poderei também olhar para Ele e dizer: “Ele é minha redenção; agora estou seguro na presença de Deus para sempre.”

“Olhai para os lírios do campo, como eles crescem”, disse o Senhor Jesus, tendo primeiro feito uma pergunta à qual todos nós temos de responder “Eu não posso!”: “Ora, qual de vós, por mais ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado à sua estatura?” Ainda assim isso é o que muitos cristãos tentam fazer em sua vida espiritual. “Eles não trabalham nem fiam; contudo vos digo que nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles” (Mt 6:27-30). A razão é que eles crescem e recebem sua beleza pelo poder de Deus. É exatamente dessa

A MUDANÇA DE CENTRO ATRAVÉS DA CRUZ

Pela Sra Jessie Penn-Lewis

“Um morreu por todos, logo todos morreram (nEle)” (2 Co 5:14).

Como lemos em 2 Coríntios 5:12-19, não podemos deixar de ver quanto profundamente a cruz é o centro da vida do apóstolo. Estamos familiarizados com o verso 14, onde se lê: “Pois o amor de Cristo nos constrange, porque julgamos assim: se um morreu por todos, logo todos morreram [nEle]; e Ele morreu por

forma que você e eu podemos viver dia a dia, pela extração destas coisas que Deus nos deu em Cristo. Podemos reconhecer que estamos “vivos para Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”. É a simplicidade deste reconhecimento de fé que é a maior dificuldade de muitos de nós. Gostamos de coisas difíceis e complicadas, mas o Senhor Jesus disse: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos” (11:25). Então, logo em seguida, Ele faz o maior e mais maravilhoso convite jamais feito ao homem: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (vv. 28-30). A aceitação simples desse convite é o único caminho seguro na vida cristã saudável e útil.

(Do livro *“Fora de Adão Em Cristo”* [Out of Adan Into Christ])

todos, para que os que vivem não vivam mais para si”. Estas palavras tomadas sozinhas, indubitavelmente ensinam a identificação do crente com Cristo em Sua morte e Seu ressurgimento em uma vida onde vive total e inteiramente em Cristo, e não em si. Mas, se as palavras são lidas em conexão com os versos anteriores e consecutivos ao verso 14, o véu é erguido para um caminho extraordinário mostrando que este verso

A NOVA CRIAÇÃO

Por Ruth Paxson

Quando o Espírito Santo trouxe à vida do crente uma nova natureza, Ele abriu a porta para uma união viva e orgânica entre o cristão e Cristo. Cristo e o cristão são então eternamente um. Mas o que é ser cristão? É ter o Cristo glorificado em nós em real presença e poder.

“Estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim”. (Gl 2:20).

Cristo vive em mim. Você pode dizer isto? Paulo podia. Mas note a ordem das suas palavras. Primeiro: “Estou crucificado com Cristo”, então “Cristo vive em mim”. O destronamento do ego precede e abre caminho para a entronização de Cristo.

Ser um cristão é ter a Vida de Cristo como nossa vida de tal forma e num grau tal que possamos dizer como Paulo: “Para mim o viver é Cristo”. Isto significa que Cristo agora vive em você, seja em Hong Kong, nos Estados Unidos, na Europa ou em qualquer outro lugar, de forma tão verdadeira quanto viveu em Cafarnaum ou Caná. É assim com você?

Ser cristão significa possuir a semente divina que foi plantada em nosso espírito interior no novo nascimento, desabrochando em crescente conformidade com sua vida perfeita. É ser diariamente “transformado à sua semelhança de glória em glória”. Estamos assim sendo transformados?

Ser um cristão é ter Cristo como a vida da nossa mente, coração e

vontade, para que Ele seja Aquele que pensa através de nossa mente, ame através de nosso coração e queira através de nossa vontade. É ter Cristo preenchendo nossas vidas numa medida sempre crescente, até que não tenhamos vida a parte dEle. É assim que Ele preenche você?

Contudo, posso ouvir alguns Nicodemos modernos dizer, 'Como isso pode ser? Como posso viver tal vida em meu lar onde não recebo ajuda ou aprovação antes escárnio, onde tenho vivido por tanto tempo uma vida de derrota? Como posso ter uma vida coerente em meu círculo social que está impregnado de mundanismo e fraqueza, onde Cristo nunca é mencionado ou mesmo considerado? Como posso viver uma vida espiritual num local de trabalho onde todos ao meu redor vivem completamente na carne? Como posso até mesmo viver no mais alto plano em minha igreja quando ela é mundana e modernista, e não sou alimentado ou ensinado?’

Bem, você não pode viver essa vida, mas Cristo pode. Cristo em nós pode vive-la em todo e em qualquer lugar. Ele a viveu na terra em um lar onde era incompreendido e caluniado, no meio de pessoas que o ridicularizavam, zombavam dEle, se opunham a Ele e finalmente O crucificaram. Todo o objetivo desta mensagem hoje é para mostrar que não temos que viver esta vida, mas que Cristo deseja e é capaz de vive-la em nós.

Essa é a verdade que Cristo em princípio ensinou na Sua última conversa

Há uma outra palavra usada por Paulo na mesma conexão. Ela é 'nekroo' (Cl 3:5), em referência aos membros do corpo. A Versão Atualizada diz 'mortificar'; a margem da Versão Revisada diz 'fazer morrer'; a nota do Léxico é "fazer um corpo morto ou um cadáver, o aspecto do ser com respeito ao cadáver e a obra pela qual ele se tornou assim". Isto significa que os membros do corpo devem ser conduzidos em todas as suas ações em harmonia com o fato central da 'morte com Cristo'. Os membros devem ser mortificados naquilo em que não são mais energizados pela vida caída de Adão, mas trazidos sob o poder da cruz. Eles assim são feitos 'mortos para o pecado' e vivos para Deus a Seu serviço (Rm 6:13).

A Perpétua Vida de Morte

Estas palavras 'apothnesko' (morrer para o pecado), 'thanatoos' (trazer os feitos do corpo sob o poder daquela morte) e 'nekroo' (privar os membros do corpo da atividade da velha vida), não cobrem todo o fundamento. 2 Coríntios 4:10-11 fornece uma outra palavra, mostrando que não existirá nenhum ponto em nossa vida na terra em que a necessidade de aplicação da cruz cessará. O verso 10 diz na Versão Atualizada: "carregando sempre em nosso corpo a morte de Jesus". A palavra morte é 'nekrosis', um 'fazer morrer'. O Léxico diz que ela é "a expressão da ação ser incompleta e em progresso". No verso 11, a palavra 'morte' é 'thanatos'. A obra profunda de Deus no centro é apenas o começo de tudo o que deve ser

forjado em nós pelo Espírito Santo. Quão claramente as palavras Gregas usadas apresentam a posição básica de termos morrido na morte de Cristo e o progressivo fazer morrer perpetuamente que deve necessariamente ser feito dia após dia. "No meu corpo carrego continuamente o morrer de Jesus", escreve Paulo, mas novamente a exatidão verbal do Grego é mostrada no uso da palavra 'thanatos' (morte) no verso 11. O Léxico diz que isto descreve a cessação de qualquer tipo de vida. O 'fazer morrer' do verso 10 ao qual o crente é sempre conduzido pelo Espírito Santo, tem o propósito de trazer a cessação da atividade da velha natureza, e isso não é uma vez por todas, mas continuamente. Assim, isso significa que do centro para a periferia a identificação do crente com Cristo em Sua morte é uma necessidade para o crescimento da nova vida no centro em plena maturidade.

(Do Livro "A Centralidade da Cruz" [The Centrality of the Cross])

é mesmo o centro de uma passagem admirável, revelando as circunstâncias e condições que produziram em Paulo sua relação com a cruz.

Deixe-me ilustrar a situação por trás das palavras do apóstolo. Seus críticos em Corinto estavam acusando-o de auto-exaltação e de estar fora de si por vaidade, mas ele replica: "Porque, se enlouquecemos, é para Deus; se conservamos o juízo, é para vós" (verso 13).

"Pois o amor de Cristo nos constrange", e então aponta para a cruz como a razão pela qual ele poderia dizer isto sobre si mesmo. Ele sabia que não era auto-exaltação ou vaidade manifestada em seu zelo e intensa renúncia a Deus por causa de sua identidade com Cristo na morte. O ego já não era mais o centro dominante do seu ser.

Quão expressivas são as palavras de Paulo no verso 16. "Nós a ninguém conhecemos" (aqui a pessoa 'nós' é enfática) "Nós a ninguém conhecemos segundo a carne", como vocês me conheceram. Vocês me chamam de insensato e louco em meu zelo, mas esta é uma visão carnal. Sei que morri com Cristo e que não vivo mais por mim mesmo. É o amor de Cristo que habita em mim que me constrange, "assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é, as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo. E tudo isto provém de Deus". Vocês me chamam de louco, dizem isso e aquilo de mim, mas sei que não sou "eu" quem me domina, pois vi o "eu" sobre a cruz. Julguei o verdadeiro significado da morte

de Cristo, vejo que se um morreu por todos, então todos morreram. Assim, aqueles que estão em Cristo se tornam novas criaturas. Seu centro mudou. Eles têm um novo centro: Cristo. Tudo é novo e tudo vem de Deus como a fonte central de suas vidas. Deste modo é que o amor de Cristo me constrange, explodindo dentro de mim como uma torrente da fonte central da minha vida, e não o mero zelo e entusiasmo que vocês julgam ser o poder que opera em mim.

Isto está de acordo com a forma de Deus revelar o significado da cruz a Seus filhos. O conhecimento íntimo da cruz jamais pode ser compreendido pelo intelecto. A morte de Cristo no Calvário foi algo tão impressionante e terrivelmente real que somente aqueles que entram experimentalmente naquela morte podem receber igualmente um vislumbre dela. A mensagem da cruz jamais pode ser meramente uma doutrina, pois foi algo mais do que isso para Cristo, e, como vemos na vida do apóstolo da cruz, para Paulo. A forma de Deus revelar a verdade é produzi-la na experiência e vida do homem antes que ela possa penetrar o intelecto. Devemos ser conduzidos ao mesmo ponto experimental do qual ele falou caso queiramos entender sua mensagem.

Uma Mudança de Centro.

Agora é sobre a mudança de centro, que Paulo descreve nesta passagem em Coríntios, a qual desejo tratar por um momento. Temos falado da cruz e da morte para o pecado, como mostrado em Romanos 6, sobre a cruz e

a morte para o mundo, como em Gálatas 6, sobre a morte e a vida do grão de trigo, descrito em João 12:24. Podemos receber luz sobre todos estes aspectos da cruz e experimentar uma medida de libertação pela verdade, mas não conhecer profundamente, no recôndito do nosso ser, esta mudança do 'eu' central do qual o apóstolo fala em 2 Coríntios 5:14. Existe algo que precisa ser tratado mais profundamente do que o pecado e o mundo; é o ego, o 'eu'. A cruz penetrou ali? “Agora” disse Paulo, “não conheço ninguém segundo a carne”. Quando o 'eu' central é tratado, a visão é inteiramente mudada. Inclusive a visão de Cristo pode ser mundana, do ponto de vista egocêntrico ao invés do ponto de vista da “nova natureza” que vem “de Deus”. Este é o fundamento básico da vida interior, o qual devemos começar a examinar à luz da cruz. De nenhuma outra forma o Senhor pode liberar em nós os rios de águas vivas, nem podemos ser conduzidos para o lugar de autoridade sobre os poderes das trevas, pois o ego está corrompido em sua fonte pela natureza caída do primeiro Adão.

Paulo nos anuncia a mudança de centro que ele tão intensamente compreendeu através da luz que obteve por meio da cruz. Três vezes ele afirma essa “nova criação” básica como sua experiência. “Não vivo mais eu” (Gl 2:20). “Mando, não eu, mas o Senhor” (1 Co 7:10). “Trabalhei muito... todavia não eu” (1 Co 15:10). Na Igreja em Coríntios (1 Co 1:12) temos um completo contraste disso. “Cada um de vós diz: 'eu'... 'eu' sou de Paulo... 'eu' sou de Apolo...” Mas Paulo não disse 'eu' no sentido de 'eu'

sendo a fonte originadora e movedora das suas palavras e ações. 'Eu', sim, mas é um novo 'eu', uma nova personalidade. Não 'Cristo e eu', com o 'eu' no centro, e Cristo, por assim dizer, pelo Seu Espírito ao lado. Mas uma 'criação' pelo Espírito Santo de um novo 'eu', porque o velho 'eu' foi cravado na cruz com Cristo (Gl 2:20).

Isso é algo totalmente além do nosso poder de compreender mentalmente. A obra da 'nova criação' precisa ser feita pelo Criador assim como na primeira criação. Não vamos ser auto-enganados e imaginar que “não eu, mas Cristo” é somente um lema, uma escolha, um propósito. É muito, muito mais. O Espírito Santo fará Sua parte se enxergarmos nossa necessidade e nos dispormos para a Sua obra mais profunda da graça em nós.

Aqui precisamos retornar à passagem mais vital sobre o significado da cruz que se encontra no Novo Testamento. Ela é parte da grande epístola doutrinária aos Romanos, sobre a qual toda a estrutura da vida cristã pode ser edificada.

Passando pela primeira revelação necessária da morte de Cristo como propiciação pelo pecado, para Deus (Rm 3:25), e então como substituto pelo pecador (Rm 5:6-10), vamos ao verdadeiro fundamento da morte do pecador na morte de seu substituto, em Romanos 6. É o fato espiritual que se apresenta na base das palavras de Paulo em Gálatas 2:20. “Estou crucificado com Cristo e não vivo mais eu, mas Cristo vive em mim”. Familiarizados como estamos com as palavras e até certo ponto com as

verdades de Romanos 6, vamos tomar apenas uma palavra no capítulo e através desta palavra vejamos quão profundo e real o fato central da crucificação do 'eu' pretende ser. É a palavra 'MORTE' em Romanos 6:2. A Edição Revisada e Corrigida a traduz 'mortos', já que apresenta o tempo aoristo que em si é mais fortemente abrangente.

A palavra Grega é 'apothnesko'. O Léxico Grego diz que esta palavra tem um prefixo “que torna o verbo mais vívido e intenso, e representa a ação do verbo simples como consumado e terminado”. Ela se apresenta como o significado da palavra “extinguir, expirar, tornar-se completamente morto”.

A mesma palavra é usada novamente no verso 7. “Aquele que está morto está justificado do pecado”, e no verso 8, “Se já morremos com Cristo”. Ora é óbvio que se Paulo usou tal linguagem sobre a identificação do crente com Cristo em Sua morte ele quis dizer algo mais do que uma imagem ou figura de retórica.

Sabemos de outras partes desta epístola quão magnificamente ele irromperia com explosões de verdades jorrando do seu espírito e mente como com a própria luz do céu. E foram verdades sempre reveladas pelo Espírito em resposta à necessidade. Tratando com a questão da graça fluindo além da mais funda profundidade da insurreição do pecado na raça humana, ali irrompe do seu espírito a mais maravilhosa revelação da cruz. Alguns judeus argumentaram que se o pecado do

homem foi trazido à tona como uma exibição gloriosa da graça de Deus então quanto mais os homens pecassem, mais Deus seria glorificado. Mas, diz o apóstolo, a cruz não trata somente com o pecado, mas com o pecador. Então ele irrompe, em vívida e intensa linguagem: “Nós que estamos MORTOS para o pecado, como viveremos ainda nele?”

Ou seja, na morte de Cristo nós MORREMOS para o pecado, como um ato consumado e terminado, e aquele que está 'morto' está livre da escravidão do pecado. (Rm 6:7).

A Obra Externa Experimental

Tendo já lançado o fundamento da necessidade de um novo centro, uma nova criação, olhemos para outras passagens que mostram que com base no termos 'morrido' para o pecado, (Rm 6:2), o apóstolo usa outras palavras para descrever a obra externa experimental da cruz.

Em Romanos 8:13 onde ele escreve: “Se pelo espírito mortificardes as obras do corpo”, (a margem da versão King James diz, “fazer morrer os feitos do corpo”), a palavra Grega usada é 'thanatoo'. Sobre ela o Léxico Grego diz, “tirar o princípio vital, a inércia daquilo cuja vida foi tirada”. Aqui está a obra do Espírito Santo com a qual o crente tem que cooperar. Na fé baseada na 'morte' (Rm 6:2) o crente deve agora 'fazer morrer' as obras do corpo; render à cruz toda a atividade da natureza caída e quando ele assim o faz aquela atividade cessará, pois a cruz trata com a vida caída que energiza as obras incitadas por ela.

A Revista "O Vencedor" pode ser enviada para qualquer lugar do mundo, a toda pessoa interessada, livre de quaisquer ônus.

Se você tem algum amigo que gostou da revista pedimos que nos informe seu nome e endereço para que possamos enviar-lhe gratuitamente um exemplar.

O financiamento deste ministério depende das doações dos leitores, e muito nos alegamos em saber que alguns dos nossos irmãos estão prontos para ajudar com alguma contribuição.

As ofertas de amor devem ser enviadas para o endereço da

Editora Restauração, assim como as demais correspondências. Operamos pela fé na provisão do nosso Senhor Jesus Cristo.

Esta obra é uma tradução fiel da "The Overcomer Magazine" com a devida autorização dos irmãos responsáveis por sua edição na Inglaterra há quase cem anos.

Dependemos da sua intercessão para que o trabalho de tradução, revisão, edição e publicação de "O Vencedor" seja dirigido e sustentado exclusivamente pelo Senhor.

A graça e a paz seja com todos.

Amém

freegraf

Free Editora e Gráfica Ltda.

Rua Carlos de Laet, 4791 - Boqueirão
81.730-030 - Curitiba - PR
(41) 287-3857 / 286-8876
freegraf@brturbo.com

O Vencedor

Outubro 2005 a Janeiro 2006



"VIDA ETERNA... CONHECER A DEUS"

ENSINAMENTO BÍBLICO
PARA PROMOVER O
CRESCIMENTO ESPIRITUAL

O Vencedor

Versão em Português: Volume II Número 2 Outubro 2005.
Traduzida e revisada por Tathyane M.L.Faoth,
Francisco Nunes e João A.F.Barros.
Publicada pela Editora Restauração.
Editada por João Alfredo F. Barros.

Original em Inglês: Volume LXXXVI Número 2 Julho 2005.
Fundada pela Sra. Jessie Penn-Lewis em 1909.
Publicada por The Overcomer Literature Trust.
Editada por Michael Metcalfe.

Conteúdo:

“VIDA ETERNA... CONHECER A DEUS”

	Página
A PRÁTICA DA PRESENÇA DE DEUS	
De uma antiga edição	1
CARTAS DOS EDITORES	2
MEDITAR EM DEUS	
Pelo Dr A. W. Tozer	3
A MAIOR NECESSIDADE DO CRISTÃO	
Pelo Rev. E. W. Bullinger	5
O CRISTÃO EM ROMANOS 7	
Por Arthur W. Pink	8
‘FILHOS DA CRUZ’	
Pela Sra Jessie Penn-Lewis	14
A REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO	
Por J.C.Metcalfe	18

Toda correspondência concernente a esta revista, doações para custear a sua publicação, mudanças de endereço, etc., deve ser enviada para:

Editora Restauração - Revista "O Vencedor"
Caixa Postal: 1945
Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80.011-970
e-mail: ovencedor@editorarestauracao.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA RESTAURAÇÃO

Revista Quadrimestral - “O VENCEDOR”
Revista anual - “MENSAGENS DE BOAS NOVAS”
Boletim Mensal - “O MENSAGEIRO DAS BOAS NOVAS”
Livretos - “RESTAURANDO A EXPRESSÃO DA UNIDADE DA IGREJA” Volume I - “A CEIA DO SENHOR” - Partes 1 a 5
Livreto - “A SALVAÇÃO DA ALMA” - Watchman Nee
Livreto - “A VERDADE ACERCA DO NATAL”
Livreto - “NÃO DEIXE A CONGREGAÇÃO” - J.Preston Eby
Livreto - “A QUE DEVEMOS SER LEAIS” - Willian MacDonald
Livreto - A VONTADE DE DEUS PARA A MULHER CRISTÃ”
Livreto - “DIVÓRCIO E RECASAMENTO” - Shawn Abgail
Livreto - “HÁ UM COMBATE A SER COMBATIDO” - J.C.Metcalfe
Pregações em CD - “PREGAÇÃO DO EVANGELHO DO REINO”

Todas as publicações se encontram disponíveis na página da internet www.editorarestauracao.com.br ou poderão ser solicitadas pelo endereço da Editora.



*"O qual (Jesus Cristo) convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio."
(Atos 3:21).*

tempos eternos, mas agora manifesto e, por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus, eterno, dado a conhecer a todas as nações para obediência da fé; ao único Deus sábio seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém” (Rm 16:25-27).

Um Vislumbre do Futuro

Nossa palavra também nos guia em direção ao maravilhoso clímax da volta de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo (1Co 1:7; 2Ts 1:7; 1Pe 1:3; 4:13). O Salvador, cuja glória está agora escondida deste nosso mundo e apenas parcialmente revelada aos olhos da fé, será repentinamente manifestado. O véu será removido para o lado e todo olho O verá. Aquele será, como a Palavra apresenta, um dia de julgamento (Rm 2:5; etc.). Significará também a dádiva da libertação para nosso mundo corruptamente governado, e surpreendentemente nos é dito que se deve esperar, não somente pela revelação do Rei, mas também de Seus filhos nascidos do alto (Rm 8:19-21). Ousaria eu usar a palavra *emocionante*? A vida cristã diária se torna brilhante pela revelação constante do Espírito Santo, de nós mesmos e Dele, pela Palavra (note Fp 3:15), mas o futuro do cristão é cheio com a radiante esperança, certo do completo cumprimento em Seu tempo e forma. “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!”

(Rm 11:33).

Um vislumbre final da nossa palavra. Em Apocalipse 1:1 lemos: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer”. Algumas vezes me pergunto se a verdadeira chave para este livro, tão fácil de se especular, mas tão totalmente impossível de se entender, não é encontrada em 19:10 “O testemunho de Jesus é o espírito da profecia?” Não é toda a Bíblia a história de Cristo? Não se combinam os livros do Antigo Testamento no apontar adiante para Aquele que estava para vir? Não é uma linha dourada traçada desde o Éden, via Calvário, até o “novo céu e nova terra” nas eras ainda vindouras? Os Evangelhos são a história de Sua vida aqui na terra: Sua morte expiatória, gloriosa ressurreição e volta para Seu lar celestial. As Epístolas têm como seu tema destacado a breve, mas majestosa, expressão *em Cristo*. E aqui, por fim, no livro de Apocalipse é revelado o drama da guerra declarada e levada a efeito pelo príncipe das trevas para o amargo fim, deixando finalmente no universo cheio de esplendor o vitorioso “trono de Deus e do Cordeiro”. Pela revelação do Espírito Santo, eu e você estamos aptos mesmo agora de certa forma a entrar na adoração das multidões celestiais, e ecoar sua triunfante canção: **“Aleluia! Porque já reina o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso”** (Ap 19:6).

A PRÁTICA DA PRESENÇA DE DEUS

De uma antiga edição

Ninguém pense que a presença de Deus não é real ou prática, ou que é somente para os místicos. Muitos cristãos hoje em dia gozam da presença do Senhor quase constantemente. Aqui estão algumas coisas evidentes e práticas que você deve fazer para tê-la:

1. Leia a Palavra freqüente e atentamente, e medite nela. Ouça a voz do Senhor na Palavra. Ele certamente falará ao coração que O ama.

2. Fale com o Senhor com freqüência e habitualmente. Não espere por momentos formais de oração. O Senhor está ao seu lado se você andar com Ele. Ele é seu maior e mais querido amigo. Conte a Ele seus pensamentos mais íntimos. Peça socorro a Ele em cada dificuldade. Nada é tão pequeno para não importar a Jesus. Nada é grande demais para Ele fazer.

3. Faça do louvor um hábito em sua vida. Cultive o hábito da gratidão em todas as coisas. Você ficará surpreso com quanto há pelo que agradecer.

4. O louvor produzirá alegria, e a alegria do Senhor é a nossa força. O mundo, a carne e o diabo não têm muito espaço em um cristão feliz. Podemos estar sempre alegres no Senhor, mesmo que não haja nada em que se alegrar: regozijamo-nos no Deus da nossa salvação.

5. Há poder e êxtase na adoração. Adore a Deus! Pense no Pai, no Filho e no Espírito e em seu maravilhoso relacionamento com cada Pessoa da divindade.

6. Gaste tempo em quietude diante de Deus. Diga: “Fala, Senhor. Teu servo está ouvindo”. Deus fala ao coração atento. A memória é um maravilhoso depósito da Palavra de Deus. Se você leu a Bíblia várias vezes, tudo está armazenado para que o Espírito de Deus traga à lembrança quando for necessário.

7. A rotina diária deve ser planejada para que você possa constantemente reconhecer a presença de Deus. À noite leia a Palavra e ore um pouco antes de dormir. Seus últimos pensamentos conscientes mergulham na inconsciência para afetar seu pensamento futuro. Se acordar durante a noite, diga: “Senhor, Tu tens algo a me dizer?” Muitas vezes Ele tem. É um bom hábito levantar antes do amanhecer para ter comunhão com Deus. A pessoa toda está em descanso e o Espírito traz à mente Seus planos para o dia. “Santo! Santo! Santo! Deus onipotente! Cedo de manhã cantaremos Teu louvor.”

A consciência da presença de Deus é a suprema influência que estabiliza a vida de um cristão. Se eu estiver em Sua presença, o sucesso não me corromperá nem as provações me desanimarão. Posso fazer todas as coisas, ou suportar todas as coisas, por meio de Cristo, que me fortalece.

Andar com Deus é a “vida abençoada”, e o mais maravilhoso é que isso conduz ao céu e à glória eterna. “Em Tua presença há plenitude de alegria; à Tua direita há delícias perpetuamente” (Sl 16:11).

CARTAS DOS EDITORES

Meus queridos amigos,

Quero começar compartilhando com vocês a notícia de que nosso amado irmão Nick Carr, o editor anterior de *The Overcomer*, foi chamado para o lar, em fevereiro, para estar com o Senhor a Quem amou e serviu tão fielmente. Nick foi um grande amigo da Trust*, um guia e inspiração em tempos de mudanças, e uma testemunha fiel do poder transformador da morte e vida de Jesus Cristo. Amamos sua esposa, Joy, e família. Recentemente, Phyllis Matthews, esposa de um antigo presidente, Bernard Matthews, também foi chamada para o lar. Nick e Phyllis eram muito amados e fazem muita falta. “No lar com Cristo, o qual é muito melhor.”

Em João 17:3 encontramos Jesus orando nestes termos: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”. Em Filipenses 3:10 Paulo escreve: “Para conhecê-lo”. Conhecê-Lo é ter vida, e é o tema desta edição da revista. Oh, que todos nós cheguemos a um conhecimento mais profundo Dele e a uma completa confiança Naquele que morreu por nós e vive para sempre, a fim de que conheçamos a vida em toda a sua plenitude.

Seu, no amor e na graça do Senhor

Michael Metcalfe

*Trust é a editora que publica a revista *The Overcomer* na Inglaterra.

Queridos irmãos

Graça e paz do Senhor Jesus Cristo sejam abundantes em suas vidas.

Muito me alegra saber que este pequeno ministério, dado por Deus, tem ajudado muitos irmãos a conhecer um pouco mais o Senhor. Espero, pela Sua graça, poder continuar este trabalho até Sua gloriosa vinda. Há uma grande carência no mundo de hoje de publicações que contenham ensinamentos que edifiquem a vida de Cristo na vida de Seus redimidos. Mesmo existindo uma infinidade de escritos, estudos, tratados e etc, sendo divulgados, perguntamos: Quantos realmente fazem com que o conhecimento de Deus e daquele que Ele enviou, cresçam no crente?

A grande maioria do povo de Israel pereceu no deserto e isso é muito fácil de ser entendido, pois faltava a eles “o conhecimento de Deus”. O Senhor Jesus deixou muito claro em Seu ensinamento aos discípulos: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste” (Jo 17:3). Somente o conhecimento do Senhor pode gerar em nós a vida eterna.

A palavra conhecimento na Bíblia é muito especial. Ela significa 'relacionamento íntimo', e não apenas autoconhecimento intelectual. Quando o Espírito Santo nos dá uma visão clara do que realmente significa 'conhecer' a Deus e a Seu Filho, então o nosso coração anela, cada dia mais e mais, conhece-Lo em toda plenitude.

Que o Senhor nos faça cada dia crescer no Seu conhecimento para que Cristo cresça em nós e nós diminuamos mais e mais. Amém.

João Alfredo

os nossos olhos atentam para o Senhor nosso Deus, até que ele se compadeça de nós' (Sl 123:2)?” Todos nós somos basicamente governados pelo nosso passado religioso e por preconceitos; por isso, nossa capacidade de sermos úteis é grandemente limitada. Privamo-nos, e a outros, por sermos tão lentos para aprender e aceitar como básica a lei divina da revelação. O próprio Salvador, como homem, não aceitou essa limitação? Não disse Ele: “Em verdade, em verdade vos digo que o Filho de si mesmo nada pode fazer, senão o que vir o Pai fazer; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente” (Jo 5:19)? O mesmo se dá com toda verdade espiritual: nosso consentimento mental a ela é uma coisa, nosso aprendizado para praticá-la é completamente outro; e, assim, é somente a aplicação dia a dia desse princípio que pode ser de algum valor em nosso viver cristão. Somos sempre meros aprendizes na escola de Cristo. Os versículos 9 e 10 de 1 Coríntios 2, como certamente o faz todo este capítulo, amplificam essa nossa dependência: “Mas, como está escrito: As coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem penetraram o coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. Porque Deus no-las revelou pelo seu Espírito; pois o Espírito esquadrinha todas as coisas, mesmos as profundezas de Deus”.

O Lugar da Escritura

Talvez fosse sábio neste estágio colocar uma admoestação. Nestes dias lemos muito daqueles autores que, apesar de não considerarem

as Escrituras “como nós”, são, todavia, guiados pelo Espírito Santo. Isso é uma base perigosa para se tomar. Na introdução de seu livro *O Espírito de Deus*, G. Campbell Morgan escreveu: “Há um guia seguro e infalível para a verdade, e, portanto uma, e somente uma correção para o erro, e esta é a Palavra de Deus. Que, nesta série de estudos, esteja a corte de apelação. Que o Espírito Santo, sem o qual não existe entendimento da Palavra, garanta uma clara compreensão de Sua Pessoa, de Sua obra e do relacionamento humano também! Ao nos aproximarmos do assunto, a mente devia estar desembaraçada de conclusões prévias e preconceitos, e com uma posição firmada no velho dito profético: 'À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca lhes raiará a alva' (Is 8:20). Não há revelação das atividades do Espírito Santo, ou do mundo espiritual, salvo a revelação que vem por meio do Livro”. Ele escreveu a verdade, e não ousamos hesitar em dizer que uma das modernas obras-primas de Satanás tem sido mudar a base de crença do cristão para longe das Escrituras, e mudar a revelação por meio delas graças ao Espírito Santo da glória do Salvador. Por isso, um poço de erro tem sido aberto no qual multidões, professando o nome de Cristo, estando enganadas, caíram. É bom saber onde a base sólida deve ser encontrada e estar apto para consentir de todo coração com a conclusão de Paulo em sua carta aos romanos: “Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio desde os

Jesus Cristo, precisa ser revelada, ou devemos perecer. Revelação não é algo para se argumentar, mas é essencial para a salvação.

O Espírito de Revelação

Voltando para a Epístola aos Efésios, temos em 1:17 o encargo da oração do apóstolo pelos cristãos daquela cidade: “Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de **revelação** no pleno conhecimento dele”. J. Agar Beet escreve sobre este verso: “É uma característica prerrogativa do Espírito de Deus conceder o conhecimento das realidades eternas, e, mais definitivamente, para levantar o véu que nenhuma mão, exceto a de Deus pode levantar, o qual esconde de nós as coisas invisíveis de Deus.” O termo anterior, *sabedoria*, é geral; o último, **revelação**, específico. Paulo ora para que o Pai, que é caracterizado pela infinita grandeza, que já selou seus leitores com o Espírito da promessa (v. 13), lhes dê o mesmo Espírito como uma fonte interior de sabedoria e como Aquele que revela as coisas invisíveis. Sua oração nos faz lembrar que cada nova influência e obra do Espírito é um presente fresco de Deus. Uma vez mais somos confrontados com nossa inabilidade natural para entender ou realizar o propósito e provisão de Deus por nós mesmos. Isso é tão verdadeiro para nós, cristãos, como o é para o animista mais obscuramente ignorante: que “o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las,

porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2:14). Acada passo do caminho, desde o momento de nossa primeira iluminação (2Co 4:6) até o fim de nossa jornada, devemos ter Sua própria revelação da Sua graça para nos libertar da influência maligna mutiladora do esforço próprio e nos conduzir na liberdade, momento após momento, de cooperar com Ele (Fp 2:12,13).

Os primeiros versos de Efésios 3 também salientam muito fortemente essa lei divina. O apóstolo fala no verso 2 da “graça de Deus, que para convosco me foi dada”. Então define o ato de Deus de dar: “Este mistério manifestado pela **revelação**” (v. 3). Como poderia um homem, cuja jactância desde sua juventude era ter sido “circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreu, segundo a lei um fariseu”, aceitar e desvelar o plano de que a misericórdia de Deus não estava restrita ao povo judeu, mas devia incluir todos em todo lugar, em Cristo Jesus? Preconceitos naturais e idéias preconcebidas somente são vencidas pela revelação divina. Pedro precisou ser preparado para entregar o evangelho à família de Cornélio, o gentio; e Deus lhe deu a visão do lençol descendo do céu. Pedro foi primeiro atraído para um lugar de quietude, sozinho com Deus (At 10:9-23). A grande pergunta a que eu e você temos que nos fazer é: “Estou pronto para dar a Deus Seu lugar correto e buscar somente a Ele? Posso dizer como Davi: 'Eis que assim como os olhos dos servos atentam para a mão do seu senhor, e os olhos da serva para a mão de sua senhora, assim

MEDITAR EM DEUS

Pelo Dr A. W. Tozer .

Dentre os cristãos de todas as épocas e das várias nuances de ênfase doutrinária, tem havido imparcialmente pleno acordo em uma coisa: todos eles creram que é importante que o cristão com sérias aspirações espirituais aprenda a meditar longa e freqüentemente em Deus.

Deixe os cristãos insistirem em sair da pobre média da experiência religiosa atual, e logo se voltarão em defesa da necessidade de conhecer o próprio Deus como o alvo final de toda doutrina cristã. Deixe-os procurar explorar as sagradas maravilhas da Divindade triúna, e descobrirão que a meditação mantida na pessoa de Deus e a ela inteligentemente dirigida é imperativa. Para conhecerem bem a Deus devem pensar Nele incessantemente. Nada do que temos descoberto sobre nós mesmos ou sobre Deus revelou qualquer atalho para a pura espiritualidade. Ela ainda é gratuita, mas tremendamente custosa.

Naturalmente isso pressupõe pelo menos uma quantidade mínima de conhecimento teológico saudável. Buscar a Deus à parte de Sua própria auto-revelação na Escritura inspirada não é somente fútil, mas perigoso. Deve haver também um conhecimento e uma completa confiança em Jesus Cristo como Senhor e Redentor. Cristo não é um dentre os vários caminhos para se aproximar de Deus nem o melhor dentre todos os caminhos. Ele é o único caminho. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por

mim”. Crer de outra forma é ser algo menos que um cristão.

Estou convencido de que a falta de grandes santos nesses tempos, mesmo dentre aqueles que crêm verdadeiramente em Cristo, se deve, pelo menos em parte, à nossa má vontade em dar tempo suficiente para o cultivo do conhecimento de Deus. Nós, do agitado Ocidente, somos vítimas da filosofia do ativismo, tragicamente mal compreendida. Ganhar e gastar, ir e vir, organizar e promover, comprar e vender, trabalhar e brincar é isso que constitui o viver. Se não estamos fazendo planos ou trabalhando para concretizar os planos já feitos sentimo-nos derrotados, estéreis, eunucos infrutíferos, parasitas no corpo da sociedade. O evangelho das obras, como alguém o chamou, tem impedido a entrada do evangelho de Cristo em muitas igrejas cristãs.

Em um esforço para conseguir fazer a obra do Senhor, freqüentemente perdemos o contato com o Senhor da obra e literalmente desgastamos muito nosso povo também. Já ouvi mais de um pastor gabar-se de que sua igreja era viva, apontando para o calendário impresso como prova disso alguma atividade todas as noites e várias reuniões durante o dia. Sem dúvida, isso não prova nada exceto que o pastor e a igreja estão sendo guiados por uma filosofia espiritual ruim. Uma grande parcela dessas atividades consumidoras de tempo é inútil, outras delas são completamente ridículas. “Mas”, dizem os ávidos castores que administram as

gaiolas dos esquilos religiosos, “elas promovem comunhão e mantêm nosso povo junto”. A isso respondo que o que elas promovem não é comunhão de forma alguma, e que, se isso é a melhor coisa que a igreja tem a oferecer para manter o povo unido, ela não é uma igreja cristã no significado desta palavra no Novo Testamento. O centro de atração em uma igreja verdadeira é o Senhor Jesus Cristo. Quanto à comunhão, deixemos que o Espírito Santo a defina para nós: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações” (At 2:42).

As pessoas mundanas nunca podem descansar. Elas precisam ter algum lugar para ir ou algo para fazer. Isso é um resultado da Queda, um sintoma de um estado doentio profundo, mas também uma liderança religiosa cega supre essa terrível inquietação em lugar de tentar curá-la pela Palavra e pelo Espírito.

Se as muitas atividades em que a média das igrejas se engaja levassem à salvação dos pecadores ou ao aperfeiçoamento dos crentes, elas justificariam a si mesmas fácil e triunfantemente, mas as atividades não produzem isso. Minhas observações me levaram a crer que muitas, talvez a maioria, das atividades em que a igreja está envolvida não contribui de nenhuma forma para cumprir a verdadeira obra de Cristo na terra. Espero estar errado, mas temo estar certo.

Nossas atividades religiosas deveriam ser ordenadas de tal forma a deixar bastante tempo para o cultivo dos frutos da solitude e do silêncio.

Deveríamos ser lembrados, no entanto, de que é possível ter esses períodos de quietude apenas quando estamos aptos para arrancar-nos a nós mesmos para fora do dia que clama por nossa atenção. Nossa meditação deve ser dirigida a Deus; do contrário, gastaremos o tempo de quietude em conversa conosco mesmos. Isso pode aquietar-nos os nervos, mas não avançará para nossa vida espiritual de forma alguma.

Ao irmos a Deus, devemos nos colocar em Sua presença com a convicção de que Ele é o iniciador, e não nós. Ele esteve esperando para se manifestar a nós até a hora em que nosso ruído e atividade cederam o bastante para fazer-se ouvido e sentido por nós. Então, devemos focalizar a capacidade de atenção de nossa alma na triúna Divindade. Qual é a Pessoa que exige nosso presente interesse não importa; podemos confiar que o Espírito traz-nos à mente a Pessoa que mais precisamos notar.

Mais uma coisa. Não tente imaginar Deus, ou você terá um Deus imaginário; e, por favor, não faça, como alguns fazem, de colocar uma cadeira para Ele sentar. Deus é Espírito. Ele habita em seu coração, não em sua casa. Medite nas Escrituras e deixe a fé mostrar Deus a você como Ele é ali revelado. Nada pode se igualar a essa gloriosa visão.

De uma edição antiga da revista. Nota de rodapé do editor da época: “Isso foi publicado após a morte do Dr. Tozer, e eu gostaria de deixar registrado minha dívida para com os escritos de alguém que considero como um profeta moderno.”

batalhava pela pureza do evangelho. Nossa palavra é usada duas vezes no primeiro capítulo da Epístola aos Gálatas. O apóstolo proferiu seu solene e duplo anátema contra aqueles que “transtornaram o evangelho de Cristo”, o qual, no verso 6, ele cognominou “a graça de Cristo”. “Nosso chamamento”, comenta o Rev E. H. Perowne, “é em graça, isto é, em Seu livre e imerecido favor e bondade; como oposto a toda noção de salvação pela justiça moral ou cerimonial.” Não há outra base para a salvação, nem tem a igreja de Deus qualquer outra mensagem válida para pregar. Paulo agora segue em frente para declarar que o entendimento da mensagem do evangelho é o resultado direto da revelação, da revelação de Deus ao nosso coração. Nos versos 11 e 12 ele diz: “O evangelho que lhes preguei não é uma invenção humana. Não o recebi de homem algum, e nenhum homem o ensinou a mim; ele me chegou como revelação direta da parte de Jesus Cristo” (*Cartas para Hoje*, J. B. Philips). Então nos versos 14-16, usando mais uma vez a mesma tradução, ele continua: “Eu me destacava entre as pessoas de minha idade na religião judaica e tinha um entusiasmo enorme pelas antigas tradições. Mas quando Deus (que me havia escolhido desde o instante de meu nascimento e havia me chamado por meio de sua graça) se agradou em revelar seu Filho a fim de que eu o anunciasse ao mundo não-judeu, não conversei de imediato sobre isso com nenhum ser humano”. O que, de fato, nós podemos adicionar à revelação de Deus? Agora estamos no terreno que não pode ser

abalado. Podemos não estar aptos para tratar com o raciocínio sofisticado e o argumento dos professores oficiais de religião, mas podemos dizer com o mendigo cego de nascença diante do questionamento dos fariseus: “Uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo” (Jo 9:25). Albert Barnes comenta aqui: “Não devemos estar envergonhados pelo fato de que o Filho de Deus nos tenha feito ver. Nenhuma objeção capciosa ou escárnio de homens poderia nos impedir de tal reconhecimento”. Nosso problema real freqüentemente é o orgulho. Não podemos compreender o fato de nossa completa dependência da graça de Deus. Sentimos que devemos fazer alguma contribuição e sermos tão aplicados à construção da nossa própria pequena torre de Babel, da religião baseada em nós mesmos, que não estamos de ânimo disposto para nos ser revelada a escada posta na terra que alcança o próprio trono de Deus. Você não pode vê-Lo, Aquele que é o Caminho, colocando essa escada em Sua cruz, em Sua gloriosa ressurreição e em Sua ascensão? Você se regozija na porta estreita aberta que admite a nós, pobres pródigos, à casa do Pai? Você está preparado para convidar outros: “Venha comigo! Mostraram-me o Caminho! Cristo é tudo!?”

Conduzir homens e mulheres para seu próprio “compromisso” ou “decisão” é iludi-los. Nossa tarefa é estar tão debaixo do domínio do Espírito Santo de Deus que Ele pode revelar Cristo a nós. Nada menos do que isso é a pregação do evangelho. A graça salvadora de nosso Senhor e Salvador,

intelectual da concepção do senhorio de Cristo, mas isso pode se tornar apenas um conhecimento enraizado, sobre o qual a fé pode ser construída por um tempo e pela eternidade enquanto é constituída como um fato divinamente revelado ao seu coração por Deus.

Devemos lembrar que as revelações de Deus são feitas a nós um pouco de cada vez, na medida em que estamos aptos para recebê-las. Assim, vemos que essa revelação a Pedro era simplesmente o começo, e os versos 21-23 mostram que ele não teve naquele momento entendimento nenhum da cruz, em direção da qual a face do Salvador estava colocada. Seu pensamento era proveniente da razão natural, era construído sobre suas idéias e preconceitos de judeu, e, por trás disso, estava a enganosa e satânica sugestão. Compare sua aflição quando o Mestre lhe falou aqui de Sua morte com a triunfante declaração feita anos mais tarde em sua primeira epístola: “Levando ele mesmo os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, para que mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados” (1Pe 2:24). Por que a declaração agora é tão clara e precisa? Porque o significado da cruz foi revelado a ele e ele viu a maravilha da misericórdia de Deus por nós em Cristo. Note também sua orgulhosa autoconfiança: “Ainda que todos se escandalizem de ti, eu nunca me escandalizarei” (Mt 26:33). Ele imaginou que era possível seguir seu Senhor em sua própria força. Compare essa atitude com sua declaração simples de que o cristão é alguém que “pelo poder de Deus

é guardado, mediante a fé” (1Pe 1:5). Porque a mudança? Sua própria necessidade e a suficiência do poder guardador de Deus foram reveladas a ele. Onde inicialmente havia a frustração do esforço próprio, agora há um olhar natural na direção de Jesus, que é o amável fruto da revelação. Todos nós devemos trilhar esse caminho. Deus não tem favoritos. Ele revela as maravilhas de Seu amor e a glória de Sua salvação àqueles que estão prontos para aprender.

Jesus perguntou: “Nunca lestes?” Naturalmente aqueles para quem Cristo fez esta pergunta haviam lido as Escrituras. Mas, embora as tivessem lido e pudessem citar centenas de passagens, não entraram nas implicações mais profundas de muitas dessas verdades reveladas. Por isso construíram um sistema de erro, eram eticamente insinceros e estavam cegos para o fato de que seu Messias encontrava-se no meio deles. Muitos deles estavam vivendo em desobediência à própria Palavra que defendiam e criam ser inspirada. A história tem um hábito de se repetir, e, em nossos dias de abundante literatura religiosa, modernos jargões cristãos e prolífero desenvolvimento de teorias, idéias e doutrinas, existem muitos que, apesar do fato de o Espírito Santo de Deus estar presente para nos guiar em toda a verdade, nunca viram a cruz revelada e o Salvador ressurreto em Seu sempre presente poder salvador.

Graça e Revelação

Foi nesta base da revelação que o apóstolo Paulo se encontrava e

A MAIOR NECESSIDADE DO CRISTÃO

Pelo Rev. E. W. Bullinger

Há algo que o cristão precisa mais do que qualquer outra coisa, algo em que todas as outras descansam e para a qual todas as outras se tornam. Pela Palavra de Deus somos informados que, com certeza, “não sabemos como devemos orar, mas o Espírito intercede por nós” (Rm. 8:26). Ele sabe o que precisamos e intercede por nós e em nós. Ele nos ensina a orar, e em Efésios 1:17 lemos a oração para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, nos conceda o Espírito de sabedoria e revelação, para que O conheçamos melhor.

Esta é a nossa maior necessidade: um verdadeiro conhecimento de Deus. Se o Espírito Santo coloca isso antes de todas as outras coisas, deve ser porque é mais importante do que qualquer outra. Isso está colocado no fundamento da fé cristã, na entrada da vida cristã. É a essência de toda a confiança. Por que não confiamos em Deus? Porque não O conhecemos! Esse conhecimento de Deus é nossa maior necessidade, o primeiro passo de nossa trajetória cristã. Nossa confiança será sempre apenas proporcional ao nosso conhecimento.

Se conhecêssemos a bilionésima parte da infinita sabedoria de Deus veríamos a nossa própria ser tão absoluta insensatez que não deveríamos estar meramente “querendo” a Sua vontade, mas deveríamos desejá-la ardentemente. Seria a nossa maior alegria que Ele fizesse e arranjasse tudo

por nós. Isso vai bem além do “querer”. Podemos estar querendo algo, porque não podemos evitar isso. Pode ser até uma forma baixa de fatalismo cristão, mas o que estamos falando aqui vai muito além do evangelho moderno de santidade, muito além de meramente “querer”.

Aqueles que ainda estão na condição mais baixa do não estar “querendo”, mas “querendo que os façam querer”, não vêem que essa condição surge por não conhecerem a Deus, por não conhecer quão infinito é Seu amor, quão vasta é Sua sabedoria, quão bendita e doce é Sua vontade. Se ao menos soubessem um pouco disso suspirariam pela vontade de Deus. Por não saberem, esses cristãos estão se esforçando e labutando para “querer” por meio de olharem para si mesmos e por um “ato de fé” definitivo que lhes faça algo. Em vez de pensarem na sabedoria de Deus e em Seu amor, estão pensando em si mesmos e em sua “rendição”. Mas isso é trabalho vão. Mesmo que aparentemente se alcance algo, é apenas como colar flores de papel numa planta: elas podem parecer naturais e formosas, mas não têm perfume, vida, fruto ou semente. É uma tentativa artificial de produzir aquilo que, se eles conhecessem a Deus, viria sem esforço algum. Se realmente O conhecêssemos e crêssemos que Ele sabe melhor do que nós o que é bom para nós, não haveria qualquer esforço, mas somente um abençoado desejo incontável por Sua

vontade.

Existem duas palavras na língua original do Novo Testamento para esse conhecimento de Deus.

1-Uma, *oida*, significa “conhecer sem aprendizado ou esforço”, referindo-se àquilo que sabemos intuitivamente, ou a respeito de um fato ou história.

2-A outra, *ginosko*, significa “vir a conhecer por esforço, experiência ou aprendizado”.

“O que eu faço não *sabes* tu agora” (Jo 13:7). Esta é a primeira das duas palavras, e nos diz que Pedro não tinha conhecimento intuitivo daquilo que o Senhor estava fazendo e não tinha forma de saber. Era-lhe impossível. O Senhor continua e diz: “Mas tu o *saberás* [a segunda palavra, “vir a conhecer”] depois.” Pedro aprenderia e descobriria, por experiência e revelação, o que o Senhor estava então fazendo.

“E vós não o *conheceis* [*ginosko*], mas eu o *conheço* [*oida*]. Se disser que o não *conheço* [*oida*], serei mentiroso como vós; mas o *conheço* [*oida*] e guardo a sua palavra” (Jo 8:55). Aqui o Senhor declara Seu imanente conhecimento do Pai, e declara que aqueles a quem Ele se dirigia não somente não tinham tal conhecimento inato de Deus, como não tinham nem mesmo como atingir aquele conhecimento.

“E *sabemos* [*oida*, “sabemos como um fato histórico, sem aprendizado”] que já o Filho de Deus é vindo e nos deu entendimento, para

conhecermos [*ginosko*, “vir a conhecer”] o que é verdadeiro” (1Jo 5:20).

A verdade ensinada aqui é que antes de podermos *vir a conhecer* a Deus devemos ter uma compreensão espiritual comunicada a nós. Isso está de acordo com 1Coríntios 2:14: “Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus porque lhe parecem loucura; e não pode *entendê-las*”. Por que não? Porque “elas se discernem espiritualmente”. O homem natural não tem meio de vir a conhecer as coisas espirituais. Um entendimento espiritual deve primeiro ser *concedido*. Então os homens estarão aptos, não somente para discernir, mas para amar e se deleitar na revelação das coisas espirituais e virem a *conhecê-Lo*, “o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste (...) esta é a vida eterna” (Jo 17:3). A importância de *vir a conhecer* a Deus é extraordinariamente enfatizada como uma grande necessidade nossa. Esse conhecimento não é apenas a base da confiança em Deus, não é somente o fundamento da fé cristã, mas da vida cristã. A vida prática e o caminhar cristão serão em proporção direta ao nosso conhecimento de Deus. Vejamos Colossenses 1:9,10, onde temos o resultado prático da oração em Efésios 1:17. Em Efésios temos a oração em si, em Colossenses a temos aplicada para nossa correção e instrução. Pesemos cuidadosamente as palavras: “Por esta razão, desde o dia em que ouvimos sobre vós, não cessamos de orar e pedir a Deus para que sejais cheios do pleno conhecimento [o substantivo vem do

porque assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser **revelar**” (Mt 11:25-27). Isso foi imediatamente seguido pelo gracioso convite: “Vinde a mim, todos os que estai cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (vv. 28-30). Este doce sermão vem a nós através de todas as frustrações e ruído de nossos argumentos e labuta mental: “Vinde (...) aprendei!” Tudo o que é preciso é que sejamos suficientemente humildes para pôr de lado nossa própria sabedoria e conhecimento, e nos tornemos como crianças, prontas para ser ensinadas. Os segredos do Reino, diz um comentário sobre estes versos, não são revelados àqueles que são sábios em seu próprio conceito, mas àqueles que têm a humildade da infância e a avidez para saber semelhante à de uma criança.

Vendo-O

Talvez o significado dessa palavra grega fosse um ponto importante para o qual olhar mais de perto. O verbo significa “remover o véu ou se descobrir, e, assim, se expor para a visão ampla do que antes estava escondido”. Talvez uma das mais simples ilustrações disso pode ser vista na cerimônia de casamento do povo hebreu. O noivo nunca via a sua noiva até o dia do casamento. Então, ela era trazida a ele coberta com o véu. Ele

tinha o privilégio de erguer o véu, e, então, pela primeira vez, via sua noiva como ela realmente era. Até aquele momento ele tinha apenas as descrições trazidas a ele por um intermediário que o guiava. Todo seu conhecimento era de segunda mão. Agora ele via por si mesmo. Enquanto vamos em frente, podemos ver que este é um paralelo admirável com aquela revelação que é a única posição básica segura da experiência cristã.

Nossa próxima passagem é uma das mais significativas em toda a Escritura, Mateus 16:13-23. Sempre me encanta notar que o Senhor Jesus não pergunta aos Seus discípulos **o que** os outros tinham para dizer sobre Ele, Seus milagres ou Seus ensinamentos. Ele pergunta: “**Quem** dizem os homens ser o Filho do homem?” Depois de terem transmitido os fragmentos das conjecturas que tinham por acaso ouvido de outros, Ele impõe aos de casa a pergunta ao coração deles: “E vós **quem** dizeis que eu sou?” Não há hesitação na resposta de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo”. Esta declaração de fé é imediatamente declarada ser uma revelação: “Bem-aventurados és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está no céu”. Tal conhecimento não pode ser ganho pelo ensinamento de homens nem pelo raciocínio humano, mas somente pode ser aprendido pela revelação direta de Deus. A declaração categórica do apóstolo poderia parecer peculiarmente relevante bem aqui: “Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo” (1Co 12:3). Ele pode cultuar com os lábios e com uma medida de aceitação

A REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO

Por J.C.Metcalf

“No conceito de **revelação** como o oposto do conhecimento **natural**”, expõe a passagem de um livro de filosofia religiosa, “geralmente é transmitida a idéia de comunicação da verdade à qual o homem não poderia chegar por seu próprio poder independente. Ou seja, Deus comunica ao homem um conhecimento que o próprio homem, de outra forma, não o poderia ter possuído”. Essa definição de revelação é logo depois descartada como obsoleta, tendo sido condenada pelo conhecimento moderno, e mesmo assim, se você a lê de novo com cuidado, descobrirá que é exatamente o que o Novo Testamento ensina como a rocha do fundamento de toda experiência cristã. É verdade que “o homem não pode receber coisa alguma, se lhe não for dada do céu” (Jo 3:27); e o apóstolo Paulo censura o orgulho divisivo dos coríntios nestas mesmas bases: “Pois, quem te diferença? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido?” (1Co 4:7).

É essencial percebermos que a verdade de Deus não pode nunca ser descoberta por nossa mente, sem ajuda, Tateando algo mais elevado que ela. Tanto Zofar como Eliú entenderam isso. Um perguntou: “Poderás descobrir as coisas profundas de Deus?”, ou, de acordo com uma tradução opcional: ‘Poderás descobrir a imensidão de Deus?’ O outro declara asperamente: “O Todo-Poderoso está além de nosso alcance” (Jó 11:7; 37:23). De fato, uma das grandes lições a

ser aprendida no livro de Jó é que ele e seus amigos estavam afundando, desesperadamente sem terem pé, até que Deus interviesse e se revelasse. Desta forma é indistintamente prenunciada a mais impressionante de todas as maravilhas: a vinda do próprio Deus para Seu mundo na pessoa de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. “Ninguém”, diz o apóstolo João, “viu a Deus, mas o Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o fez conhecer” (Jo 1:18).

Hoje o Senhor Jesus é Aquele que vive “para todo o sempre” (Ap 1:18). Deus é revelado por meio Dele, e somente por meio Dele, ao coração humano; e os agentes gêmeos dessa revelação são o *Espírito Santo de Deus* usando as Escrituras, a *Palavra de Deus*. Quão maravilhosamente isto é apresentado pelo uso, no Novo Testamento, da palavra grega da qual tomamos a palavra *apocalipse*.

Veremos primeiro como essa palavra é usada nos Evangelhos. Os lugares onde ela ocorre são poucos, mas significativos. Em primeiro lugar, em Mateus 1:20-24, e na passagem paralela em Lucas 10, o Senhor Jesus reprova severamente a ostensiva incredulidade das cidades onde Suas obras poderosas foram feitas. Então, repentinamente vêm as palavras: “Naquele tempo falou Jesus, dizendo: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as **revelaste** aos pequeninos. Sim, ó Pai,

segundo verbo, adquirir conhecimento] de sua vontade em toda sabedoria e inteligência espiritual.” Por quê? “Para que possais andar dignamente diante do Senhor agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra, e crescendo no *conhecimento de Deus*”.

Então, para andar de forma digna do Senhor, eu devo conhecê-Lo. Tenho de me sentar diante da Palavra de Deus e *vir a conhecê-Lo* por meio dela. Não há outro meio de vir a conhecê-Lo. Ele nos deu Sua Palavra, e revelou-se a Si mesmo nela, para que a estudemos e descubramos o que O agrada, aquilo que Ele ama, o que Ele odeia, o que Ele faz; para que conheçamos Sua sabedoria, Sua vontade, Seu amor infinito, Seu poder supremo, Sua fidelidade, Sua santidade, Sua justiça, Sua verdade, Sua bondade e misericórdia, Sua longanimidade, Sua gentileza, Seu cuidado e todos os inumeráveis atributos do nosso grande e glorioso Deus.

Esse conhecimento é absolutamente necessário se queremos agradar a Deus. Como haveremos de descobrir o que O agrada? Como descobriremos as coisas que Ele aprova? Somente em Sua Palavra. Ali, e somente ali, poderemos *vir a conhecê-Lo*. Apenas ali aprenderemos a plenitude da oração do Espírito por nós em Efésios 1:17 e seu bendito resultado em Colossenses 1:9,10.

Ninguém tem esse conhecimento de Deus intuitivamente. Deus revelou a Si mesmo em Sua Palavra escrita, as Escrituras da verdade, e na Palavra viva, Seu Filho,

Jesus Cristo. E é pela palavra comunicada e revelada em nosso coração pelo Espírito Santo que começamos assim vir a conhecê-Lo, Aquele a quem conhecer é ter a vida eterna. Essa é uma grande razão pela qual a Palavra escrita nos é dada. Ela não é dada meramente como um livro de informação geral ou de referência, mas para fazer conhecido o Deus invisível.

Consideremos o efeito dessa grande verdade em nossa vida diária. Que paz e descanso ela traz. Olhemos para sua influência em nossas orações! Por que nos é dito tão freqüentemente para orar? Porque a oração serve para nos humilhar por nos colocar numa posição de desamparo e dependência. Orar quer dizer colocar nossa cara no pó diante do poderoso Deus. Em vez disso, o que encontramos? Tornamos aquele lugar, que é destinado a nos humilhar e nos manter prostrados no mais baixo, em um trono do qual ditamos a Deus o que Ele deve fazer em nossos assuntos, como Ele deve conduzir nossos planos.

Um verdadeiro conhecimento de Deus levaria a uma condição muito diferente dos fatos. Nossas orações seriam freqüentes e seríamos tão cheios de um senso de sabedoria, poder e bondade de Deus que cessaríamos de orar como se tivéssemos mais compaixão do que Ele teve, como se estivéssemos mais preocupados com os pecados e com os pecadores do que Ele, como se estivéssemos mais interessados em Sua obra do que Ele. Seríamos de fato precisos em relação a muitas coisas quando sabemos, a partir

da Sua Palavra, o que perguntar. Mas seríamos igualmente precisos ao deixar todos os nossos cuidados com Ele. Cessaríamos de tomar as responsabilidades da vida sobre nós mesmos. Diríamos: “Senhor, qual é a Tua vontade? Não atentes para meus pedidos se Tu vires que eles não são bons. Não faças ou concedas nada porque eu pedi ou porque pensei que fosse bom. Impeça-o se Tu, que vês o final desde o começo, vires que não será para meu bem. Sou tão tolo e ignorante diante de Ti, e Tu és tão maravilhoso, tão sábio e tão bom a própria bondade e

O CRISTÃO EM ROMANOS 7

Por Arthur W. Pink

Neste capítulo o apóstolo faz duas coisas: primeiramente, ele mostra o que é e o que não é a relação da lei com o crente: judicialmente o crente é emancipado da condenação ou penalidade da lei (Rm 7:1-6), moralmente o crente está sob algemas para obedecer à lei (vv. 22-25). Em segundo lugar, Paulo se guarda contra uma falsa inferência levantada a partir do que tinha ensinado no capítulo 6. Em Romanos 6:1-11 ele apresenta a identificação do crente com Cristo como “morto para o pecado” (vv. 2,7ss). Então, do verso 11 em diante, ele mostra o efeito que essa verdade deve ter sobre o andar do crente. No capítulo 7, ele segue a mesma ordem de pensamento. Nos versículos 1 a 6 ele escreve sobre a identificação do crente com Cristo como “morto para a lei” (vv. 4-6). Então, do verso 7 em diante ele

misericórdia. Teu amor é tão infinito que somente Tu podes fazer o que é certo, melhor e mais sábio. Tua vontade é o próprio amor. Oh, que eu seja cheio do conhecimento da Tua vontade, em toda sabedoria e inteligência espirituais, para que eu desfrute do perfeito descanso que esse conhecimento proporciona.”

Deus nos proveu Alguém que é nossa garantia e que é responsável por nós na vida e na morte (João 6:39). Quão melhor é deixar nossos problemas em Suas mãos.

descreve as experiências do cristão. Por isso, a primeira metade de Romanos 6 e a primeira metade de Romanos 7 tratam da posição do crente, enquanto a segunda metade de cada capítulo trata da condição do crente, mas com a seguinte diferença: a segunda metade de Romanos 6 revela qual deveria ser nossa condição, enquanto a segunda metade de Romanos 7 (vv. 13-25) mostra qual é verdadeiramente nossa condição.

A controvérsia que se desenvolveu sobre Romanos 7 é basicamente o fruto do perfeccionismo e somente mostra o quanto está difundido hoje o espírito de laodiceísmo. Comentar Romanos 8 pulando Romanos 7 é tolice inescusável. Ambos capítulos se aplicam com uma não diminuída força e pertinência a todo crente sobre a terra hoje. A segunda metade de Romanos 7

serviço que seguem o conhecimento da plenitude do Espírito Santo: uma são as obras poderosas e a outra, a de ser um canal de vida para a vida de Deus avivar outras almas. Uma é o resultado do fazer, a outra, do sofrer. Um estágio pode ser comparado, na vida de Cristo, às Suas obras poderosas após o batismo no Jordão, e a outra, ao resultado de Sua vida derramada no Calvário. A cruz pode ser o término na experiência de um crente, no sentido da morte com Cristo para o pecado e o mundo; mas, quando essa atitude de término da morte com Cristo é mantida pela fé e obediência, o crente é, então, guiado pelo Espírito Santo para uma comunhão com a morte de Cristo a fim de viver para outros, e estes são os filhos da cruz que, alegremente, consentem em entrar em comunhão com seu Senhor, para que Sua vida neles possa fluir como fontes de vida para as almas necessitadas.

É da mais profunda importância que cooperemos com o Espírito de Deus no estágio de vida divina em que Ele nos colocou. É possível ter de voltar atrás em nosso progresso espiritual por buscar uma experiência que possa parecer mais avançada do que o caminho indicado pelo apóstolo Paulo em 2 Coríntios 4:10-12. O mais elevado propósito de Deus no crente não

é tanto fazê-lo um instrumento poderosamente útil, como produzir nele a plena manifestação de Cristo em todos os aspectos de Seu caráter, e isso só pode ser feito no vale do lagar da comunhão com Seus sofrimentos. Ele foi “crucificado em fraqueza”, e não havia sinais de poder e maravilhas feitos por Ele para estremecer a multidão no Calvário. Mas, em Sua fraqueza e como Cordeiro mudo no sofrimento e em Sua vida derramada, fez mais pelo mundo do que quando curou o enfermo e expulsou demônios na Galiléia. Oh, que esse puro e amável padrão seja revelado aos ávidos filhos de Deus que estão buscando intensamente o que consideram “o melhor de Deus”: o padrão de Cristo em Sua semelhança ao Cordeiro conquistando as hostes das trevas, não pela luta, mas pela morte. E essa bela semelhança de Cordeiro do Senhor Cristo não será formada em nós pela visão do Calvário nem pelas repentinas e místicas experiências de entrar nos sofrimento de Sua cruz, mas pela escolha diária e a cada hora da vontade de Deus na disciplina da vida; é o “não retribuir respondendo” quando acusado de muitas coisas; é o escondido e silencioso caminho do sacrifício; é o fazer o bem e sofrer por isso como malfeitor merecedor de morte.

“creram” de acordo com a letra da palavra (Jo 7:38), mas ainda assim estes rios não fluíram. Mas, por fim, o segredo foi revelado pela providência de Deus. Eles se encontraram um dia no vale do lagar e, então, os rios fluíram! Num momento, quando muitos pareciam pisar com os pés estas uvas no lagar de Deus, foi que, olhe!, uma fonte de amor divino, puro como cristal e doce com a doçura do céu, abriu-se no coração deles para as almas que os pisavam, e eles souberam que estavam no “lugar da fonte”, o coração de Deus, o coração de Deus revelado no coração de Cristo sobre a cruz do Calvário.

“Se tu és o filho de Deus, desce desta cruz”, eles clamavam. Saia do lagar! Mas como, então, outros poderão ser salvos? Como, então, a vida de Deus poderá ser dada às almas necessitadas? E, pela mesma razão, os filhos da cruz devem seguir o Cordeiro para o lagar do Calvário, se por meio deles puder ser dado o vinho da vida de Cristo para um mundo agonizante.

O salmista fala somente de uma “passagem” vale do lagar. Para dizer a verdade, isso pode ser somente uma “passagem” de tempos em tempos, conforme os filhos da cruz se compelem em seguir o Cordeiro. Na medida em que a vida divina é crescentemente concedida e o poder divino é dado, aqueles que conhecem o “lugar das fontes” se regozijam cada vez que são tidos por merecedores de receber a alegria do lagar, a alegria do Cordeiro que, próximo da Sua cruz, pôde dizer à Sua pequena companhia de amigos sofredores: “Minha alegria permaneça

em vós” (Jo 15:11): a alegria que foi colocada diante Dele, pela qual pôde suportar a cruz, o desprezo e a vergonha; a alegria que pode ser conhecida apenas quando se vê o Calvário a partir do coração de Deus, do ponto de vista do céu.

Essas almas, que conhecem o vale do lagar como o lugar das fontes, vão de “poder em poder”, ou, em hebraico, de “força em força”, e “cada um deles em Sião aparece perante Deus”. Cada um deles emerge naquela vida escondida com Cristo em Deus, pois estes são os “vencedores” que são “levantados acima de tudo” pela perda de tudo. De “força em força” eles vão, através dos vales do lagar, mais e mais perdendo a vida terrena conforme são conduzidos além do limite para os recursos que devem ser encontrados apenas em Deus, mais e mais desligados de tudo que a terra considera precioso para habitar nos céus com o Senhor reinante.

Esta conformidade com o Filho de Deus em Seu padrão de Cordeiro é o propósito da plenitude pentecostal do Espírito, mais do que “cânticos e maravilhas” que ofuscam o olho. “Recebereis poder para serem mártires” (lit.), foi a promessa do ressurreto Senhor aos Seus discípulos, e isso certamente significa, em um aspecto, que, como somente “pelo Espírito eterno” ofereceu-se a Si mesmo a Deus, assim todos os Seus seguidores precisariam do poder do Espírito Santo para segui-Lo e serem conformados à Sua imagem, a imagem do Cordeiro.

Existem duas esferas de

descreve o conflito de duas naturezas no filho de Deus e simplesmente apresenta em detalhes o que é sumarizado em Gálatas 5:17. Os versículos 14, 15, 18, 19 e 21 de Romanos 7 são agora a verdade de cada crente sobre a terra. Cada cristão está longe do cumprimento do padrão colocado diante dele, expressando o padrão de Deus, não aquele que a assim chamada “vida vitoriosa” ensina. Se alguns leitores crentes estão dispostos a dizer que Romanos 7:19 não descreve sua vida, diremos com toda amabilidade que estão tristemente enganados. Não queremos dizer com isso que todo cristão quebra as leis de seu país ou que é transgressor declarado das leis de Deus. Mas queremos dizer que sua vida está muito abaixo do nível da vida que nosso Salvador viveu aqui na terra. Queremos dizer que existe muito da “carne” ainda evidente em cada cristão, não menos naquele que faz um estrondoso elogio de seus talentos espirituais. Queremos dizer que todo cristão tem uma necessidade urgente de orar todos os dias pelo perdão de seus pecados diários (Lc 11:4), pois “todos tropeçamos em muitas coisas” (Tg 3:2).

Isso resulta em que devemos nos confinar aos dois últimos versos de Romanos 7, nos quais se lê: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor! De modo que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado” (Rm 7:24,25).

Esta é a linguagem de uma

alma regenerada, e isso resume o conteúdo dos versos imediatamente precedentes. A pessoa irregenerada está de fato desgraçada, mas é uma estranha para a “miséria” aqui expressa, porque não sabe nada da experiência que evoca essa lamentação. A totalidade do contexto é dedicada à descrição do conflito entre as duas naturezas nos filhos de Deus. “Segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus” (v. 22), é verdade para ninguém mais a não ser para a pessoa nascida de novo, exceto para aquele que com “prazer” descobre nos seus membros a ação de outra lei. Esta referência não deve ser limitada aos membros físicos, mas deve ser entendida como incluindo todas as várias partes da personalidade carnal. Essa “outra lei” também está em ação na memória, na imaginação, na vontade e no coração.

Essa “outra lei”, diz o apóstolo, guerreia contra a lei de sua mente (a nova natureza) e, não somente isso, ela o faz “cativo à lei do pecado” (v. 23). O quanto ele foi levado para o cativo não está definido, mas isso ocorreu, como acontece com todo crente. O desvio da mente quando lê a Palavra de Deus, as coisas que saem do coração (Mc 7:21), os maus pensamentos quando estamos ocupados orando, as imagens horríveis que algumas vezes vêm diante de nós quando dormimos são alguns dos muitos exemplos do ser levado “cativo à lei do pecado”. “Se o princípio mau de nossa natureza prevalece no exercício de um pensamento mau, ele nos levou cativo. Assim que ele nos conquista, somos

derrotados e feitos prisioneiros”, escreveu Robert Haldane.

É a consciência deste perigo interior e de ser levado cativo do pecado que faz com que o crente exclame: “Miserável homem que sou!” Este é um clamor causado por uma profunda percepção do pecado que habita interiormente. É a confissão daquele que sabe que em seu ego natural não habita bem algum. É o grito pesaroso daquele que descobriu algo do horrível poço de iniquidade que está em seu próprio coração. É o gemido de uma pessoa divinamente iluminada que agora odeia seu ego natural e anseia por libertação.

Este gemido “Miserável homem que sou!” expressa a experiência normal do cristão, e qualquer cristão que não geme assim está num estado espiritual anormal e doentio. A pessoa que não emite esse gemido diariamente está tão fora da comunhão com Cristo, ou tão ignorante dos ensinamentos da Escritura ou tão enganada sobre sua verdadeira condição que nada sabe sobre a corrupção de seu próprio coração e sobre a miserável deficiência de sua própria vida.

Aquele que se curva ao solene e perscrutador ensinamento da Palavra de Deus, aquele que aprende o terrível naufrágio que o pecado forjou na constituição humana, aquele que vê o elevado padrão de santidade que Deus colocou diante de nós não pode falhar em descobrir quão vil e miserável é. Se lhe for dado ver quão distante está de alcançar o padrão de Deus, se, na luz do

santuário divino, descobre quão pouco se assemelha ao Cristo de Deus, então, achará essa linguagem muito adequada para expressar sua piedosa tristeza. Se Deus revela a ele a frieza de seu amor, o orgulho do seu coração, os erros de sua mente, o mal que polui seus mais piedosos atos, clamará: “Miserável homem que eu sou!” Se ele estiver consciente de sua ingratidão, de quão pouco aprecia as misericórdias diárias de Deus; se assinalar a ausência daquele profundo e genuíno fervor que deve sempre caracterizar seu louvor e adoração Àquele que é “glorioso em santidade”; se reconhece o pecaminoso espírito de rebelião que tão freqüentemente o faz murmurar ou pelo menos se irritar contra as dispensações de Deus em sua vida diária; se tentar listar não somente os pecados de comissão como os de omissão dos quais é diariamente culpado, de fato clamará: “Miserável homem que eu sou!”

Não é somente o cristão “apóstata”, agora convencido, que lamentará dessa forma. Aquele que está verdadeiramente em comunhão com Cristo também irá emitir esse gemido, e o emitirá diariamente e de hora em hora. Quanto mais perto chega de Cristo mais descobrirá a corrupção de sua velha natureza e mais severamente desejará ser libertado dela. Somente quando a luz do sol penetra um quarto é que a sujeira e a poeira são plenamente reveladas. Do mesmo modo, somente quando de fato vamos à presença Dele que é a luz é que somos colocados a par da imundície e fraqueza que habitam em nós e que

plenitude de Deus. Eles não vêem o lagar e a cruz em sua dor e perda exteriores, como outros os vêem, mas do ponto de vista do “tabernáculo do Senhor dos Exércitos”, do santuário do coração de Deus, e podem cantar no lagar quando vêem o vinho da vida do céu extraído deles em vida abençoada para as almas necessitadas, e sabem que Aquele que pisou sozinho o lagar, por causa deles, está satisfeito.

E o que eles cantam? “Quão amáveis são os seus tabernáculos, Senhor dos Exércitos! A minha alma está anelante, e desfalece pelos átrios do Senhor”. Quando a terra é mais escura no lagar, então o céu está aberto e Deus se torna tudo em todos. E eles cantam, estes filhos da cruz, da bem-aventurança de alguém cuja força está em Deus, e não nas circunstâncias ou ajudas e amparos terrenos (v. 5). A palavra em hebraico significa “força” ou “persistência”. “Bem-aventurado o homem cuja força, ou poder de persistência, está em ti”. “Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes”, escreve o apóstolo. “Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu” (Tg 5:11 VRA). Bem-aventurado Jó que teve força para suportar até chegar o tempo em que seu cativo mudou e recebeu do Senhor “duas vezes mais do que tinha antes”. Pois “o fim que o Senhor lhe deu” é duplo por causa de toda a dor do lagar, e o tempo no vale do lagar é a medida do poder de persistência que a alma tem em Deus, e o prenúncio do “dobro” que virá posteriormente em bênção do lagar para outros.

E eles cantam, estes filhos da

cruz, quando descobrem que no lagar seu coração “derreteu-se no meio das suas entranhas” (Sl 22:14), como seu Senhor sobre a cruz, e como, ao se derreterem, as velhas limitações se foram e o coração deles, uma vez fechado, se tornou “estradas para Sião” para outros buscarem a Deus; não mais fechados para os sofrimentos de outros, fechados em laços estreitos de solidariedade e amor, mas de coração dilatado e aberto às necessidades de um mundo agonizante, pois quem “vê o seu irmão necessitado e lhe encerra as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus?” (1Jo 3:17).

Oh!, o coração fechado no meio do povo de Deus. Oh!, os altos muros sobre os quais ninguém pode saltar, cercando sua solidariedade e amor! É importante o lagar fazer com que o exterior da uva seja ferido e quebrado, se, por meio disso, o vinho do amor de Deus puder ser liberado a fim de passar para um mundo necessitado de mais solidariedade do que de pregação, mais de amor do que de lei. Bem-aventurados são aqueles “em cujo coração estão as estradas para Sião” para um mundo necessitado, um coração aberto para todos os que necessitam de Deus, para entrarem e marcharem por eles a Sião, até Deus.

Mas, mais do que tudo, os filhos da cruz podem cantar no vale do lagar porque ali descobrem que eles mesmos se tornaram “uma fonte” de água para a vida de outros. Eles buscaram com sinceridade ardente ser canais para “os rios de águas vivas” fluírem para outros, e eles “creram”, e

não esteja cego pela vaidade. E o resultado de tal consciência será de fazê-lo ainda mais ardente e fervorosamente agradecido a Deus pela prometida libertação na vinda do nosso Salvador e Senhor, quando Ele “transformará nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso” (Fp 3:21), e, tendo feito assim, Ele “nos apresentará irrepreensíveis, perante a sua glória” (Jd 24). Aleluia, que Salvador!

Deve-se observar que na segunda metade de Romanos 7 o apóstolo fala no singular. Isso é impressionante e muito abençoado. O Espírito Santo nos anuncia que a mais elevada concessão da graça não isenta o cristão da dolorosa experiência ali

‘FILHOS DA CRUZ’

Pela Sra Jessie Penn-Lewis

“Para o cantor-mor sobre Gitite; Salmo para os filhos de Coré.”

Em um sermão o Rev. C. H. Pridgeon, de Pittsburg, EUA, apresentou algo muito útil na interpretação destas palavras no título do salmo 84. Falando do sexto verso do salmo: “Passando pelo vale de Baca, fazem dele um lugar de fontes; e a primeira chuva o cobre de bênçãos”, o pregador apontou o caráter sugestivo do título, “sobre Gitite”, em seu significado de “concernente ao lagar”, significando que o salmo provavelmente era cantado no momento em que o vinho era extraído das uvas. As palavras “Salmo para os filhos de Coré” são

descrita. O apóstolo retrata, com ele mesmo sentado para a foto, a luta espiritual do filho de Deus. Ele ilustra, pela referência à sua própria experiência pessoal, o incessante conflito que é empreendido entre a antagonista natureza em alguém que nasceu de novo.

Que o Senhor em Sua misericórdia nos livre do espírito de soberba, que hoje polui o ar da cristandade moderna, e nos conceda tal visão humilde da nossa própria impureza, que nos juntaremos ao apóstolo clamando: “Miserável homem que sou!”, e O louvaremos por sua maravilhosa graça para com tais pecadores merecedores do inferno.

igualmente instrutivas, pois “a palavra ‘Coré’ é equivalente à nossa palavra ‘Calvário’, o lugar da caveira. Espiritualmente, portanto, estes ‘filhos de Coré’ podem ser equivalentes aos ‘filhos da cruz’. Alguns dos patriarcas assim liam estas palavras”. Resumindo estes pontos, pode-se dizer que este é um salmo escrito para ser usado pelos “filhos da cruz”, que estão passando pelo lagar no vale de Baca.

Um salmo para ser cantado no lagar! Somente os filhos da cruz podem cantar no lagar, pois eles conhecem o segredo dos caminhos de Deus, que da morte vem a vida; do sofrimento, gozo celestial; da insignificância, a completa

corrompe todas as partes do nosso ser. E tal descoberta fará cada um de nós clamar: “Miserável homem que eu sou!”

A comunhão com Cristo não produz tanto alegria como tristeza? Ela produz ambas ela o fez com Paulo. Em Romanos 7:22 ele diz: “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus”. Ainda assim, dois versos depois ele clama: “Miserável homem que sou!” E essa passagem não está só. Em 2Coríntios 6:10 o mesmo apóstolo diz: “Como entristecidos, mas sempre nos alegrando”. Entristecido por causa dos seus fracassos, por causa dos pecados diários; alegre por causa da graça que ainda avança com ele e por causa da abençoada provisão que Deus igualmente deu para os pecados de Seus santos. E, mais uma vez, em Romanos 8:1, depois de declarar: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”, e depois de dizer: “O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus; e, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (vv. 16,17), o apóstolo adiciona: “Mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (v. 23). O ensinamento do apóstolo Pedro é similar: “Na qual exultais, ainda que agora por um pouco de tempo, sendo necessário, estejais contristados por várias provações” (1Pe 1:6). Tristeza e gemido não estão ausentes na mais elevada espiritualidade.

Nestes dias da complacência e orgulho laodicenses, há considerável

conversa e muita jactância sobre a comunhão com Cristo, mas quão pouco vemos a manifestação dela! Onde não há um senso de completa indignidade, onde não há lamentação sobre a total depravação de nossa natureza, onde não há tristeza sobre nossa inconformidade com Cristo onde não há gemido por ser levado cativo pelo pecado, enfim, onde não há o clamor “Miserável homem que sou!”, é de se temer grandemente que também não haja comunhão com Cristo.

Quando andou com o Senhor, Abraão exclamou: “Eis que agora me atrevi a falar ao Senhor, ainda que sou pó e cinza” (Gn 18:27). Quando Jó esteve face a face com Deus, disse: “Eis que sou vil” (Jó 40:4), e ainda: “Pelo que me abomino” (42:6). Quando Isaías entrou na Presença divina, clamou: “Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou homem de lábios impuros” (Is 6:5). Quando Daniel teve aquela maravilhosa visão de Cristo (Dn 10:5-6), declarou: “Não ficou força em mim; desfigurou-se a feição do meu rosto, e não retive força alguma” (v. 8). E, em uma das últimas epístolas do amado apóstolo dos gentios, lemos: “Fiel é esta palavra e digna de toda a aceitação; que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o principal” (1Tm 1:15). Essas expressões não procedem de uma pessoa irregenerada, mas vêm dos lábios dos santos de Deus, nem eram confissões de um crente apóstata, antes foram expressas pelos mais eminentes do povo do Senhor. Onde hoje podemos encontrar alguém que possa ser colocado ao lado de Abraão, Jó, Isaías, Daniel e Paulo? Onde? E, ainda assim,

estes eram os homens que estavam conscientes da sua vileza e indignidade!

“Miserável homem que sou!” Essa é, portanto, a linguagem de uma alma regenerada. É a confissão de um cristão normal, não ludibriado e nem iludido. A substância disso pode ser encontrada não somente registrada nas afirmações dos santos do Antigo e do Novo Testamento, mas também nos escritos da maioria dos cristãos destacados que viveram durante os últimos quinhentos anos. De fato, são diferentes as confissões e testemunhos dados pelos eminentes santos do passado em relação à ignorante e arrogante jactância dos modernos laodicensês! É reanimador voltarmos das biografias dos dias de hoje para aquelas escritas tempos atrás.

Pondere nos seguintes excertos:

O bispo Berkeley escreveu: “Não posso orar, mas peço; não posso pregar, mas peço; não posso administrar nem receber o santo sacramento, mas peço. Meu próprio arrependimento precisa arrepender-se e as lágrimas que derramo precisam ser lavadas no sangue de Cristo” (1670).

Jonathan Edwards, perto do fim da vida, escreveu: “Quando olho para dentro do meu coração e tenho uma visão de sua fraqueza, isso me parece como um abismo infinitamente mais profundo do que o inferno. E parece para mim que, se não fosse pela graciosa graça, exaltada e elevada ao infinito peso de toda a plenitude e glória do grande Jeová, eu deveria afundar em meus pecados abaixo do próprio inferno, muito

abaixo do que se pode ver, mas sob os olhos da soberana graça, que pode sozinha penetrar até tal profundidade” (1743).

Augusto Toplady, autor do hino *Rocha Eterna* (Rock of Ages), escreveu em seu diário, em 31 de dezembro de 1767: “A partir de uma revisão do ano passado desejo confessar que minha infidelidade foi excessivamente grande, meus pecados ainda maiores, mas as misericórdias de Deus muito maiores do que ambos”. E mais: “Meus defeitos e meus maus feitos, minha incredulidade e falta de amor poderiam me fazer descer ao mais baixo inferno não fosse Jesus minha justiça e meu Redentor.”

John Newton, escritor do hino *Maravilhosa Graça* (Amazing Grace), quando se referiu às expectativas que nutria fora da sua vida cristã, escreveu: “Que tristeza! Estas minhas expectativas douradas foram como sonhos. Vivi até agora como um pobre pecador, e creio que morrerei assim. Não ganhei nada? Sim, ganhei aquilo com que outrora estaria melhor sem... Tal prova acumulada da propensão de enganar e da desesperada fraqueza do meu coração... Estava envergonhado de mim mesmo quando comecei... Estou mais envergonhado agora.”

Mais uma citação, desta vez de um sermão de C. H. Spurgeon: “Tive de me prostrar humildemente aos pés da cruz de Cristo e me maravilhar de que estou salvo plenamente, pois sei que estou salvo. Tenho de me maravilhar de que não creio mais em Cristo, e igualmente me maravilhar de que sou

muito privilegiado por crer Nele. Maravilhar-me de que não O amo mais, mas igualmente me maravilhar de que de qualquer modo O amo. Maravilhar-me de que não sou mais santo, e igualmente me maravilhar de que tenho, sim, um desejo de ser santo, considerando quão poluída, corrompida e depravada natureza ainda encontro em minha alma, não obstante tudo o que essa divina graça tem feito em mim. No melhor de todos os homens há uma infernal e infinita noite bem negra de profunda depravação. Alguns cristãos parecem nunca terem descoberto isso. Quase desejo que eles não o façam, pois é uma descoberta dolorosa para qualquer um fazer, mas tem o efeito benéfico de nos fazer parar de confiar em nós mesmos e de nos fazer gloriar-nos somente no Senhor.”

“Quem me livrará do corpo desta morte?” Esta não é a linguagem de desespero, mas de um desejo sincero por ajuda de fora e acima de si mesmo. Aquilo do que o apóstolo desejou ser libertado é chamado “corpo desta morte”. Esta expressão figurativa da natureza carnal é chamada “corpo do pecado” e tem “membros” (Rm 7:23). Por essa razão consideramos que o significado do que o apóstolo disse é: “Quem me livrará desta mortal e nociva carga, meu ego pecaminoso?”

No próximo verso o apóstolo responde sua pergunta: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor”. Deveria ser óbvio para qualquer mente imparcial que isso diz respeito ao futuro. Sua pergunta foi: “Quem me livrará?” Sua resposta é: “Jesus Cristo me livrará”. Como isso expõe o erro daqueles que

ensinam uma “libertação” presente da natureza carnal pelo poder do Espírito Santo. Em sua resposta, o apóstolo nada disse sobre o Espírito Santo; ao contrário, menciona apenas “Jesus Cristo, nosso Senhor”. Não é pela presente obra do Espírito em nós que os cristãos serão livrados “do corpo desta morte”, mas pela ainda futura vinda do Senhor Jesus Cristo por nós. É então que este mortal será posto na imortalidade, e este corruptível será posto na incorruptibilidade. Mas, para remover toda dúvida de que esta “libertação” é futura, o apóstolo conclui dizendo: “Assim que eu mesmo com o meu entendimento sirvo a lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado”. Que todo leitor note cuidadosamente que isso vem depois de ele ter agradecido a Deus porque seria “livrado”. A última parte do verso 25 resume o que ele havia dito na segunda parte de Romanos 7. Isso descreve a vida dupla do cristão: a nova natureza serve a lei de Deus; a velha natureza, até o fim da história, servirá “a lei do pecado”. Que isso era assim mesmo com Paulo está claro no que escreveu no final de sua vida, quando se referiu a si mesmo como “o principal dos pecadores” (1Tm 1:15). Isso não era um exagero de fervor evangélico, nem muito menos modesta imitação de hipocrisia. Era a convicção segura, a experiência sentida, a consciência determinada de alguém que viu profundamente a grande corrupção dentro de si mesmo, e que sabia quão distante estava do padrão de santidade que Deus colocou diante dele. Tal, também, será a consciência e confissão de qualquer outro cristão que

A Revista "O Vencedor" pode ser enviada para qualquer lugar do mundo, a toda pessoa interessada, livre de quaisquer ônus.

Se você tem algum amigo que gostou da revista pedimos que nos informe seu nome e endereço para que possamos enviar-lhe gratuitamente um exemplar.

O financiamento deste ministério depende das doações dos leitores, e muito nos alegramos em saber que alguns dos nossos irmãos estão prontos para ajudar com alguma contribuição.

As ofertas de amor devem ser enviadas para o endereço da

Editora Restauração, assim como as demais correspondências. Operamos pela fé na provisão do nosso Senhor Jesus Cristo.

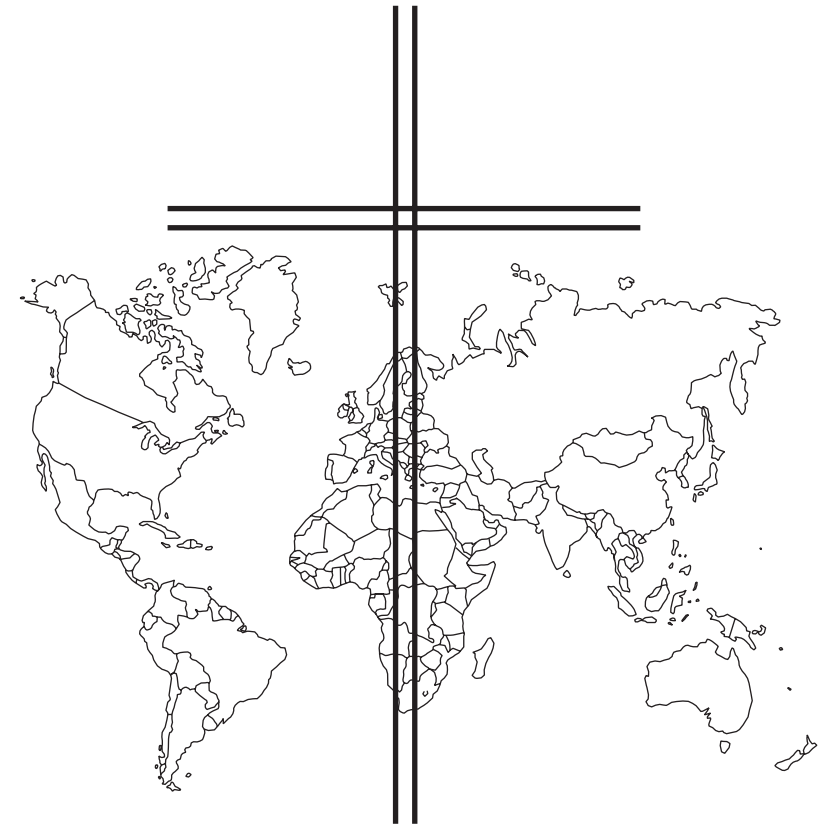
Esta obra é uma tradução fiel da "The Overcomer Magazine" com a devida autorização dos irmãos responsáveis por sua edição na Inglaterra há quase cem anos. Dependemos da sua intercessão para que o trabalho de tradução, revisão, edição e publicação de "O Vencedor" seja dirigido e sustentado exclusivamente pelo Senhor.

A graça e a paz seja com todos.

Amém

O Vencedor

Fevereiro 2006 a Maio 2006



“ORAÇÃO... ASÓS COM DEUS”

ENSINAMENTO BÍBLICO
PARA PROMOVER O
CRESCIMENTO ESPIRITUAL

O Vencedor

Versão em Português: Volume II Número 3 Fevereiro 2006.
Traduzida e revisada por Tathyane M.L.Faoth,
Francisco Nunes e João A.F.Barros.
Publicada pela Editora Restauração.
Editada por João Alfredo F. Barros.

Original em Inglês: Volume LXXXVI Número 3 Novembro 2005.
Fundada pela Sra. Jessie Penn-Lewis em 1909.
Publicada por The Overcomer Literature Trust.
Editada por Michael Metcalfe.

Conteúdo:

“ORAÇÃO... A SÓS COM DEUS”

	Página
DA COMPLETA RESIGNAÇÃO DE NÓS MESMOS	
Thomas a Kempis	1
CARTAS DOS EDITORES	1
A PORTA FECHADA – A SÓS COM DEUS	
Adrew Murray	2
QUANDO VOCE ORAR PERDOE	
J. Wilson	4
A INTIMIDADE NA ORAÇÃO	
J.C.Metcalfe	7
A NECESSIDADE DE UM REAVIVAMENTO DA ORAÇÃO	
Jessie Penn-Lewis	12
ORAR PELO MUNDO	
John Thomas	17
A CRUZ E A INTERCESSÃO	
Gordon Watt	18

Toda correspondência concernente a esta revista,
doações para custear a sua publicação, mudanças
de endereço, etc., deve ser enviada para:

Editora Restauração - Revista "O Vencedor"
Caixa Postal: 1945
Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80.011-970
e-mail: ovencedor@editorarestauracao.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA RESTAURAÇÃO

Revista Quadrimestral - “O VENCEDOR”
Revista anual - “MENSAGENS DE BOAS NOVAS”
Boletim Mensal - “O MENSAGEIRO DAS BOAS NOVAS”
Livretos - “RESTAURANDO A EXPRESSÃO DA UNIDADE DA IGREJA” Volume I - “A CEIA DO SENHOR” - Partes 1 a 5
Livreto- “RESTAURANDO A EXPRESSÃO DA UNIDADE DA IGREJA” Volume II - “O BATISMO” - Partes 1
Livreto - “A SALVAÇÃO DA ALMA” - Watchman Nee
Livreto - “A VERDADE ACERCA DO NATAL”
Livreto - “NÃO DEIXE A CONGREGAÇÃO” - J.Preston Eby
Livreto - “A QUE DEVEMOS SER LEAIS” - Willian MacDonald
Livreto - A VONTADE DE DEUS PARA A MULHER CRISTÃ”
Livreto - “DIVÓRCIO E RECASAMENTO” - Shawn Abgail
Livreto - “HÁ UM COMBATE A SER COMBATIDO” - J.C.Metcalfe
Livreto - “A IDENTIDADE DO TESTEMUNHO DA IGREJA” -
Gino Iafranceso V.
Livro - “SINAIS DE UMA IGREJA VIVA” - John Stott
Livro - “CRISTO A SOMA DE TODAS AS COISAS ESPIRITUAIS”
- Whatchman Nee
Livro - “A ORDEM DE DEUS” - Bruce Anstey
Livro - “PEGADAS” - Stephen Kaung
Pregações em CD - “PREGAÇÃO DO EVANGELHO DO REINO”
Todas as publicações se encontram disponíveis na página da internet www.editorarestauracao.com.br ou poderão ser solicitadas pelo endereço da Editora.



"O qual (Jesus Cristo) convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio." (Atos 3:21).

de Deus.

Agora, essas são coisas que fortalecem o espírito de oração em nosso coração, mas nenhuma dessas ajudas na vida de oração pode ser experimentada a menos que o Espírito Santo e a cruz estejam trabalhando em perfeita harmonia. Se a intercessão diante do trono do Senhor Jesus Cristo está baseada em Sua propiciação na cruz, então, é evidente que nossa vida nunca pode estar separada do efeito prático nela daquela propiciação. O poder da oração depende da prática da cruz, e aqui deixe-me proferir uma advertência. É muito possível para Satanás nervosamente sobrecarregar qualquer um de nós na oração, criando uma ansiedade por respostas a ela, levando a um estado de coisas em que o equilíbrio espiritual de nossa alma se torna abalado e a inquietude toma o lugar da tranqüila confiança. É, portanto, necessário observar que não deixemos o contato com o Espírito Santo em Seu grande objetivo de tornar a obra consumada de Cristo efetiva em nossa vida, a fim de não façamos com que essa parceria de oração seja ineficaz.

A grandeza da obra para a qual

Deus nos chamou pela oração se torna cada vez maior de modo evidente quando mudamos em obediência àquele chamado, mas a responsabilidade disso também se torna progressivamente mais real. Portanto, precisamos recordar que três "pessoas" formam essa parceria: Cristo, o vivo intercessor sobre o trono; o Espírito Santo, o intercessor interior, e o crente, o intercessor que executa na vida diária a grande missão para a qual foi redimido. O Calvário traz para o campo de batalha toda a poderosa capacidade da obra consumada de Cristo para nos guiar na vitória. Lá no trono está a vitória do Calvário. Em nosso coração, o Espírito Santo torna efetivo o poder daquela morte, e, então, na igreja, nos negócios, no escritório, no lar, na vida, o crente habitado pelo Espírito Santo e em contato com o trono reivindica e prova a perfeição daquilo que foi ganho para ele, em testemunho de Cristo e em alcançar almas para Cristo, pois isto é literal e eternamente verdade: que Ele é capaz de salvar aqui embaixo todos aqueles que vão a Deus por meio Dele, percebendo que Ele vive sempre para orar por nós.

DA COMPLETA RESIGNAÇÃO DE NÓS MESMOS

Thomas a Kempis

Meu filho, renuncia a ti mesmo e Me encontrarás. Fica onde estás, sem fazer escolha alguma, nem toma de qualquer coisa que seja para ti mesmo e serás sempre aquele que ganha. Maior graça te será acrescentada no momento em que resignares a ti mesmo, providenciado para não voltares atrás.

"SENHOR, quantas vezes devo me resignar e quanto devo renunciar a mim mesmo?"

Sempre, a toda hora, nas pequenas coisas bem como nas grandes. Não excludo nada, mas desejo que te despojes de tudo. Do contrário, como podes ser Meu e Eu, teu, a menos que tu estejas despido de toda vontade própria?

Quanto mais cedo fizeres isso, melhor será para ti; e quanto mais plena e sinceramente o fizeres, tanto mais irás Me agradar e tanto maior será teu ganho.

Há alguns que se resignam, mas com certas exceções: eles não põem sua total confiança em Deus e, por essa razão, planejam como prover a si mesmos.

Outros, também, a princípio oferecem tudo, mas posteriormente, sendo assolados com tentação, voltam novamente para seus próprios caminhos, e

por isso não fazem progresso na vereda da virtude.

Estes não alcançarão a verdadeira liberdade de um coração puro nem o favor de Minha mais doce familiaridade, a menos que primeiro efetuem uma completa resignação e uma oblação diária de si mesmos. Sem isso, não há nem pode haver qualquer união frutífera permanente.

Freqüentemente, tenho te dito, e agora novamente digo o mesmo: renuncia a ti mesmo, resigna a ti mesmo, e gozarás de muita paz interior. Dá tudo por tudo; não peças por nada, não requeiras nada; habita pura e firmemente em Mim, e Me possuirás; tu serás livre no coração, e as trevas não te esmagarão.

Que esta seja toda a tua diligência, tua oração e teu desejo, para que sejas despido de todo egoísmo e com completa simplicidade sigas a Mim somente. Morre para ti mesmo e vive eternamente para Mim. Então, tu serás libertado de toda fantasia vã, de preocupações sem sentido e de cuidados supérfluos. Desse modo, o medo excessivo também te deixará e o amor desordenado morrerá.

CARTAS DOS EDITORES

Prezados amigos,

A Palavra de Deus não muda, e o que foi dito a Salomão muitos anos atrás toca-nos ainda hoje: "Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar e me buscar, e se converter de seus maus caminhos, então eu ouvirei do céu, perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra".

Realmente creio que os artigos desta edição da revista serão usados pelo Senhor para ajudar-nos em nossa necessidade de nos relacionarmos com Ele por aquele



Free Editora e Gráfica Ltda.

Rua Carlos de Laet, 4791 - Boqueirão

81.730-030 - Curitiba - PR

(41) 3287-3857 / 3286-8876

freegraf@brturbo.com

maravilhosamente gracioso caminho que Ele nos deu por meio de Cristo para buscar Sua face e orar.

Que o Senhor vivo para sempre estimule nosso coração e mente e dobre nossos joelhos em oração a Ele.

Que o Senhor ouça e abençoe você.

Em Sua graça

Michael Metcalfe

Amados irmãos,

Que a graça e a paz do Senhor Jesus sejam abundantes em sua vida.

A prática da oração contínua é um grande alvo de Deus para a vida do crente. Quando oramos em todo o tempo e em todo lugar, somos de fato guiados pelo Espírito e muito certamente não pecaremos contra o Senhor.

A verdadeira oração sempre nos conduzirá a uma comunhão íntima com o Senhor e a um conhecimento profundo de Sua vontade. Orar é a necessidade constante do crente; por isso precisamos ser treinados na prática da oração que é interior, em nosso aposento mais íntimo, o coração.

A experiência e a ênfase dos irmãos que escreveram os textos desta edição da revista são uma só: a oração precisa ser concentrada, definida e com fins espirituais. A oração que pede coisas mostra apenas a imaturidade do crente, que ele ainda precisa conhecer as necessidades do Senhor nesses dias. O Senhor busca homens e mulheres que se unam a Ele na batalha final que está sendo travada. Precisamos ter essa consciência a fim de não estar fora de Seu propósito. Orar para que se cumpra todo o propósito que o Senhor tem para o encerramento desta era deve ser nosso foco.

Minha oração é para que o Espírito Santo desperte cada irmão para a necessidade de orar intensamente, em todo tempo e em todo lugar.

Na mesma esperança de Sua gloriosa vinda,

João Alfredo

A PORTA FECHADA - A SÓS COM DEUS

Andrew Murray

“Quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto.” (Mateus 6:6)

Fomos criados para ter comunhão com Deus. Deus nos fez à Sua própria imagem e semelhança para que fôssemos ajustados à comunhão, fôssemos capazes de entendê-Lo e de

apreciá-Lo, de entrar em Sua vontade e de nos deleitarmos em Sua glória. Porque Deus é onipresente e aquele que tudo penetra, Ele poderia viver no gozo de um inquebrável comunhão em meio a toda

concedia que falassem”. Aqui está o primeiro significado do reforço do espírito de oração: a conexão entre a oração e o cumprimento da promessa divina. A obediência a todo mandamento de Cristo nos guiará, como guiou os discípulos do passado, a orar. Então poderemos alcançar a resposta dada pelo mesmo dom de Deus: alguma nova e abençoada manifestação do poder do Espírito Santo.

Em Atos 2:42 lemos: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações”. O espírito de unidade sempre desenvolve o espírito de oração. Em Atos 4:24 encontramos: “E, ouvindo eles isto, unânimes levantaram a voz a Deus, e disseram: Senhor, tu és o que fizeste o céu e a terra, e o mar, e tudo o que neles há”. Aqui está o grande fator de crescimento desse espírito para enfrentar nossos testes corretamente. Em torno dos discípulos, todas as coisas existiam para criar neles um espírito de amargura e produzir controvérsia entre carne e sangue. Esta é uma fraqueza das igrejas hoje: as pessoas lutarão com carne e sangue e não verão que por trás se esconde o poder que está causando todo o problema. Oh, o tempo perdido lutando com carne e sangue! Você vê como os discípulos agiram? Ameaçados com prisão foram à presença de Deus e disseram: “Deus, trate com esses homens!” Eles enfrentaram o teste corretamente. Se os homens e mulheres na igreja entendessem isso, que a luta não é contra carne e sangue, mas com os poderes das trevas por trás, obteriam vitória mais cedo do que de qualquer outra forma.

Em Atos 7:59,60 lemos: “E

apedrejaram a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu Espírito. E, pondo-se de joelhos clamou com grande voz: Senhor, não lhes impute este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu”. Isso é ter a presença do Senhor na vida como realidade, não como um nome, uma teoria, um fato histórico, mas como uma realidade. Isso não fortalecerá o espírito de oração em nós? Em Atos 8:14,15 está registrado: “Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a Palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo”. Ter consciente o senso de necessidade de outros desenvolve o espírito de oração.

Em Atos 16:25,26 lemos: “E, perto da meia noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam. E de repente sobreveio um tão grande terremoto, que (...) foram soltas as prisões de todos”. Nada adiciona mais ao valor da oração do que o ato de preservar a confiança em Deus no meio das duras circunstâncias da vida. Uma perfeita confiança em Deus fez Paulo e Silas adorarem-No pelo que estava acontecendo, e o resultado da canção foi o terremoto que escancarou a porta de sua prisão. Oh, preservar a confiança em Deus em meio a toda dureza de nossa vida! Em vista de toda dificuldade e trevas ao nosso redor, que vejamos claramente a Deus e saibamos que tudo está bem. Em Atos 20:36 há o registro: “E havendo dito pôs-se de joelhos, e orou com todos eles”. Possuir o espírito de comunhão, tão evidente em Paulo, é fazer da oração uma grande força

que o propósito de Deus em Cristo é destruir as obras do diabo (1Jo 3:8) e o propósito de Cristo em nós é de vencê-lo (1Jo 4:4; 5:4).

É bom, portanto, pedir ao Espírito Santo para imprimir sobre nossa mente o perigo que vem dos obstáculos pessoal e satânico. Quando viermos a entender o significado do Calvário, que é a forma de Deus desfazer todos os efeitos da queda e trazer para a frutificação o grande plano de graça na redenção, mais e mais claramente veremos que, em cooperação com o Espírito Santo, Ele nos pede para perseverar na oração, orando durante o conflito e retendo o terreno que ganhamos.

Existem três grandes exigências na oração. Primeiramente, precisamos perseverar na oração. Se pudermos apenas entender perfeitamente o que pode ser chamado de filosofia da oração, entenderemos o valor para Deus desse espírito de persistência. Ele precisa que nós oremos durante o conflito até que sintamos que alcançamos um lugar de vitória. Deus requer que façamos isso e, então, Ele nos pede para reter o terreno que ganhamos. Cada um de nós sabe que os obstáculos, especialmente os satânicos, têm um efeito muito depressivo e desanimador. Quando nós os encontramos e continuamos a encontrá-los, existe a tentação de relaxar na oração, e é muito necessário ter clareza quando isso acontece, e orar antes e durante, e manter o terreno conquistado. Este é o nosso lado da parceria na oração.

Conceder a resposta e a vitória é a parte de Deus. É aqui que a cruz entra em funcionamento. Para manter a base precisamos não somente ter um firme

fundamento no qual nos sustentar isso a morte de Cristo nos dá, mas necessitamos também ter proteção contra os dardos e ardis do inimigo pelos quais tenta nos enfraquecer e nos fazer desistir. Essa proteção está na importante armadura que Deus nos apresenta em Efésios 6, cada parte da qual deriva sua eficácia da morte de Cristo, e é para alguém que sabe como lutar em oração. Quando reivindicamos e nos apropriamos do que Deus dá, Ele faz a obra. Manter o terreno conquistado é apelar a Deus para tornar a vitória do Calvário real e plena a respeito daquilo que pedimos, e permanecer em Cristo contra todo possível poder de Satanás para impedir que essa vitória seja colocada em operação. Portanto, não desfaleçamos nem nos cansemos, para que na devida estação colhemos. Essa é a promessa de Deus para a oração bem como para a obra, e Ele, o Espírito Santo, nos ensinará a como colocar a cruz entre nós e todo obstáculo em nossa vida.

O terceiro fato de grande importância é que, quando compreendemos a posição da oração de tornar a vitória da cruz real, precisamos daquilo que irá fortalecer o espírito de oração em nós. No Evangelho de Lucas 24:49 lemos: “E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder”, em conexão com Atos 1:14: “Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria mãe de Jesus, e com seus irmãos”, e com Atos 2:4: “E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes

obra que tivesse para fazer. Dessa comunhão o pecado nos roubou.

Nada além dessa comunhão pode satisfazer tanto o nosso como o coração de Deus. Foi isto que Cristo veio restaurar: Ele veio devolver a Deus Suas criaturas perdidas e nos devolver a tudo para o que fomos criados. A comunicação com Deus é a consumação da bem-aventurança tanto na terra como no céu. Isso ocorre quando a promessa, tão freqüentemente dada, se torna uma experiência completa: “Estarei contigo, jamais te deixarei nem te abandonarei”, e quando podemos dizer: “O Pai está sempre comigo”.

Essa comunicação com Deus foi estabelecida para ser nossa o dia todo, quaisquer que sejam as circunstâncias que nos rodeiem. Porém gozar dela depende da realidade da comunicação em nosso aposento, a sós. O poder para manter uma comunhão íntima e satisfatória com Deus o dia todo dependerá totalmente da intensidade com a qual buscamos guardá-la na hora de nossa oração secreta. O essencial é a comunhão com Deus.

Este, nosso Senhor ensina, deve ser o segredo íntimo da oração secreta: fechar a porta e orar a nosso Pai, que está em secreto. A primeira e principal coisa é perceber que ali em secreto você tem a presença e a atenção do Pai. Saiba que Ele vê e ouve você. Mais importante que todos os seus pedidos, mesmo que urgentes, mais importante do que toda a sua sinceridade e esforço para orar corretamente é a certeza viva, como a tem uma criança, de que SEU PAI o vê, que agora você O encontrou e que com os olhos Dele em você e os seus Nele, você agora desfruta de uma verdadeira comunicação íntima com Ele.

Cristão, em seu aposento secreto você “corre o risco” de substituir oração e estudo bíblico pela viva comunhão com Deus, o vivo intercâmbio de dar a Ele seu amor, seu coração e sua vida, e receber Dele Seu amor, Sua vida e Seu Espírito. Suas necessidades e suas declarações, seu desejo de orar humilde e sinceramente com fé talvez o ocupem tanto que a luz do semblante de Deus e a alegria de Seu amor não podem entrar em você. Seu estudo bíblico pode ser tão interessante para você que mesmo a Palavra de Deus se torne um substituto para o próprio Deus, se torne o maior impedimento para a comunhão, porque mantém a alma ocupada em lugar de guiá-la a Deus. E saímos para nosso trabalho diário sem o poder de uma permanente comunhão, porque em nossos devocionais matutinos a bênção não foi adquirida.

Que diferença faria na vida de muitos se todas as coisas na vida fossem subordinadas a isto quero ao longo do dia andar com Deus; meu horário da manhã é a hora em que meu Pai entra em um compromisso definitivo comigo e eu com Ele para que assim seja. Que poder seria concedido pela consciência de que Deus assumiu a responsabilidade por mim e que Ele está indo comigo; vou fazer Sua vontade o dia todo em Seu poder; estou pronto para tudo o que possa vir. Que nobreza haveria na vida se a oração secreta não fosse somente um pedir por uma nova sensação de conforto, luz ou poder, mas a entrega da vida somente por um dia no certo e seguro cuidado de um Deus poderoso e fiel. A separação dos outros, em solidão com Deus, é, com certeza, a única forma para viver em comunhão com outros no poder da bênção de Deus.

QUANDO VOCÊ ORAR, PERDOE

J. Wilson

“E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6:12).

Esse texto dá por certo que aqueles que fazem a Oração do Senhor apreciam o espírito de perdão. O que ele nos ensina pode ser visto em dois aspectos. Primeiramente, pode ser considerado como um encorajamento para pedir perdão a Deus: “Perdoa-nos assim como nós perdoamos”. Se existe alguma coisa boa em nós foi porque Deus a colocou ali. Nesse aspecto, Deus nos fez como Ele mesmo. Se eu pudesse assim dizer, seria como um pouco da imagem de Deus em nós. Vemos uma gota de orvalho em uma folha do gramado brilhando como um pequeno sol, e seu reflexo nos dá uma idéia de como é o sol e esta é apenas uma das formas pelas quais podemos aprender sobre Deus, uma das formas pelas quais Jesus nos ensinou a conhecer e amar Deus e a confiar Nele: olhar para o reflexo de Deus, mesmo que turvo e imperfeito, nos outros.

Jesus disse que o amor e cuidado que uma mãe tem pelo filho é apenas um fraco reflexo do amor e cuidado de Deus. O ato de darmos aos nossos filhos o que eles pedem, independente da afeição que sentimos no momento afeição essa que Deus implantou em nosso coração, nos encoraja a esperar que Deus conceda o que é bom para Seus filhos. “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem!” Um é encorajamento para buscar o outro.

Assim é a questão do perdão.

Perdoar nossos devedores, aqueles que nos ofenderam e nos prejudicaram, mediante a graça que Deus nos concedeu, nos encoraja a esperar que Ele mesmo que nos deu a graça do perdão nos perdoe. Se nós, com todo o mal que temos, podemos, em pequena medida, perdoar, quanto mais Ele o fará. Se perdoamos, isso é um débil reflexo de Deus. Ele nos capacita a perdoar. Nisso somos como Ele.

Quando pensamos sobre essa questão não é fácil imaginar Deus perdoando pecados pecando como temos feito, abusando dos Seus dons, rejeitando Seu Filho, entristecendo Seu Espírito, pisando o sangue da cruz, quebrando Sua santa lei, tão mal-agrados e inconscientes de Suas misericórdias, provocando-O como fazemos dia após dia. O maravilhoso é que Ele perdoa mesmo assim, e que podemos pensar sobre Ele nos perdoar. E o que nos encoraja a pensar que Ele pode ou irá perdoar? O fato de que nós, por Sua graça, podemos perdoar a outros. Não é de se admirar que aqueles que não perdoam não conseguem crer no perdão de Deus. Se eles mesmos não podem perdoar, não podem receber encorajamento para esperar que Deus os perdoe. É quem perdoa que recebe o maior benefício. São aqueles que podem, em alguma medida, orar em fé e com expectativa; não que seu perdoar seja base para terem algum mérito, mas porque assim eles aprendem algo do caráter de Deus como um Deus perdoador.

seu poder para nos cegar. Mas se Deus não poupou Seu Filho para expiar nosso pecado e nos salvar dele, temos nós algum direito de nos poupar da dor de enfrentar as coisas que o Espírito Santo revela e tratar honestamente com nossos próprios pecados? Se formos verdadeiros parceiros de oração com Jesus Cristo, temos de tomar a nós mesmos com firmeza em relação às fraquezas e pecados de nossa vida, reveladas em nós pelo Espírito Santo, ou enfrentar a consequência de fazer a oração ser ineficaz e de a Palavra de Deus perder seu gume.

Em Jó 15:3-4 lemos: “Argüindo com palavras que de nada servem, ou com razões com que ele nada aproveita? Na verdade tu destróis a reverência, e impedes a meditação diante de Deus”. Um não-incomum impedimento para a oração jaz no falar inútil que leva a um espírito de leviandade ou superficialidade, um espírito que rejeita de forma muito real e prática o Espírito Santo, enfraquecendo o espírito de reverência e dando a Satanás uma vantagem sobre nós.

Em Provérbios 28:9 lemos: “O que desvia o ouvido de ouvir a lei, até a sua oração será abominável”. Pode alguma oração ser abominável para Deus? Seu Livro declara que sim. Um obstáculo para a oração é encontrado na ignorância da Palavra de Deus. Essa Palavra, interpretada pelo Espírito Santo, é a única forma pela qual a vontade de Deus pode ser conhecida, e darmos as costas a ela é criar um abismo entre nós mesmos e Deus, o que tornará necessariamente a oração sem valor.

Em Tiago 4:3 lemos: “Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o

gastardes em vossos deleites”. Outro obstáculo à oração é fornecido por abrirmos motivos egoístas e indignos.

Esses são apenas uns poucos exemplos para mostrar como os obstáculos à verdadeira oração podem vir de nós mesmos. Para guardar-nos dessas coisas, a cruz deve fazer sua obra em nós em todo ponto em que o Espírito Santo mostra haver necessidade, e, quanto mais próximo nos mantivermos Dele, mais poder teremos sobre todo obstáculo e descobriremos ser a oração a maior força. Esses obstáculos pessoais dão oportunidade a Satanás para bloquear nosso caminho com obstáculos ainda piores. Ele nunca nos permitirá entrar em uma verdadeira parceria de oração com o Senhor Jesus se puder impedi-la. O apelo da oração, baseado na morte do Filho de Deus, é a arma que o diabo teme mais do que a qualquer outra. Ele não interferirá com nenhuma outra obra que fazemos se puder nos guardar da oração verdadeira. Em grande proporção, o poder de Satanás em oposição aos filhos de Deus está concentrado sobre o esforço para empurrar a vida de oração deles para um canto e impedi-los de cultivar o espírito de oração, o qual, até mesmo quando alguém caminha pela rua, torna todas as coisas em combustível para intercessão. O diabo usará os mais sutis ardis para impedir a obra de oração, interrompendo-nos quando vamos orar e empurrando para nós todo tipo de pensamento durante a oração. A única forma de impedir isso é dar completo poder ao Espírito Santo para operar pela cruz na mente e, então, enfrentar Satanás com a vitória do Calvário, trazendo-nos à memória e à dele o fato de que ele é um inimigo derrotado,

por Cristo. Não há nada em nós mesmos sobre o que possamos basear um apelo, nem nossa própria justiça ou nossa obra de fé ou sinceridade, nem mesmo nossa própria necessidade, mas apenas esta única base: Jesus morreu por mim; portanto, tenho o direito de ir a Deus, o Pai. Aqueles que não vêm à cruz para receber o que somente a morte de Cristo pode dar não têm base para orar; mas, tendo ido ali, a menos que levem uma vida de oração, estão perdendo a maior obra para a qual foram remidos.

A maior obra em que nós, como crentes, somos chamados a nos engajar é a de ser parceiros de oração de Jesus Cristo. Não somos todos enviados para ser parceiros Dele na pregação do evangelho nem para ir para o campo missionário, mas não há nenhum de nós que não seja chamado para uma parceria na oração com o grande Intercessor junto ao trono. Sem a cruz a oração se torna mera formalidade religiosa; sem a oração a cruz está impedida em seu propósito. Quando a cruz opera em nós, mantendo-nos no lugar da morte para toda afirmação do velho homem, para todas as coisas em nossa natureza e ao redor dela que sejam contrárias a Deus, nosso espírito encontra um caminho claro para a comunhão no trono e uma saída clara para o conflito com nossos inimigos. Esse é o duplo propósito de nossa parceria com Cristo em oração.

A oração é a fonte de poder no conflito, e o conflito dá prova do valor e da necessidade da oração. Não tem sido muito freqüentemente enfatizado que, assim como para o crente o fundamento ou base da oração é a morte de Jesus Cristo, o sacrifício do Filho de Deus sobre o madeiro, o sangue do Cordeiro de Deus,

a vitória ganha pelo Filho de Deus no Calvário, justamente o fundamento e base da intercessão de Cristo neste momento é Sua propiciação na cruz. À parte da cruz, a oração se torna nada mais do que exercício religioso expresso em frases devocionais. Você encontrará livros de oração cheios da mais bela fraseologia, mas sem a cruz e o Espírito Santo. Que tipo de oração pode ser apresentado a Deus que não seja baseada no fundamento do sangue do Redentor e não seja inspirado no crente pelo Espírito Santo? Somente quando se mantém em contato com a base dela, o crente pode descobrir que a oração se torna uma arma efetiva na guerra contra os poderes das trevas e, portanto, tem o maior valor em sua ação em prol do propósito de Deus.

Não devemos fechar os olhos para o que impede o desenvolvimento e o fortalecimento do espírito de oração. Isso vem de duas fontes: uma é pessoal e a outra é satânica.

Em Salmos 66:18 lemos: “Se eu atender à impiedade em meu coração, o Senhor não me ouvirá”. A palavra hebraica para “atender” significa “respeitar, dar consideração a”. Se eu der permissão ao pecado para se alojar em meu coração e nenhum pecado pode se alojar no coração de alguém sem seu consentimento, se eu favoreço o pecado quando me é revelado pelo Espírito Santo em lugar de resistir a ele, se eu não o condeno e lanço fora, então, a palavra de Deus diz que Ele não me ouvirá. Aqui podemos ver o valor da cruz no que diz respeito à oração. É somente onde podemos ver o pecado sob a luz e a revelação verdadeiras do Calvário que é exposto quão terrível ele é, seu engano e

Devemos considerar que essa cláusula contém uma obrigação, sob a qual nos colocamos ao fazer tal oração. É mais que uma promessa, entretanto está envolvido nela. É uma declaração de que perdoamos todos os que nos prejudicaram, pois o verbo está no tempo passado: “Assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Perdoar os outros não é o preço que pagamos pelo perdão de Deus para os pecados. Seu perdão é de graça. Não é por causa do nosso perdão que Ele perdoa, mas por causa de Cristo. Ele aponta para a cruz, os ferimentos, o sangue, a tumba e a obra consumada de Cristo quando tem de tratar com a causa do perdão. “Em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça” (Ef 1:7). Não é então, por confiar em nosso perdão aos outros que vamos a Deus; contudo, sem ele, não podemos ser perdoados. Não há mérito nisso; contudo, é necessário. Não estou capacitado a receber perdão se sou aquele que não perdoa. Ademais, quando uma indisposição de perdoar possui alguém entra e enche seu coração, esse coração não pode receber o perdão de Deus. Não há poder para receber o perdão. A falta de perdão deve ser banida para que o perdão de Deus seja uma possibilidade. Quando apresentamos esse pedido, ligamos e obrigamos a nós mesmos a cumprir com essa imprescindível condição e declaramos nossa disposição para perdoar. Do contrário, estamos com problemas! Não temos o direito de oferecer essa oração até que honestamente façamos a promessa, como expressão de nosso real desejo e resolução. Não posso, não devo nem ousar

orar até que tenha perdoado. Um tempo de oração deve, por isso, acima de todos os outros, ser um tempo de perdoar. Quantos atos de perdão devem haver cada vez que pedimos para ser perdoados. Nunca devemos nos deitar à noite até que tenhamos perdoado qualquer pessoa que possa ter-nos causado descontentamento, do mesmo modo que nunca devemos nos deitar sem termos sido perdoados.

É-nos dito nas Escrituras: “Não se ponha o sol sobre a vossa ira. Não deis lugar ao diabo” (Ef 4:26,27). Eu me pergunto quantos se ajoelham à noite acalentando um espírito vingativo e sem perdão por algum dano real ou imaginário. Ao fazerem isso, estão fechando a porta de Deus sobre si mesmos. Isso é o que muitos fazem. Eles oram, talvez fervorosamente e muito, mas não perdoarão, e sua falta de perdão barra a porta e impede que ela seja aberta. É como se pedissemos a Deus que não nos perdoe.

Como o perdoar deve ser exercitado?

De coração. Não é de utilidade meramente dizê-lo em palavras. “Se não perdoares de coração”, diz Cristo. Posso dizer que perdô e ainda manter o velho sentimento interior, e nesse caso meu perdão nada significa. Se não consigo perdoar de coração, minha oração prioritária deve ser: “Senhor! Ajuda-me a perdoar, faz-me perdoar de coração!”

Universalmente, inteiramente. Que tipo de erros devo perdoar? Todos os tipos, não somente o menor, mas também o maior. É fácil perdoar as pequenas ofensas que não levamos ao coração, mas onde nós as

sentimos profundamente, é ali que devemos perdoar.

Habitualmente. Não apenas de vez em quando, mas constantemente. “Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdorei? Até sete? Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete.” O significado é que não deve haver fim para o perdão. Ficamos logo cansados de perdoar e pensamos, quando a ofensa é repetida, que já não há mais chamamento para perdoar. Quão longe temos ido com respeito às setenta vezes sete vezes?

Olhemos para alguns mandamentos e conselhos das Escrituras sobre esse importante assunto. “Toda a amargura, e ira, e cólera, e blasfêmia e toda a malícia sejam tiradas dentre vós. Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoados uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo” (Ef 4:31,32). “E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas. Mas, se vós não perdoardes, também vosso Pai, que está nos céus, vos não perdoará as vossas ofensas” (Mc 11:25,26). “Amái a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam; bendizei os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam. (...) Não condeneis, e não sereis condenados” (Lc 6:27,28,37). “Assim vos fará, também, meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas” (Mt 18:35). “Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda” (1 Tm 2:8). “Suportando-vos uns aos outros, e perdoados uns aos outros, se alguém

tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também” (Cl 3:13). Todo o ensinamento da Escritura insiste nisso. Há poucos assuntos a respeito dos quais tanto é dito.

Tomemos o exemplo do próprio Senhor Jesus. Veja-O pregado ao maldito madeiro, sofrendo vergonha e indescritível agonia. Nunca alguém sofreu tanto sem ter culpa alguma como Ele, e mesmo assim ouvimos de Seus lábios aquela maravilhosa oração: “Pai, perdoa-os, pois não sabem o que fazem”. Olhe para o primeiro mártir, Estêvão. Nada havia que pudesse ser alegado contra ele além de seu zelo por Cristo e pelas almas, e mesmo assim o apedrejaram. “E apedrejaram a Estêvão que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu.”

Não há maior inconfundível sinal de real nobreza do que ser perdoador, e não há caminho mais certo tanto para a felicidade como para se tornar útil. As pessoas que perdoam são pessoas felizes. Faz-nos pessoas miseráveis, além de ser pecaminoso, não perdoar.

Quão pequena é a ofensa que alguém comete contra mim quando comparada com meu pecado contra Deus. Seguramente, se sei algo do que significa o perdão de Deus, se vejo as verdadeiras cores do meu pecado contra Ele, então, percebo que nenhuma ofensa grande demais para que eu não perdoe meus companheiros. Costumamos guardar essas mágoas no coração, mas a palavra do Senhor é clara: “Perdoai, como tendes sido perdoados”.

obra consumada no Calvário. Em 1 João 2:1,2 lemos: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.”

Porque Ele deu Sua vida em sacrifício por nossos pecados, está apto para dar Sua vida no serviço de intercessão. Não há, portanto, quebra na obra divina de redenção; ela continua em incessante poder porque Sua santa intercessão é tão-somente outro capítulo na história da cruz, e quando aquela história é revelada ao olhar atento dos redimidos e compreendida por eles à luz da eternidade, que evidência será dada dos milagres operados pelo Intercessor à direita do Pai!

Sua intercessão é muito mais do que meras palavras, muito mais do que pedir ao Pai por algo a favor de Seu povo aqui em baixo na terra. É um trabalho. O significado da palavra grega para intercessão é “estabelecer um plano para satisfazer uma necessidade”. Pense na intercessão do Senhor Jesus Cristo nesta perspectiva, sempre estabelecendo um plano para satisfazer a necessidade de cada pequenino Seu. O advogar do Senhor nunca cessa, nem mesmo por um momento do dia ou da noite. Quando se levanta pela manhã com um encargo no espírito, você se esquece de que Ele que é Seu Salvador, à direita do Pai, que está estabelecendo um plano para satisfazer sua necessidade? Isso é a intercessão Dele, algo intensamente prático. Assim, você pode esperar na obra Daquele que foi à cruz e está estabelecendo um plano

para satisfazer a necessidade de cada filho Seu no mundo, e Ele nunca revelará aquele plano cedo demais, mas também nunca o fará tarde demais. Algumas vezes ficamos completamente deprimidos porque não obtemos resposta imediata a uma oração, mas o Senhor Jesus nunca está com pressa. Ele nunca vem afobadamente em nosso socorro porque tem muito a fazer em nós antes que possa responder-nos às orações. Ele tem uma obra para fazer em nossa natureza e em nosso espírito antes de ser seguro a Ele revelar o plano que fez mas quando vê a obra do Espírito Santo em nós sendo completada, então, em um espaço muito curto de tempo vem em nosso auxílio. Não se esqueça de que, nestes dias em que está-se tornando crescente a dificuldade de se viver a verdadeira vida cristã, momento a momento o advogar de nosso Salvador continua, e Ele está estabelecendo um plano para satisfazer nossa necessidade, e a base de toda esta intercessão é Sua morte sobre o madeiro.

A reivindicação que Ele faz em relação a nós, no fundamento do Calvário e de Sua intercessão à direita do Pai, é por uma parceria de oração com Ele. Ele nunca abandona essa reivindicação por causa do propósito que tem em vista para o mundo, e por causa do que isso deve significar para o cristão em crescimento pessoal e experiência. Aqui descobrimos a ligação entre a cruz e a oração: elas são aliadas na batalha. A menos que venhamos à cruz e recebamos o perdão do nosso pecado e a reconciliação com o Pai, não temos base em que permanecer a fim de fazer qualquer apelo a Deus. Você e eu temos o direito de ir a Sua presença somente com base no sangue derramado

vasta extensão de dificuldades e problemas e pedindo ao Seu Pai para começar a curar seus males políticos e sociais. Os males do mundo não podem ser curados pela interposição direta de Deus nas aflições de uma geração incrédula, mas somente pela unidade e dinâmica espirituais daqueles que crêem em Seu nome. É mediante o poder disso, por meio do Espírito Santo, que o mundo também pode encontrar salvação por crer no Filho de Deus. O que o mundo precisava não era de uma mão celestial para dissipar seus problemas enquanto vive no inferno de sua incredulidade, mas de uma testemunha espiritual que o conduziu para o reino de Deus pela fé de Seu Filho redentor. Aquela foi a única oração que é sabida ter Jesus proposto para o mundo a oração para que o mundo fosse levado a crer Nele por intermédio da dinâmica espiritual de Seu povo.

As ilimitadas orações que estão sendo propostas pela salvação

física e material da multidão incrédula são claramente reprovadas tanto pela oração de Jesus ensinada aos Seus discípulos como por Sua oração concentrada e intensamente mediadora. Vamos aprender a lição e não espalhar nossas orações vagamente sobre petições não-espirituais. Um mundo incrédulo não pode ser salvo de suas misérias exceto pela graça espiritual de Deus em Seu Filho. Nós podemos de fato orar para que Deus restrinja a falta de sabedoria dos governantes e a violência dos governados, a fim de que a paz prevaleça para que a mensagem do evangelho seja espalhada. Pois Deus, de acordo com Sua vontade, impede as forças do mundo descrente, mas nosso Salvador nos mostrou que o centro da oração é pela salvação espiritual e pela graça espiritual e unidade de Seu povo crente. “Santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no céu.”

A CRUZ E A INTERCESSÃO

Gordon Watt

“Portanto, [Cristo] pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25).

Não é difícil ver a ligação entre a colina verde do lado de fora do muro da cidade e o assento à direita da Majestade no alto. A eficácia da obra de Cristo no altar de bronze da cruz está sendo constantemente perpetuada por Sua obra no altar de ouro diante do trono, e Ele é apto para salvar aqui embaixo porque lá, no centro de todo poder, Ele vive para fazer

intercessão por nós.

Aqui está a visão que o Espírito Santo, por meio deste Livro, nos permite captar com relação ao que está acontecendo lá em cima. O Senhor Jesus Cristo está ocupado com o trabalho à direita do Pai por aqueles que Ele redimiu e aceitaram Sua redenção. Sua intercessão é simplesmente a continuidade de Sua

A INTIMIDADE DA ORAÇÃO

J.C.Metcalf

Nunca posso ler o relato da conversão de Saulo de Tarso sem ser afetado pelo comentário que Aquele “a quem todos os corações estão abertos e conhece todos os desejos” fez a Ananias. Saulo gastou muito de sua vida dando a mais completa atenção às observâncias religiosas, e o seu próprio testemunho desse fato foi: “Eu era (...) extremamente zeloso das tradições de meus pais” (Gl 1:14). Contudo agora, pela primeira vez, Deus diz dele: “Estava orando”. O dia da nova vida alvoreceu para Saulo, a vida que consiste essencialmente de comunhão com o Deus vivo, momento a momento, por toda a eternidade.

Robert McCheyne exortou seu povo a “orar no Espírito” (Jd 20). “Quando um crente ora”, disse ele, “não está só, mas há Três com ele. O Pai vê em secreto, Seu ouvido se abre; o Filho encobre o pecado e ergue a oração; o Espírito Santo vivifica e dá os desejos. Não pode haver oração verdadeira sem estes Três. Algumas pessoas oram como papagaios, repetindo palavras enquanto o coração está distante de Deus. Alguns oram sem o Pai estão falando para o encosto de sua cadeira ou para o vazio do ar. Alguns oram sem o Filho vêm em seu próprio nome e em sua própria justiça. Alguns oram sem o Espírito Santo estes não estão cheios de aspirações divinas. Querido amigo, se quiser viver, você deve orar; e se quiser orar de modo a ser aceito você deve orar ao Pai, no nome de Jesus e pela vivificação de Seu Espírito”. Isso vai à raiz das coisas e destaca o fato de

que a oração é um movimento interior da vida, não um exercício exterior. Há uma tendência de se ver a oração como um poder inexplicável que, se manejado corretamente, produzirá os mais mágicos resultados. Muito do que é escrito nos livros e textos cristãos dá a impressão de que a oração é um tipo de “acréscimo” à vida cristã, um tipo de botão que, se manejado corretamente, produzirá o resultado desejado. Na verdade, aquela dependência de Deus, que faz a oração necessária, é exatamente a primeira evidência da existência da nova vida em Cristo; e quando o cristão cresce Nele, a vida se torna uma longa e íntima oração.

Ao falar de oração (Mt 6:5-15), o Senhor Jesus primeiro coloca um não. “Não sejais como os hipócritas”, para quem a oração é como um drama a ser interpretado a fim de que uma reputação de piedade seja ganha. “Em verdade vos digo”, Ele continua, “que já receberam o seu galardão”. É possível estarmos satisfeitos com uma reputação de espiritualidade e nunca vermos as obras graciosas de Deus porque automaticamente nos conformamos ao costume e perdemos a verdadeira dependência de Deus. Esta é uma das razões de os livros que falam de “maravilhosas respostas à oração” serem lidos tão avidamente e, contudo, o efeito sobre os leitores ser de apenas fazê-los exclamar: “Gostaria de poder orar assim!”, sem nenhum despertamento de desejo e verdade que os conduza ao jubiloso lugar da verdadeira comunhão

com Cristo.

A oração verdadeira é a prática da paixão, da qual Deus e somente Deus deve ser o objeto de nossa confiança e deve ser glorificado em tudo o que Lhe agrada fazer conosco ou por meio de nós.

A oração em grupo é negada por essa diretiva? Não! Mas está implícito que a oração coletiva somente será uma realidade se ela proceder de uma assembléia acostuada à oração privada. Aqui está a razão para o embotamento e carência em tantas das nossas reuniões de oração. O exterior é forçado. O ato de orar é mantido presente, enquanto o tratamento do coração por Deus é pouco entendido. Somos freqüentemente mais conscientes de como devemos nos expressar do que cheios de desejos que devem encontrar expressão, mesmo que inadequada, diante de Seu trono. Por isso nossas reuniões de oração se tornaram afetadas e formais, e, portanto estereis e ineficazes, e nos admiramos porque o povo não está interessado nelas.

As negativas nunca estão sozinhas na Palavra de Deus, e nosso “não” está imediatamente seguido por uma ordem positiva: “Mas tu quando oraes, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará” (v. 6). Note a ênfase no isolamento: TEU aposento, TUA porta, TEU Pai. Feche cuidadosamente a porta, a porta de seu próprio retiro, para excluir a todos menos seu Pai, com tanto segredo quanto se você estivesse próximo de um ato criminoso. Aquele que está no lugar secreto, talvez em alusão à presença de

Deus no escuro do Santo dos Santos, está no lugar do qual todos os outros são excluídos. Seguramente o fator importante na oração deve ser que tudo o mais é rigorosamente excluído, exceto o indivíduo e seu Deus; e, com cada um de nós que deseja aprender, Deus insistirá que esta lição é a principal. Paulo dá aos coríntios um retrospecto de uma experiência restrita pela qual ele foi conduzido: “Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira oprimidos acima das nossas forças, de modo tal que até da vida desesperamos; portanto já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte,” - e aqui vêm as lições que o Mestre lhe estava ensinando -- “para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos; o qual nos livrou de tão horrível morte, e livrará; em quem esperamos que também ainda nos livrará, ajudando-nos também vós com orações por nós, para que, pela mercê que por muitas pessoas nos foi feita, por muitas também sejam dadas graças a nosso respeito” (2Co 1:8-11).

O grande segredo de toda vida cristã é a absoluta dependência de Deus e de Deus somente, e a oração é o veículo constante de nossa expressão dessa dependência. Não nos peguemos vigiando os recursos humanos pelos quais sentimos que a oração pode ser respondida, tendo um olho em Deus e o outro nos recursos a serem usados. Amo voltar a um livro sobre o qual eu fui educado: *A autobiografia de George Müller*. Em certa ocasião, quando a demanda das Casas de Órfãos havia

ORAR PELO MUNDO

John Thomas

Temo muitíssimo que as orações públicas de hoje estejam se tornando superficiais, carentes tanto de concentração como de profundidade de discernimento. Se formos chamados a lembrar quão concentrada era a oração que nosso Senhor ensinou a Seus discípulos, e quão intensamente focada era a grande oração mediadora pela qual Ele dedicou Seu povo crente ao amor do Pai, então perceberemos quão vasto o contraste entre essas intensas petições e as tantas orações de púlpito e outras públicas que são oferecidas no tempo presente. Parece estar crescendo a idéia de que o valor da oração consiste em detalhar as necessidades do mundo, especialmente suas dificuldades mentais e corporais, em oração diante do Senhor. Parece-me que aqueles que propõem tais orações precisam considerar profundamente dois textos especiais.

“Porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes” (Mt 6:8), e: “Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (v. 33). Isso restringiria aquelas maravilhosas orações que apresentam um catálogo de infortúnios do mundo diante do Senhor, e pede por bênçãos indiscriminadas, divorciadas tanto do poder espiritual quanto do título espiritual para as receber.

Quando consideramos a oração de nosso Senhor somos tocados por sua brevidade e intensidade. Então somos tocados pelo fato de que há apenas uma breve petição pelas coisas do

corpo: “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” (v. 11). Descobrimos que sua referência às necessidades do mundo é inteiramente espiritual: “Santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no céu” (vv. 9,10). Mas alguém pode dizer: “O reino de Deus inclui todas as coisas, e todas as questões diárias da vida.” Há muitos que pensam assim, por isso suas orações estão cheias dessa falsidade. Isso é o que a mente secular de hoje gosta de pensar sobre o reino de Deus, pois, desse modo, as pessoas podem ser súditos do reino de Deus sem a aflição do novo nascimento, sem as lágrimas do arrependimento e sem a vida consagrada que é vivida no Espírito de Deus. Nosso Salvador declarou que o reino de Deus está em nós. Ele também deixou claro que o reino de Deus é o reino da justiça de Deus e que ninguém pode encontrá-lo exceto pela viva fé Nele como Salvador. Sua testemunha inspirada, Paulo, nos diz que “o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rm 14:17).

Na grande oração mediadora, nosso Salvador se concentrou sobre a necessidade e o poder espirituais e excluiu todas as necessidades e calamidades seculares do mundo. Ele disse a Seu Pai em termos expressos: “Não rogo pelo mundo” (Jo 17:9). Não que Ele estivesse desconsiderando o mundo, pois o mundo é introduzido a seguir mais definitivamente em Sua oração. Mas Ele não estava tratando com o mundo e sua

Em 2 Tessalonicenses 3:1-3, Paulo escreveu: “Rogai por nós, para que a palavra do Senhor tenha livre curso e seja glorificada”. Por um lado orar é abrir a porta e, por outro, é fazer com que a mensagem se espalhe rapidamente; orar para liberar a palavra, orar para tornar a ministração aceitável, orar para ser livre das pessoas injustas; orar, orar, orar; a obra de orar. Não é de mais poder que estamos precisando, mas de mais oração definida oração focada nos pontos certos. Estamos orando vagamente: “Oh, Senhor, derrama Teu Espírito”, em vez de ter a preocupação de encontrar a necessidade e orar por ela.

Precisamos entender a oração definida a Deus para abrir portas e fazer a mensagem se espalhar. Mas para isso devemos entender também os obstáculos. Nossa deficiência em estarmos aptos para orar o tipo de oração que funciona é porque não oramos sobre os pontos certos. Você deve ver o que é necessário a fim de focar a oração naquilo.

É aqui que a inteligência na oração e aprender a conhecer a Deus entram. Sim, e algo mais: a necessidade do conhecimento do inimigo que impede. Cada passo que Paulo tomou foi diante do inimigo. Paulo foi obstinado e firme por toda a vida depois de sua conversão, mesmo com oposições diante dele e pessoas arruinando seu trabalho atrás dele. Leia a vida de Paulo em seu lado terreno e você descobrirá que ele não teve um tempo fácil; mas teve vitória por toda parte. Se hoje um ministro não sabe como orar a oração que funciona e ter outros que combatam em conjunto com

ele em oração, então, ele é forçado a se voltar aos métodos mundanos para alcançar pessoas e especialmente para obter os fundos necessários. Há dinheiro para as coisas mundanas e não há carência dele para espalhar o erro, mas não há dinheiro para a pregação da cruz e para aqueles com nada além da verdadeira mensagem de Deus. Satanás é opositor por detrás de todas as coisas, e devemos atá-lo pela oração e desatar o dinheiro para a obra de Deus onde sempre há a fiel pregação da mensagem do Calvário.

Volte para o último capítulo da carta de Paulo aos efésios e veja quão maravilhosamente o apóstolo descreve o conflito e a vitória da oração mediante o elevar das mãos do guerreiro de oração vestido com a armadura. “Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra as (...) hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (v. 12). No topo do monte nos lugares celestiais o guerreiro de oração é chamado para se levantar e, vestido da armadura celestial, tomar a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.

“Você pode trabalhar sem orar, porém é um plano ruim; mas você não pode orar com sinceridade sem trabalhar”, disse Hudson Taylor.

assumido grandes proporções e as necessidades eram urgentes, ele escreveu: “O que deve ser feito sob tais circunstâncias? Confiar naquilo que temos à mão, depender da liberalidade dos antigos doadores ou confiar nos muitos relatórios que circularam? Tudo isso seria como a cana quebrada se apoiado sobre ele. Confiamos apenas no Deus vivo e estamos seguros de que Ele enviará ajuda, pois Ele mesmo me guiou para o crescimento da obra e faz com que cresça ainda mais, semana após semana. Esta confiança no Deus vivo, somente esta, mantém meu coração em paz.” Tal tranqüila segurança em Deus não pode ser imitada, tem de ser aprendida no lugar secreto.

Nossos febris esforços de fazer coisas para Deus são a clara evidência de que não entendemos e não temos prestado atenção nesse mandamento, que não é somente a base de todo descanso do coração, mas o meio pelo qual Seu coração de amor pode ser satisfeito e Seu Nome glorificado. Devemos deixar estes urgentes possessivos se queimarem em nosso íntimo: “TEU aposento, TUA porta, TEU Pai”. Quantas riquezas repousam escondidas no lugar secreto, do qual Deus tem prazer em que tiremos para toda necessidade! Quantas lições são aprendidas aqui, as quais nos dão um íntimo conhecimento de nosso Pai e nos preparam para a plena comunhão com Ele, que durará por toda a eternidade!

“E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque pensam que pelo seu muito falar serão ouvidos” (v. 7). Aqui está um erro que

difícilmente morre! Prontamente vêm a nossa mente exemplos da futilidade da mera multiplicação de palavras, do uso da oração como um tipo de força acumulativa e persuasiva. Pense nos sacerdotes de Baal persuadindo a eles mesmos numa furiosa repetição sobre o Monte Carmelo e compare tudo isso com as poucas e breves sentenças de Elias que eram fruto de uma vida vivida no lugar secreto: “Vive o Senhor dos exércitos, em cuja presença estou” (1Rs 18:15). Ouça o despropositado clamor por duas horas contínuas do lema “Grande é a Diana dos efésios” (At 19:34). Essa cega crença pagã na “oração” sempre se orgulha de si mesma e confia em seu fervor e volubilidade. Como um comentarista escreve, existem ramos da assim chamada igreja cristã nos quais a repetição contínua, mesmo da oração-padrão dada na passagem que estamos estudando, é encorajada, até que se torne uma espécie de encantamento. O triste é que entre muitos cristãos evangélicos, onde a oração extemporânea inexistente, essa mesma idéia é muito prevalecente. Se oramos bastante pensamos que Deus está compelido a responder; mas se não oramos o suficiente nos tornamos desanimados e incrédulos. O próximo verso da passagem que estamos estudando nos traz enfaticamente de volta à base da verdadeira oração e íntima comunhão com Deus: “Não vos assemelheis, pois, a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes” (Mt 6:8). Que palavras simples, e mesmo assim quão pouco significam para muitos de nós!

Certamente, na construção de

uma casa é ao arquiteto, a pessoa que estimou as necessidades antes de as fundações terem sido colocadas, que os pedreiros procuram para seus suprimentos. Eles não são responsáveis por suprir seus próprios tijolos; eles são chamados somente para usar os materiais que lhes são proporcionados. Se forem necessários materiais eles automaticamente se voltam àquele que, tendo planejado, conhece portanto tudo o que será requerido para terminar a obra apropriadamente. Nossa incapacidade de compreender o significado da grande e prática verdade do versículo em apreço está radicada em nossos desejos de sermos o arquiteto de nossas próprias sortes e fazer o trabalho de Deus por Ele. Assim poucos de nós estão satisfeitos por serem apenas operários, colocando tudo o que temos e somos na atividade planejada por Deus, e somos incapazes de aprender o verdadeiro poder da oração. Hudson Taylor falou das profundidades de seu amplo conhecimento quando disse: “À obra de Deus, feita da maneira de Deus, nunca faltará o suprimento de Deus”. A tarefa para a qual Deus envia uma pessoa nunca pode falhar por carência de alguma coisa, tanto espiritual como material, necessária para sua conclusão. Podemos nos aproximar do trono da graça e pedir na absoluta confiança de que Ele mesmo, que planejou e avaliou nossas necessidades até o menor detalhe e está esperando por nós para reconhecer e atuar sobre nossa completa dependência Dele, quer para direção ou suprimento, nos suprirá com tudo de que necessitamos.

Comparando o relato da alimentação de cinco mil de Mateus 14:15-21 com João 6:1-13, dois fatos notáveis emergem. Mateus registra a ordem “Dai-lhes vós de comer”. João olha por detrás da ordem para a sabedoria do planejador: “Porque ele bem sabia o que havia de fazer”. Ele nunca enviou Seus discípulos para uma missão tola. Quando Ele instrui é com o pleno conhecimento de cada necessidade e implicação, e Ele tem sob Sua ordem insondáveis riquezas com as quais supre. O problema real é que Seus caminhos são tão diferentes dos nossos e que, a menos que estejamos preparados para deixar nossa pressa e planos e humildemente aprender Dele, nós nunca controlaremos a intimidade da oração.

Dos versos 9 a 13 são estabelecidos os grandes princípios sobre os quais toda verdadeira oração está edificada, e é digno de notar que estão introduzidos por “Portanto vós orareis *assim*”, não meramente “*com estas palavras*”. Nos versos 14 e 15 lemos: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai perdoará vossas ofensas”. Este não é o único lugar em que tal importante aspecto da oração é acentuado. Vamos, por exemplo, para Mateus 18:19-35. Imediatamente se segue uma das promessas mais apreciadas pelos cristãos, que mostra a voluntariedade do Pai em responder a oração e da presença real do Salvador ressuscitado no meio da oração de Seu povo. Pedro expressa seu entendimento

Oração por Paulo

“Ore”, disse ele, “para que eu seja livre”. O quê? Paulo livre dos incrédulos? Sim, ore pelos mensageiros de Deus para sejam livres da oposição e dificuldade em seu serviço. Isso deveria significar que todo evangelista sai para trabalhar com uma poderosa força de oração por detrás dele. Esta é a dificuldade da igreja: falta de oração, falta do trabalho de oração, falta de oração definida.

Paulo disse: “Ore para que (...) minha administração [meu serviço] seja bem aceita[o]”. Você já orou para que o ministério de um servo de Deus seja aceito por ser santificado pelo Espírito Santo? Sim, ore para que eles nunca saiam fora da vontade de Deus; ore para que sejam livres, pois cada pequeno trabalho de evangelismo hoje é feito apesar da oposição, tanto quanto nos dias de Paulo.

Em 2 Coríntios 1 você encontrará outro aspecto da necessidade de oração de Paulo. Havia um grande transtorno em seu trabalho na Ásia e ele estava sob grande pressão, a ponto de desesperar da própria vida. Ele obteve a resposta de Deus de que isso era uma experiência de morte, para que não confiasse em si mesmo, mas precisasse orar. Digo a você que, quando alguém no serviço de Deus está passando por essa experiência ele precisa que outras almas se levantem com ele. Paulo precisou disso. “Até da vida desesperei”, disse ele, mas Deus “nos livrou de tão grande morte, e nos livrará ainda (...) ajudando-nos também vós com orações”.

Havia intercessores por trás

de Paulo. Possivelmente Paulo não soubesse metade do que Deus estava fazendo com ele por Sua igreja. Ele viveu sob pressão, conflito e sofrimento, mal imaginando o que Deus estava fazendo por toda a igreja de Cristo por meio dele. Vigoroso homem de Deus como Paulo era, estava pedindo pelo apoio da oração de outros. Se o vigoroso apóstolo precisava desse incessante combate com ele em todos os lugares a que ia com a mensagem de Deus, o que dizer dos servos de Deus de hoje? Eles precisam das orações de outros por eles.

Orar Para Abrir Portas

“Orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta para a palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo” (Cl 4:3). Somente Deus pode abrir portas para a pura verdade da Palavra, e no estágio atual da história da igreja a oposição intensa dos poderes das trevas é tal que não haverá uma porta aberta para o evangelho sem oração para abri-la. Cada simples passo que deve ser tomado agora somente é possível pelo trabalho de oração. As portas estão fechadas? Abra-as pela oração.

Cada passo do caminho de Paulo somente foi possível pelo trabalho de oração. Por todo lado hoje há um relato de escassez da Palavra de Deus. Por todo lado portas são fechadas. Lugar após lugar está fechado, portas somente estão sendo abertas pelo trabalho de oração. Nem uma simples porta será aberta para pregar o evangelho a menos que você dirija para ela um forte poder de oração.

Oração Para Que a Palavra se Espalhe

perseveraremos na ORAÇÃO e no ministério da palavra” (At 6:4). A Igreja primitiva sabia como orar. Eles sabiam como abrir as portas da prisão para Pedro. Eles não foram com uma petição a Herodes, mas se dirigiram a Deus em “contínua oração” (12:5). Aquela era a oração que funcionava tão efetivamente quanto com Elias e Moisés. Ali estavam os apóstolos homens batizados como o Espírito Santo dizendo: “Perseveraremos na oração”. É essa a norma de trabalho em nossa vida?

Somos responsáveis pelas coisas sobre as quais não temos orado. Muito freqüentemente pensamos que orar significa uma meia hora pela manhã ou reuniões de oração às quais metade das pessoas vão para obter direitos com Deus. Teria Elias tido aquela poderosa e efetiva oração se tivesse constantemente orado por seu próprio crescimento pessoal? Não é de admirar que não entendamos que oração é um trabalho e que toda oração deveria alcançar algo.

Vimos o trabalho de oração de Elias por todo um país e o trabalho de oração de Moisés pela nação escolhida; agora vamos tomar o exemplo de Paulo em seu trabalho de oração. Primeiro veja como ele anelou as orações dos santos, embora fosse um homem batizado com o Espírito Santo. Ele conhecia a Deus e, mesmo assim, até mesmo com lágrimas, suplica para que os filhos de Deus se juntassem a ele em sua vida intercessora e participassem com ele em seu serviço e conflitos.

Não deixamos o púlpito sem a proteção da oração? Quanto você tem orado por seu ministro? Quanto você tem

orado pelo homem no púlpito distraído pelas doutrinas de demônios? Somos responsáveis até mesmo pelas coisas que mais nos fazem sofrer na igreja, porque não oramos. Ainda não ficou claro para muitos de nós que devemos orar por todos os santos e por todo o povo de Deus.

Como Paulo Orou

Paulo orou ardorosamente em meio de sua vida ativa pelas igrejas. Suas epístolas estão saturadas de orações. Tome a oração de Paulo pelos efésios, pelos filipenses e por outros crentes se você quer saber como orar na vontade de Deus por outros, ore essas orações, pois a vontade de Deus está nelas.

Observe também que Paulo pede em seu próprio favor, e você verá como as necessidades de Paulo tocam as necessidades dos servos de Deus hoje. Oh, que Deus nos dê um profundo entendimento deste trabalho de oração. Não há nenhum de vocês que esteja impedido de se dar a Deus para isso. Você tira tempo para isso? Você diz que não poderia fazê-lo, pois tem de trabalhar, mas pense nos momentos fúteis que poderiam ser ocupados com oração e transformados em tesouros para a igreja de Cristo.

O que Paulo pediu? “Rogo-vos (...) que COMBATAIS COMIGO EM VOSSAS ORAÇÕES por mim a Deus” (Rm 15:30). Eis uma definida cooperação entre Paulo e os santos na oração por ele mesmo. Ele disse: “Combatais comigo em vossas orações”. Você sabe como combater por outro em oração? Você conhece o caminho para combater em conjunto em oração unânime?

na vigorosa apresentação da obrigação de perdoar. Ele pergunta: “Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu hei de perdoar? Até sete?” A resposta é inquestionável: “Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete”. Então, segue-se a notável história do servo que, perdoado de uma dívida esmagadora, se recusou a perdoar seu conservo uma insignificante dívida e é, por isso, entregue “aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia”. A palavra final do Senhor é: “Assim vos fará meu Pai celestial, se de coração não perdoardes cada um a seu irmão”. Marcos 11:22-26 repete o mesmo tema. No verso 22 o Senhor Jesus instrui Seus discípulos de que Deus deve ser o único objeto de sua confiança, e, então, faz a maravilhosa declaração sobre o mover das montanhas, que certamente é algo mais do que uma dica do ilimitado poder que Deus pode e exercitará com e por meio daqueles que confiam Nele. Então subitamente nos encontramos de volta ao mesmo lugar: “Portanto vós orareis assim (...) perdoai”. Para explicar essa instrução, devemos retornar ao fato de nosso novo relacionamento, como cristãos, de unidade com Deus. O ensinamento das epístolas de Paulo confirma isso. Tanto em Efésios como em Colossenses (Ef 4:20-32; Cl 3:8-14), o chamamento para a benignidade e a misericórdia está intimamente ligado ao despojamento da velha natureza e com o revestimento da nova, “que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou”.

Aqueles que freqüentam o lugar secreto, porque é seu lar, e vivem

em comunhão íntima e harmônica com o Pai devem por necessidade se tornar um com Ele em propósito, ponto de vista e natureza. Por Deus ser luz, não somente faz a pecaminosidade e tolce da velha natureza se tornar um problema, mas eles também aprendem a verdadeiramente discernir o certo e o errado em tudo o que se passa ao seu redor. Porque Deus é amor eles se tornam diariamente mais compreensivos e compassivos e vêem seus companheiros com novos olhos. Quão maravilhosamente paciente Deus é! Quão gracioso em todos os Seus caminhos e condutas! Quando em luta com o pecado do mundo e envolvido no conflito final com todos os poderes do inferno sobre a cruz, o Deus-Homem orou: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34). Seguindo seu Rei, Estevão morreu com a oração nos lábios: “Senhor, não lhes impute este pecado” (At 7:60). Foi dito do Arcebispo Crammer: ‘Faça ao meu senhor de Cantuária uma má ação e você o fará seu amigo para sempre.’ O segredo repousa no glorioso fato de que somos de fato trazidos para perto de Deus em Cristo quando estamos unidos a Ele num profundo e rico entendimento que inunda o coração e a vida, fazendo da oração aquela absolutamente necessária comunhão interior que, em seguida, transborda em bênçãos para aqueles entre os quais vivemos e trabalhamos.

A NECESSIDADE DE UM REAVIVAMENTO DA ORAÇÃO

Jessie Penn-Lewis

Se houvesse um reavivamento da oração entre os filhos de Deus, logo haveria um reavivamento das bênçãos no mundo fora da Igreja. Nós entendemos muito pouco sobre a oração inteligente. Ela é revelada a muitos como uma obra extremamente definida, tanto quanto a obra de pregação. Voltemos a Tiago 5:16: “A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos”.

Como Elias Orou

Observe como a oração operou no exemplo mencionado por Tiago. O apóstolo se refere a Elias e diz: “Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós”. Ele então prossegue para mostrar os efeitos de sua oração, o suficiente para dizer que o que é possível para Elias é possível para você. “Orando, pediu que não chovesse, e, por três anos e seis meses não choveu sobre a terra”. Esse homem tinha poder para fechar os céus; ainda assim “era um homem sujeito às mesmas paixões que nós”. Ser capaz de orar para que os céus se fechem sobre todo um país é de fato trabalhar. Para muitos, orar é algo a ser feito quando há algum tempo livre, e mesmo assim só raramente. Mas orar é uma obra definida, maior e mais vasta em seus resultados do que qualquer outro serviço a ser feito sobre a terra.

Elias um homem como nós pôde tocar um país todo. O que precisamos é abrir a mente para as possibilidades de tal oração e nos pormos a conhecer Deus, a fim de orar como Elias. Aqui está uma tremenda

possibilidade para todo crente que deseje aprender. Elias conhecia a Deus e conhecia a vontade de Deus a ponto de orar a oração que funcionou para Israel. Você também poderia tocar todo o país, sim, todo o mundo da mesma forma, se conhecesse a vontade de Deus; pois orar de acordo com a vontade de Deus “pode muito em seus efeitos”.

Oração de Ligar e Desligar

Existem dois aspectos da oração mencionados por Tiago em conexão com Elias aos quais Cristo fez referência quando estava na terra: o ligar e desligar das coisas pela oração (Mt 18:18). Falando desse poder da oração, o Senhor Jesus disse: “Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu”. O contexto claramente mostra ser este o ligar e desligar da oração, pois o Senhor prosseguiu dizendo: “Se dois de vós concordarem na terra (...) isso lhes será feito”.

Como obreiros de Deus devemos alcançar um lugar de conhecimento de Deus e de conhecimento desse tipo de oração. Ainda não alcançamos o ponto da oração que satisfaça a necessidade de hoje. “Orando, pediu que não chovesse, e, por três anos e seis meses não choveu sobre a terra”. Então, simplesmente é dito: “E orou outra vez, e O CÉU DEU CHUVA”. Isso é tudo o que Tiago diz sobre algo tão tremendo. Ele não diz: “Que maravilhoso Elias!” Não há palavras sobrando na Bíblia, mas sóbrios anúncios, sem

exageros, mas uma calma e majestosa onipotência. Quando Deus faz coisas imensas, Ele as faz quietamente, exatamente como fez em resposta àquele que “orou outra vez, e o céu deu chuva”.

Vamos agora dar uma olhada para Moisés e sua obra de ligar e desligar em Êxodo 17. Israel estava em necessidade desesperada de água e naquela necessidade começou a reprovar Moisés. Moisés foi a Deus e “clamou ao Senhor” pelas necessidades do povo, e o Senhor lhe disse o que fazer: “Eis que eu estarei ali diante de ti (...) e tu ferirás a rocha, e dela sairão águas” (v. 6). Moisés o fez, e a água fluiu. Neste aspecto da oração, satisfazer a necessidade do povo, note especialmente o clamor de Moisés e a resposta de Deus.

Mas nesse mesmo capítulo temos o outro aspecto da oração. Amaleque atacou Israel. Moisés não clamou ao Senhor nesse caso. Tomando o cajado de Deus, ficou sobre o cume do outeiro e levantou as mãos (vv. 8-15), enquanto Josué foi ao vale lutar. Quando as mãos de Moisés abaixavam, Amaleque prevalecia, mas, quando ele as mantinha para cima, Israel prevalecia. O que Moisés estava fazendo? Certamente levantando as mãos contra o inimigo invisível por detrás do ataque de Amaleque ao povo de Deus.

Para entender isso, você deve lembrar que a Bíblia diz claramente que Deus tratou com todas aquelas nações com julgamento severo porque Ele estava em guerra com os deuses que elas adoravam. Por toda a Escritura nos é mostrado que idolatria é adoração a

demônios (1Co 1:19,20). Por detrás dos deuses dos cananitas estavam forças satânicas, assim como hoje em todo lugar onde ídolos são adorados. Quando os povos idólatras atacaram Israel, Moisés não clamou ao Senhor, mas se pôs sobre o outeiro e levantou o cajado, representando o poder de Deus, contra os poderes sobrenaturais por trás de Amaleque (Ef 6:10).

Aqui então há dois aspectos da oração ilustrados nesses incidentes: o aspecto da súplica, na ida de Moisés a Deus e rogando pelo povo: “Senhor, dê água a eles!”, e o outro de se colocar com Deus contra o inimigo, quando tomou a atitude de levantar as mãos. No primeiro, Deus mostrou a ele o que fazer para obter água, mas há uma mudança completa de atitude quando vem o conflito. Nesse caso, ele procurou o outeiro e levantou as mãos, e nessa posição de contínua resistência Moisés teve de se manter até que a vitória fosse completa. Não foi uma tarefa tão fácil como em seu trabalho de súplicas, pois significou prolongado sofrimento até que a vitória fosse ganha. No final do capítulo, a chave para a atuação de Moisés é dada nas palavras “O Senhor é minha bandeira!” Moisés estava levantando uma bandeira contra os inimigos invisíveis.

A Oração no Pentecostes

Se voltarmos para a igreja em Pentecostes e para a postura de oração dos apóstolos, veremos que para eles orar era uma obra. Veio dificuldade para aquela igreja cheia do Espírito, e em meio disso o apóstolo falou: “Nós nos daremos a nós mesmo para colocar esse assunto em ordem”? Não! Mas: “Nós